CANTOS

DO

EQUADOR

MELLO MORAES FILHO

CANTOS
DO
EQUADOR

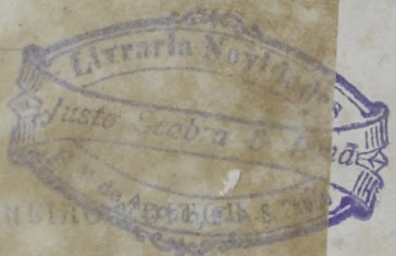
EDIÇÃO DEFINITIVA

COM UM

ESTUDO POR XAVIER MARQUES

E UMA

INTRODUCÇÃO POR SYLVIO ROMERO



H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

RIO DE JANEIRO
71-73, RUA MOREIRA CESAR

PARIS
6, RUE DES SAINTS-PÈRES

1900

Ficam reservados todos os direitos de propriedade.

Vicente Fernando
S. Paulo, 21-8-916

MELLO MORAES FILHO

CANTOS
DO
EQUADOR

EDIÇÃO DEFINITIVA

COM UM

ESTUDO POR XAVIER MARQUES

E UMA

INTRODUCÇÃO POR SYLVIO ROMÉRO

Livraria Novidades
Justo Scoba & Irmão
R. 11 de Agosto, 21 S. PAULO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

RIO DE JANEIRO
71-73, RUA MOREIRA CESAR

PARIS
6, RUE DES SAINTS-PÈRES

1900

Ficam reservados todos os direitos de propriedade.

MELLO MORAES FILHO

(ESTUDO)

I

Alexandre José de Mello Moraes Filho nasceu na Bahia aos 23 de fevereiro de 1844. Seu pae, o notavel historiador Mello Moraes, viu-se desamparado da fortuna ao tempo exactamente em que o filho começava sua instrucção.

Quem sabe quanto custa n'esta terra a curiosidade de saber—avalia facilmente a situação do joven estudante.

Mais do que em outra parte, verifica-se aqui o que da litteratura disse Walter Scott: quando muito será ella um bastão; jamais uma muleta. E ai! dos que, naufragando nos baixios da adversidade só pódem mostrar a esta patria, quasi analphabeta, uma bagagem litteraria ou scientifica, nem que das mais preciosas.

Por isso, não obstante o muito que pelas lettras

fizera seu illustre progenitor, Mello Moraes Filho « teve que luctar com immensos embaraços para instruir-se e abrir caminho na sociedade ».

Sua juventude foi dura e acabrunhada, accrescenta o Dr. Sylvio Roméro, no capitulo que lhe consagra em sua monumental historia da nossa litteratura[1]. Vingando comtudo os serios obstaculos que lhe embaraçavam a marcha, conseguiu preparar-se para a carreira ecclesiastica e lá foi envergar as roupas talares no seminario de S. José, na côrte.

Ahi aproveitou o joven seminarista, subindo successivamente de simples ostiario a acolyto, e ensaiando já a eloquencia sagrada no pulpito de algumas egrejas. Sua vocação pareceu decidida e haver achado o meio propicio a seu desenvolvimento; e bem ao contrario de Tobias Barreto, tanto se lhe accommodou o genio á communhão das coisas santas, que em 1867, aos vinte e trez annos de edade, se achava n'esta provincia para receber as ultimas ordens que o haviam de sagrar padre.

Uma vez restituido ao seio de sua terra natal, o quasi sacerdote metteu-se á convivencia de poetas como Castro Alves, Antonio de Carvalhal, Elziario Lapa Pinto e outros, em cujas producções ainda se prolongava o brilho de sete annos atraz,

1. *Historia da Litteratura Brasileira*, Sylvio Roméro.

quando n'esta decahida Bahia as lettras cultivavam-se n'um cenaculo egregio de talentos, quaes eram Moniz Barreto, Agrario de Menezes, Junqueira Freire, Baldoino Embirussú, Mendonça, Luiz Alvares, Manoel Pessoa, Laurindo Rabello, Rodrigues da Costa e Gualberto de Passos.

Tendo antes de sua vinda sido iniciado no cultivo da poesia, graças á influencia de Laurindo Rabello e principalmente de Bittencourt Sampaio, seu « caro mestre » como lhe chama, Mello Moraes Filho transigiu pouco a pouco com a austeridade religiosa obrigada á sua posição e entrou a procurar a companhia de estudantes e litteratos da grey profana.

O resultado d'esse contubernio foi desistir de suas aspirações sacerdotaes e renunciar para sempre á carreira ecclesiastica.

Tentações da musa? Conselhos de amigos? Ambição de glorias mais do mundo? Não sei.

O certo é que Mello Moraes illudiu-se a si proprio, a crermos no auctorisado critico já citado, o qual é tambem seu amigo; illudiu-se porque « no fundo, intimamente, continuou a ser o que ainda hoje é, um verdadeiro padre, mais padre do que muitos dos que ahi andam de batina e dizem missa[1] ».

1. Sylvio Roméro, *Op. cit.*

Por esse testemunho, mui digno de fé, bem se vê, não havia que receiar a repetição do caso de Junqueira Freire. Este, para me servir das palavras de Mello Moraes, era o Anacreonte dos claustros, um D. Juan disfarçado em monge. Mello Moraes Filho é ainda hoje o religioso disfarçado em poeta. Deixou o culto divino em que pudéra officiar sacramentalmente, segundo o rito da egreja, mas buscou a patria, inspirou-se do seu passado, de suas tradições, e d'ella fez uma nova religião, a que se dedica com uma abundancia d'alma piedosa e sinceramente crente.

Com effeito, o que até hoje tem sahido da penna de Mello Moraes revela, de par com seu caracter poetico, um accentuado caracter pessoal. A sua obra litteraria é antes de tudo uma bella acção. Seu zelo pelo Brasil e por tudo quanto é genuinamente brasileiro leva-o por vezes até ao excesso de uma resistencia tenaz á invasão estrangeira. A denominação de *chefe do estrangeirismo* dada ao senador Taunay é uma das mais caracteristicas ironias em que se tem desabafado seu escrupuloso nacionalismo.

Mas venhamos a mais algumas passagens biographicas do poeta bahiano.

Restituido ao mundo dos intonsos, voltou elle para a côrte do Imperio, e alli metteu-se no jornalismo e na litteratura, antes a luctar que a tra-

balhar. De suas aptidões jornalisticas deu tão decisivas provas que, algum tempo decorrido, era contractado para ir a Londres redigir o *Echo Americano*.

A sua producção na imprensa não viveu a vida ephemera dos artigos que o sorvedouro do jornalismo absorve no fim de cada dia. Quasi todos os seus trabalhos têm sido enfeixados em volumes. Quanto ao valor dos que figuraram nas columnas dos jornaes, póde ser calculado pelos artigos scientificos publicados na *Presse Medicale Belge*, os estudos de gynecologia no *Jornal do Commercio*, os folhetins do *Globo*, e artigos de critica litteraria, de bellas artes e de outros generos, que viram a luz na *Gazeta de Noticias*, na *Reforma*, na *Gazeta da Tarde*, no *Brasil Historico*, *Correio do Brasil* e outras folhas e revistas de reconhecida importancia.

Terminada a sua tarefa em Londres, transportou-se Mello Moraes á Belgica, onde estudou medicina. « As dificuldades vencidas então foram muitas ». Mas o operoso homem de lettras era d'estes a quem a adversidade retempera em vez de abater. Quiz ser medico e o foi. Era um desconhecido e um desafortunado ; mas em logar de procurar o bem estar, para n'elle viver como qualquer burguez egoista em sua aurea mediocridade, quiz subir na escala social, e pela intelligencia

conquistou a notoriedade que mais tem desvanecido sua patria do que lhe valido o galardão que ella lhe deve.

Ha annos reside Mello Moraes Filho no Rio de Janeiro, onde nos intervallos da cultura litteraria exerce a profissão medica.

Desde 1881 começou a publicar livros, que são conhecidos até na Europa, que têm merecido criticas das mais honrosas e têm tido traductores como Charles Morel, Xavier de Ricard, Emilio Deleau e E. Allain.

Recentemente appareceu no jornalismo activo entre o escolhido grupo de escriptores da *Tribuna Liberal*.

Eis ahi rapidamente traçado o cyclo de sua existencia de quarenta e cinco annos, consumidos no trabalho sem tregoas, e, diga-se a verdade, sem a recompensa a que lhe dão direito seu talento e seu caracter.

Mello Moraes Filho é d'estes que não mendigam aquillo que se lhe póde conceder sem lhe fazer favor. A essa altivez, tanto mais nobre quanto se mantem atravéz de situações prementes para sua alma, deve provavelmente o não haver sido nunca aproveitado para alguma funcção á altura de sua capacidade, d'essas com que a munificencia injusta e vangloriosa dos grandes senhores d'este imperio costumam mimosear nepotes e filhos de

pae alcaide, em regra os exemplares mais nitidos da mediocridade e da insipiencia audaz.

Assistindo á distribuição continua de favores indebitos, ao malbarato de posições que se faz n'um paiz onde a justiça e o criterio moral cedem diariamento ao empenho, elle contenta-se com as glorias litterarias, com a satisfação intellectual de verdadeiro homem de lettras.

Lembra-me uma phrase sua, dita ultimamente, ao receber de Jules Simon, da Academia Franceza, um convite para tomar parte nos trabalhos do *Congresso Internacional dos Homens de Lettras.*

Ao registrar o honroso convite escreveu elle, justamente ufanado :

« Sirva ao menos isso de compensação áquelle que em sua terra nunca serviu nem para meirinho ! »

De phrases semelhantes póde-se dizer como Taine, a proposito de um dito de La Bruyère : *de pareils traits sont des confidences.*

Mello Moraes tem sido um preterido, um esquecido. E a magua d'esse desdem accusa-a elle em mais de uma passagem de seus escriptos. Désse-lhe a natureza um temperamento á La Bruyère, e tel-o-iamos desde muito a vibrar a satyra pungente e vindicativa, á semelhança do auctor dos *Caractères.*

Adeante me referi ao seu espirito de resistencia á

invasão do estrangeirismo. Retomemos o assumpto, porque elle dá boa conta da personalidade de Mello Moraes.

O nacionalismo é uma das occupações maiores que lhe entretem a intelligencia e tambem o coração. Deste, póde-se dizer, é que parte o melhor de suas suggestões na campanha nativista, e é elle que desculpa os exageros ás vezes manifestados no decurso do combate.

Mello Moraes evoca o quadro da dissolução dos nossos costumes, da obliteração do caracter nacional, tudo levado a effeito pela onda invasora do modernismo e da immigração estrangeira; e deante esse quadro desolador, elle ora entra-se de uma desconsolação profunda, ora empenha-se com todas as forças em resguardar a arca santa que guarda as reliquias do nosso passado.

Não lhe toqueis, ó barbara civilisação, na urna sagrada que encerra quanto de precioso nos legaram nossos paes.

Se elle se refere a alguma velha costumeira supersticiosa, a alguma d'essas usanças de que hoje só temos noticia pelos livros dos *folk-loristas*, exclama logo com sentido accento:

> E de tudo isso nem um vestigio ficou! O progresso tem levado do nosso povo as crenças e as superstições, e com ellas a sua felicidade real!

A 20 de Abril d'este anno escrevia o brasileiris-

simo poeta, a proposito das ceremonias da semana santa no Rio de Janeiro :

Os nossos costumes desapparecem.

A piedade antiga que velou-nos o berço despediu-se da geração presente, que caminha de escuridão para maior escuridão, sem fé e sem Deus.

A semana santa passou, não ficando uma esperança ao desgraçado, uma consolação ao infortunio que soffre.

O povo d'esta capital, esquecido das tradições de seus paes, não percorreu em religiosa romaria os templos que ficaram desertos, e nem guardou os preceitos antigos que eram a paz da familia e a crença no futuro.

Pessimo symptoma que é este.

Caminhar sem rumo, sem uma estrella fixa que nos dirija, é repudiar a razão, é navegar com as vellas soltas ao acaso dos arrecifes e aos latidos da tempestade.

Como n'uma cidade em sitio, na noite de quinta-feira santa cada um refugiou-se na sua casa, sendo bem raras as pessoas que buscavam nas egrejas cobertas de crepe as abençoadas recordações que nos alentam para as luctas da vida e da morte.

O bem pelo mal, o perdão ás injurias, derivados do alto do Calvario, já não encontram écho n'esta sociedade bastarda, que se desfaz do seu passado como de um objecto inutil, das rezas aprendidas dos labios maternos como de uma velharia ridicula e retrograda.

Entretanto, foi ás sublimidades da religião que nossos maiores constituiram esta patria e lançaram as bases da familia nacional.

Essas expressões repassadas de piedoso sentimento e ao mesmo tempo de exprobrante sentido,

voltam frequentemente ao bico de sua penna e intervallam-se nas paginas de seus livros.

Cioso do nosso caracter nacional, Mello Moraes Filho não perdoa nem ao artista que pediu inspiração a alheia patria. Assim é que comparando as estrellas tão diversas dos compositores brasileiros José Mauricio e Carlos Gomes, conclue d'este modo, em uma correspondencia:

E' que o pobre padre nunca vendera a propriedade de suas composições a editores estrangeiros, nem se inspirava longe de seus climas natalicios!

Vem ainda a pêlo o topico de uma sua correspondencia para o *Jornal de Noticias*, do qual transparece a attitude defensiva do convicto nacionalista.

Quando se trata de immigrantes, escrevia elle, o mais leve descuido das autoridades é zurzido de modo tal que é um Deus nos acuda!

Isso porque a Allemanha e a Italia são nações poderosas e pódem, logo que queiram, nos pedir contas.

Com a nossa gente a questão é diversa, muda completamende de figura.

Os pobres cearenses, a quem o flagello da secca metteu na berlinda, são queimados a esguichos d'agua fervendo, espancados, abandonados por ahi e ninguem se lembra de tomar-lhes o partido, de protegel-os.

Por esse documento e outros que deixo de copiar para não alongar demasiado este escripto, vê-se

bem que ha no auctor da *Patria Selvagem* um franco atirador sempre disposto a impedir as avancadas do immigrantismo desorganisador e vandalico.

Mas o nativismo de Mello Moraes Filho é um nativismo philosophico e, até certo ponto, necessario. A' tendencia para o modernismo, que é ás vezes dissolvente em sua novidade, era preciso oppor uma tendencia á conservação.

Tanta verdade ha n'isso, que da elite dos nossos homens de talento destaca-se de vez em quando um ou outro, que encarna em si esse espirito conservador.

A meu ver, tres personalidades, em espheras de actividade differentes, têm representado no Brasil dos ultimos tempos o partido nacionalista da resistencia. — Na politica o saudoso Barão de Cotegipe, na critica Sylvio Roméro, na litteratura Mello Moraes Filho.

Do que é genuinamente brasileiro, daquillo que constitue o nosso typo historico, não conheço mais decididos amigos e defensores.

Não andaria entretanto muito acertado quem concluisse do quanto hei dito que o Dr. Mello Moraes Filho é em politica um retardatario, um enthusiasta da monarchia do direito divino. Eu digo que elle vai além do liberalismo e accrescento que o não poderão taxar de incoherente.

Mais de uma vez tenho verificado que o seu tradicionalismo não o leva até a reverenciar como tradição do espirito brasileiro — a fórma de governo que *felizmente* nos rege. Nacionalista de prova, nem por isso se julga inconciliavel com o ideal democratico.

Tão evidente é que o throno do Brasil não assenta na alma brasileira, nem na indole do povo; não é uma tradição arraigada, não caracterisa a nação, e portanto não se deve confundir com aquillo que é o verdadeiro patrimonio da nacionalidade.

Este anno mesmo iniciou o Dr. Mello Moraes uma serie de opusculos destinados á educação democratica de seus patricios. O primeiro da serie intitula-se *Ractclif* e foi editado pelos republicanos como obra de propaganda de principios politicos.

Se o auctor do *Ractclif* não é abertamente e enthusiasticamente um republicano, é bem certo que não só tolera a idéa, como crê na sua realisação futura.

Assim na occasião em que mais crebros e ferinos cahiam os apodos sobre o propagandista Dr. Silva Jardim, elle dedicava-lhe estas linhas sympathisantes, notificando a esta capital a excursão do apostolo da republica ao norte do imperio:

Esse moço é tanto mais respeitavel para nós, quanto é a personalisação de uma crença viva e ardente.

Adverso ás suas idéas politicas, nem por isso deixamos de render-lhe o culto de sincera admiração.

Em Agosto proximo passado li estas suas palavras que dão a medida de sua fé na transformação do paiz politico:

« Que atravessamos uma quadra excepcional, que affrontamos um periodo de transição, não procurariamos provar deante do que a todos está patente e por demais averiguado.

« *N'essa travessia difficil para o paiz que demanda outro futuro* a situação liberal muniu-se de reformas que a engrandecem. »

Ao passo que o acho tolerante e benigno para com os malditos da dynastia reinante, não encontro n'elle nem essa idolatria desatinada que é costume votar á pessoa do monarcha, nem essa admiração idiota que muitos tributam á imperial polymathia, dando-lhe as proporções de uma encyclopedia das encyclopedias.

Ouçamol-o em referencia ao Sr. D. Pedro II por occasião da morte de Francisco Octaviano:

Condemnado a viver porque não póde morrer, condemnado a morrer porque não póde viver, o Sr. D. Pedro II assiste aos funeraes d'uma geração inteira, sobre a qual o esplendor de seu throno se reflectirá no futuro como a luz empallidecida de um tocheiro mortuario.

Sim, porque a intelligencia nacional passou humi-

lhada deante dos seus olhos, as vocações não medraram á sombra do seu sceptro e a herança do passado foi esbanjada em suas mãos como os *talentos* enterrados no campo, de que falla a legenda biblica. »

E d'outra feita, ainda sobre o chefe do estado:

Embora prejudicial e negativo, sejamos generosos com aquelle que dentro em pouco pedirá apenas para o seu reinado e a sua memoria o que não se nega á lage dos tumulos e ao somno dos mortos — paz!

E... passemos ao homem de lettras, apreciando-o rapidamente.

II

Como poeta e escriptor tem o Dr. Mello Moraes Filho sua individualidade bem distincta nos diversos livros já dados á estampa.

A primeira de suas obras, por ordem chronologica, é o volume dos *Cantos do Equador*, editados no Rio de Janeiro em 1881. Ahi se encontram composições que haviam apparecido nas columnas de alguns jornaes e na *Revista Brasileira*.

N'esse livro, onde o metrificador ainda não é perfeito, já o poeta accentua bem firmes os lineamentos que constituem o caracteristico de seu talento. Os senões que apresentam alguns versos alexandrinos, então pouco conhecidos dos poetas brasileiros, desapparecem sob a exuberancia do lyrismo

tropical e a abundancia de um estylo imaginoso e florido. A natureza americana com toda a sua exquisita magestade tem n'aquellas paginas inspiradas largo e fidelissimo reflexo.

Ao lel-as cremos ouvir, atravéz de graciosas imagens, ora um volatear de aves por estes céos de anil, ora o estrondo das nossas espumantes cascatas, ora o sussurro magestoso das nossas florestas, e como a tela viva emmoldurada na natureza, vemos aqui os quadros negros da escravidão, alli as scenas creadas pela fantasia e a superstição popular, mais além o indio acobreado em lucta com a fauna varia e selvatica.

Creio poder, sem cahir em dispauterio nem amesquinhar a gloria do eminente poeta inglez, applicar ao nosso lyrico esta observação que sobre Worsdsworth faz o critico talvez mais notavel da França, Edmond Scherer.

Diz este:

Worsdsworth est observateur attentif, enfin il a l'expression, cette partie divine de l'art d'écrire, et c'est ainsi que s'opère chez lui la parfaite fusion du paysage, du sentiment que ce paysage inspire et du trait par lequel tout cela est exprimé [1].

Parece-me que na poesia de Mello Moraes estão

1. *Etudes sur la littérature contemporaine* — Edmond Scherer, vol. VII.

essas qualidades sufficientemente accusadas para escaparem á critica intelligente.

Suas pinturas mostram a paisagem no mesmo grão de expressão que o sentimento. Têm observação, mas observação commovida.

Leiamos um pouco do poeta, que elle melhor se encarrega de affirmar seus predicados de artista. Sirva-nos a pittoresca e harmoniosa composição com que abre o volume dos *Cantos do Equador*.

PONTE DE LIANAS

Eis a floresta, o valle, o ermo agreste,
Em que as aves do céo passam cantando;
O rio que de estrellas se reveste
A' limpidez da noite murmurando;
A balsa plena d'esse odor celeste,
Qual incenso que a Deus sobe voando;
Em que nas séstas, ao páo-d'arco louro,
Canta a cigarra d'esmeralda e ouro.

Além se eleva, á fonte debruçada,
A triste piassaba em seu deserto,
Como a viuva á terra abençoada,
A' terra santa de um sepulchro aberto.
Talvez, ó sim! — quem sabe? — a malfadada
Pergunte ao écho pelo ar desperto:
— Que é da tribu que vinha aqui, responde!
E o écho repercute: aonde...? aonde...?

Eterna solidão pende nos braços
Do silencio do ermo e da campina,

Ebria de orvalho e brisas dos espaços,
Dobra a corolla á flor adamantina;
E do vargedo aos humidos regaços,
Ao capinzal tostado que se inclina,
Junto d'um lago que desfaz-se em risos
Se escuta a cascavel soar seus guisos.

Aos grossos arvoredos seculares
Enroscam-se as lianas rescendentes;
Umas, lá trepam, vão topar com os ares,
Cahindo em chuva dos ramaes pendentes;
Outras, descendo a rocha, a novos lares
Os tectos verdes forram, quaes serpentes;
Enreda a sicopira, alastra a fresta,
O polvo de lianas da floresta.

Tomando de um cipó que desamarra,
Se atira n'agua a india forasteira,
E á outra banda do riacho amarra
A corda ao tronco que lhe fica á beira;
E suspensa á liana em que se agarra,
Levando a ponta á que ficou fronteira,
Enlaça, e tem por premio a seus labores
Caminhar n'uma ponte aberta em flores.

Suave curva aerea e caprichosa,
Ella descreve aos lyricos festejos;
Paira-lhe n'agua a sombra perfumosa
Que os vagalumes crivam de lampejos.
E sob um céo azul, ether de rosa,
Da natureza aos barbaros arpejos,
Passa o caboclo tardo e sem conforto
A' taba conduzindo o tapir morto.

Como specimen de poesia brasileira não dou preferencia a outra, das que conheço, de qualquer poeta nosso. Não ha n'essas estrophes a descripção horrivelmente minuciosa e fatigadora de um Balzac; mas antes uma pintura poetica de realidades, ao sabor de Wordsworth.

Descrever em poesia, sem deixar de ser poeta, parece-me ser um dos escolhos em que frequentemente bate a inspiração do artista. A descripção requer a verdade, mas esta muitas vezes repelle a poesia. Só os que possuem o segredo do pittoresco, os que têm o dom e a facilidade de communicar emoção aos assumptos de que tratam, podem sahir-se bem no descrever sem produzir fadiga nem descambar para a minucia excessiva que estanca as origens da imaginação e nos impede a clarividencia do conjuncto.

Descrever sem deixar de ser poeta, disse eu adeante... E vem de molde demonstrar a confusão em que laboram alguns criticos, que entretanto não carecem de lucidez e conhecimentos, exigindo do romancista e do poeta a minuciosidade descriptiva, a exposição circumstanciada até de minimas particularidades, para que sejam completos e perspicuos os quadros que estes pintam.

O proprio auctor d'estas linhas foi alvo de algumas censuras, aqui ha tempos, por não ter dado a certas paginas descriptivas do seu romance

Uma Familia Bahiana todo o desenvolvimento que uma analyse requereria.

Estou entretanto bem certo de que não é a superabundancia do pormenor que communica aos quadros a perspectiva e o relevo precisos para surgirem elles perfeitamente no campo da visão.

O eminente critico francez, o historiador e philosopho da arte, H. Taine, proporciona-me uma passagem mui explicita a este respeito. Diz elle em seu magnifico estudo sobre o auctor da *Comedia Humana*:

Une description n'est pas une peinture, et Balzac souvent croit faire une peinture quand il n'a fait qu'une description. Ces compilations ne font rien voir; elles ne sont qu'un catalogue; l'énumération de toutes les étamines d'une fleur ne vous mettra jamais dans les yeux l'image de la fleur. Il faut le souffle poétique de George Sand et de Michelet ou la vision violente de Victor Hugo et de Dickens pour susciter en nous la figure des objets corporels; nous sommes jetés hors de nous-mêmes, et l'émotion nous conduit à la lucidité.

Linhas adeante accrescenta o mesmo auctor:

Un dernier malheur, c'est que la description trop longue fausse l'impression. Quand l'imagination aperçoit un personnage absent c'est dans un éclair; si vous la traînez sur un trait ou sur une couleur pendant douze lignes, elle n'aperçoit plus rien du tout [1].

1 *Nouveaux Essais de Critique et d'Histoire* — H. Taine — pages 67 et 68.

Pois bem: lêde as poesias de Mello Moraes Filho, e ao contrario das de certos *genios de paciencia* encontrareis em suas estrophes, em vez da descripção impertinente com ares de analyse, uma brevidade eloquente, uns traços e jogos de luz rapidos, mas bastantes a despertarem a imagem do que elle pinta.

A dóse de descripção equilibra-se com a dóse de imaginação, d'esse equilibrio resulta a verdade do quadro amenisada com uns tons pinturescos de idealismo e penetrada do sentimento inseparavel do lyrista.

Outra composição que, a meu ver, confirma quanto fica dito, é a *Tarde tropical* [1] de que passo a copiar as primeiras estancias:

E' a hora do dia em que das mattas
Desce a sombra da basta gamelleira,
E saltando das lapas as cascatas
Espadanam das aguas a poeira...
Em que a onça lambendo as ruivas patas,
Rente o peito com o chão da cordilheira,
Encurva o dorso e cerra, ao abandono,
Os olhos d'ouro, de fadiga e somno...

Em que o indio perdido na savana
Conta a Tupan seus barbaros segredos...
E a tarde, bella moça americana,
Côa a luz do crepusc'lo em bronzeos dedos!

1. *Cantos do Equador* — Mello Moraes Filho, p. 31.

Em que as flores vermelhas da liana,
Da ponte de cipós dos arvoredos,
Cahindo ao sopro da macia aragem
S'estendem sob as rêdes do selvagem!...

Hora de amor, de prece, hora de encanto!
Tu murmuras nos rios transparentes;
E tens por voz da guaraponga o canto
E o ronco das giboias nas vertentes!...
Quando tinges no occaso o claro manto
E além descambas d'esses céos ardentes,
Mo de mysterio por velar-te a urna
Ergue no espaço a lampada nocturna!

E' já quasi ao sol posto, quando a terra
Trescala de selvatica harmonia...
Que á cascavel que dorme pela serra
Espanta o silvo da cauan bravia!
E se ruge o jaguar que o fogo aterra,
Acceso á porta da cabana esguia,
Retumbam echos nos rochedos fundos,
— Titans rolando do Equador nos mundos!...

Os cactus em flor pela clareira
S'illuminam de insectos scintillantes;
E a velha da tribu, a feiticeira,
Evoca os genios da floresta errantes!
E se os lumes sinistros da fogueira
Aos sortilegios lustram mais fumantes,
As corujas nos ares ululando
A' face do Crescente vão voando!

Como esta *A sucuruiuba*, *Tumulo selvagem*, o

Sangue do jaguar e outras, revelam o amor com que o poeta estuda a nossa natureza e o talento com que a entremeia com os finos ornatos de que é mimosa sua imaginação peregrina.

A sua poesia *No pouso* é uma peça adoravel de simplicidade, frescor de inspiração e côr local brasileira.

Apreciemos-lhe as poucas estrophes para que ha espaço aqui :

Venho da serra! Ao grito da araponga
Deixei alegre o rancho dos tropeiros!
Nem sequer prolongavam doces cantos
As graunas no tôpo dos coqueiros.

As brisas suspiravam manso e manso,
Franjando brandas o crystal do rio;
As sericorias s'encolhiam tremulas
Das nevoas matinaes a um beijo frio.

Era tudo esplendor! Junto ás cabanas
Entornavam perfume as granadilhas!
As guabirobas sacudiam flores,
Correndo as viraçôes nas longas trilhas.

. . . . . .

Toca, toca na viola,
Corram versos á porfia;
Sapateia minha gente,
Que eu parto ao romper do dia.
Minha trigueira, se dormes,
Como a coirana ao luar,
Não te despertem do somno
As trovas do meu trovar.

De lá das bandas do valle
Sôa canção do vaqueiro;
Passa a brisa, leva os sonhos,
Leva os cantos do tropeiro,

Leva os cantos do tropeiro
Leva o perfume das flores;
Todos têm sorrisos n'alma,
Todos têm os seus amores.

. . . . . .

E' notavel em toda a poesia de Mello Moraes o colorido brasileiro, a espontaneidade com que sua musa se apodera do assumpto nacional, do costume, da tradição, do typo brasileiro. Seu *nacionalismo* constitue o cunho essencial de toda a sua obra litteraria.

E' o caracter geral de suas composições. Poeta e prosador, elle é sempre de seu paiz, embora não seja sempre de seu tempo. Inspira-se exclusivamente da patria, e apaixona-se tanto pelo espirito della, que se esquece de si, tornando-se um dos poetas menos subjectivistas do Brasil.

Escrevendo, poetando, philosophando, ha n'esse homem, como judiciosamente nota o dr. Sylvio Roméro, « uma determinada intuição de nacionalismo. »

Os themas brasileiros, tratados por outros com menos largueza e estro, e a que ultimamente se consagrou a musa applaudida do poeta bahiano

João de Brito, são os que occupam não só o volume quasi inteiro dos *Cantos do Equador*, como o dos *Mythos e Poemas*, publicado em 1884.

Ahi sobreleva a parte dedicada ás lendas populares, precioso registo de dados para a psychologia da raça indigena, um dos factores da actual população brasileira.

Mas a musa de Mello Moraes, como iremos verificando, não se limita á vida sertaneja, nem a peregrinar entre autochtones, plasmando trechos de nossa uberrima natureza e figurando na materia transparente da imagem a flora e a fauna das nossas regiões.

Sua inspiração abrange todo o quadro ethnologico brasileiro, e sob esse ponto de vista é elle um poeta completo e scientifico.

O viver dos aborigenes inflamma-lhe o estro, e elle produz o *Sangue do jaguar;* a escravidão suggere-lhe os *Poemas da escravidão;* o elemento branco, algumas composições do seu primeiro livro de poesias; os mestiços, versos finamente caracterisantes como *A mulata;* os sertanejos, a expensas de quem já se pretendeu nacionalisar a poesia brasileira, inspiram-lhe *O trovador do sertão*, *No pouso*, etc.; finalmente os ciganos, todo o volume do *Cancioneiro dos Ciganos*, de 1885.

Alargando assim o circulo de sua inspiração, Mello Moraes obra como conhecedor de nossa

constituição ethnologica e deixa bem patente o erro daquelles que, votando-se unicamente ao caboclo, cuidavam formar a *litteratura brasileira*.

O facto da escravidão desafiou o talento do poeta bahiano, que a elle consagrou bom numero de estrophes de não pequeno valor como documentos.

Mello Moraes percorreu os circulos dantescos do captiveiro, pintando-lhe os horrores e as miserias, sem declamação nem exagero. Por esse lado tem sido o seu talento discutido, ora com justiça, ora com algum enthusiasmo além do justo.

E' verdade que Mello Moraes traçou quadros exactos, e não só exactos como sentidos, da ignobil instituição : por exemplo—*Os Filhos*, *Ama de leite*, *Escravo fugido*, *Ingenuos* e outros. O que elle ahi faz, disse-o discretamente o critico da *Revista Brasileira*, nas seguintes palavras :

« O poeta só tem um fim — tornar odiosa a escravidão, despertando a compaixão pelo escravo; e elle desperta aquella, descrevendo a triste condição deste em versos de variado metro, que parece medirem-se pela variedade dos padecimentos do captivo. Elle fere a corda do affecto dos paes, das mães, dos filhos, dos irmãos livres e senhores.

Isso, que indubitavelmente já é muito, se chega para conferir ao laureado poeta uma superioridade relativa entre os cantores do escravo no Brasil,

não é bastante, em meu humilde parecer, para offuscar a gloria da altaneira musa de Castro Alves, aquelle a quem a justiça da historia assignalou com a antonomasia de *poeta dos escravos*.

O Sr. Charles Morel, porém, prefaciando a traducção publicada sob o titulo *Poèmes de l'esclavage et légendes des indiens* , entre expressões de merecido encomio ao talento de Mello Moraes faz apreciações que só se justificam por sympathia levada ao enthusiasmo.

Chama, por exemplo, ao nosso poeta — « le grand prêtre du réalisme brésilien »; forceja por estabelecer um parallelo entre elle e Emilio Zola; e de envolta com essas excentricidades apologeticas, que nada tiram nem accrescentam ao merecimento de Mello Moraes Filho, endereça-lhe este pedaço em tom absoluto e exclusivo, referindo-se ás suas obras poeticas :

L'auteur y a consacré toute son intelligence, tout son talent, tout son génie et il est devenu le *chansonnier unique du captif*, le poète de l'esclavage; il lègue en outre à l'avenir un monument ethnographique, *le seul qui survivra* et dira aux générations futures ce qu'était l'esclavage au Brésil en l'an du Christ 1882.

Não devia ignorar o Sr. Morel que em 1870 e 1871 sahiram a lume as *Vozes d'Africa* e o *Navio Negreiro*, duas composições impereciveis, diversas das de Mello Moreas, mas não insufficientes para

darem ao seu auctor o titulo que recebeu de cantor dos escravos.

Não é Mello Moraes o poeta unico do captiveiro cujos versos perdurarão, como pretende o illustre Sr. Morel.

A differença entre os talentos dos dous poetas, a superioridade do auctor dos *Poemas* é esta, que com invejavel discernimento e criterio litterario determinou o Dr. Sylvio Roméro, no artigo consagrado a Trajano Galvão [1] :

> Mellos Moraes Filho seguiu por outra vereda e por vereda tal que, por este lado, não se parece com um só dos poetas brasileiros, sobrepujando a todos. Mello Moreas não ostenta aquellas opulencias, aquelle farfalhar de bonitas phrases ao gosto de Castro Alves; sua maneira é outra; elle colloca-se no meio do facto da escravidão, mette-se entre os captivos e os senhores, assiste o viver daquelle mundo especial das *Fazendas* e diz sem grandes adornos as cruezas que viu. São pequenos quadros, pequenos esboços pelos quaes circula a verdade, a sinceridade.

Esse o ascendente do auctor dos *Poemas da Escravidão;* é o logar que lhe assigna a historia litteraria do Brasil pela justiçosa penna do distincto escriptor sergipano.

Mello Moraes fez a psychologia e a sociologia do escravo; Castro Alves indignou-se, commoveu-o « o facto geral e indistincto da escravidão ».

1. Sylvio Roméro, — *op. cit.* —, p. 1113.

Como quer que seja, ambos concorreram para dar combate á execranda instituição servil: o primeiro pintando-a, a realidade nua, com as côres apropriadas de sua rica paleta; o segundo guerreando-a com « uma furia grande e sonorosa » aos échos retumbantes de sua « trompa bronzeada ».

Sendo assim, é evidente a injustiça que envolvem os conceitos do Sr. Charles Morel, para quem será Mello Moraes Filho o unico immortal cantor da escravidão.

Tem logar aqui um dos tocantes poemas suggeridos ao poeta pela misera condição dos captivos:

OS FILHOS

Elle vendera a escrava e mais as duas crias;
Uma, depois da lei, só tinha quinze dias.
Estatua do infortunio, a dôr mais cruciante
Que a misera levara ao seio agonisante,
Foi um supplicio atroz; o derradeiro adeus,
Um grito de blasphemia, um desafio aos céos!...

Tres longos annos, sim! de pranto e de martyrios
Ella os curtiu sem tregoa: — ella com seus delirios!
— Fui mãe, eis o meu crime; a condição o quer:
Não é serviço á escrava o ser tambem mulher?!..

Assim pensava a triste. O duro captiveiro
Lhe consumira o corpo. Esforço derradeiro
A subscripção lhe fôra: a graça soberana
Da barbara mulher, que n'isso fez-se humana!

« Aqui tens teu papel; o preço está marcado
P'ra as crinças... Que a ti eu tenho destinado
Que ficas fôrra. Espera, espera o teu momento,
Por morte de meus netos... Já fiz meu testamento. »

E quando ella sahira, horrenda de máu trato,
Uma criança ao collo, outra sustendo um prato,
Aonde a compaixão errante da cidade
Redime o captiveiro aos pés da caridade,

Ella o encontrára, e *elle* empalleceu de assombro;
Abaixa-se ao mais velho, os dois erguendo ao hombro,
Com voz já quasi extincta e os olhos já sem brilhos:

« Esmola, meu senhor! p'ra libertar seus filhos. »

Mas vamos por deante, e encaremos o poeta por outra face de seu complexo talento.

Nacionalista, pintor colorista da nossa natureza, registador sensibilisado das peripecias da escravidão, restam-lhe ainda os titulos de psychologo de uma raça vencida e narrador gracioso de usanças, costumes e superstições populares.

Tal se nos mostra elle nos *Mythos e Poemas* e anteriormente em varias composições dos *Cantos do Equador*, como sejam *Alma penada*, *A sereia do Jaburú* e a *Caipora;* na *Mulata*, na *Vespera de Reis*, *A endemoninhada*, etc.

A genesis da humanidade, a formação da lua e do mar, são outras tantas lendas indianas de que nos dá conta o poeta, sob a fórma engalanada e phantasiosa que lhe é peculiar.

Sem o seu talento, espojar-se-ia qualquer pela semsaboria do didacticismo, a metrificar as versões indigenas de Agassiz e Barbosa Rodrigues.

Mello Moraes refere a *Lenda da abobora* — como se formou o mar — e escreve entre muitas bellas estrophes, as seguintes :

De Yáia o chefe poderoso, a rêde
Na cabana lá está — selvagem horto!
As carpideiras lanham-se, e agachado
Contempla o chefe Yáia o filho morto.
. . . . . .

N'uma abobora desforme
Abriu-lhe o sepulchro Yáia,
Foi pertinho de cabana,
Por baixo da sapucaia.

Sentou-o no seu jazigo,
Uniu-lhe ao peito os joelhos,
Com seus colares de dentes,
Seus diademas vermelhos.

Um bando de pombas bravas
Mortas ficaram-lhe aos pés,
A cauan que espanta as cobras,
Que lucta com as cascaveis.

De flecha e clava e membys
Cercou a mumia querida :
Para os combates da morte
Levava as armas da vida.

E de vêl-o triste, triste,
Chorando seu filho ahi,
A rôla... as rôlas gemiam
Nas palmas do licury.

. . . . . .

No descrever as lendas americanas sai-se tão bem o auctor dos *Mythos*, que ninguem ao lel-o negar-lhe-á louvores. Algumas de suas narrações em verso são citadas, entre outros, pelo Sr. Eduardo Perié, que o compara a Gonçalves Dias, transcrevendo a formosa lenda *O palacio da mãe d'agua*[1].

As proporções marcadas a este perfunctorio estudo não me permittem mais transcripções, que teriam a virtude de tornar conhecidas as demais bellezas do poeta áquelles dos leitores que porventura não o conheçam bastante.

Quero porém supprir esta falta com o juizo muito competente do Sr. Dr. Sylvio Roméro, que assim resume as qualidades do poeta :

Tem imaginação, delicadezas de sentimento, variedades de tintas, subtilezas de forma, em summa, aquelle vago, «aquelle ponto imponderavel, impalpavel, aquelle atomo irreductivel, aquelle nada que em todas as cousas deste mundo intitula-se a *inspiração*, a *graça* ou o *dom* que é tudo, repetindo a phrase justa do pintor Fromentin.

1. *Litteratura Brasileira nos tempos coloniaes* — Eduardo Perié. p. 59.

III

Tendo apreciado o Dr. Mello Moraes como poeta e transcripto na primeira parte deste escripto trechos de prosa da sua lavra, era quasi escusado occupar-me do escriptor, propriamente, visto que suas qualidades estylisticas ficaram alli mais ou menos patentes ao espirito dos leitores.

De feito, a penna que traça os interessantes capitulos d'*Os Ciganos no Brasil*, os *Typos da rua* e as *Festas populares* não dissente do calamo inspirado que formou as bellas estrophes dos *Cantos do Equador*.

Todas essas producções trazem no fundo o mesmo *cachet;* ha nellas o mesmo caracteristico, seja *le souffle*, *l'accent* como diz Véron — o que equivale a dizer que o auctor tem estylo.

Lêde uma pagina de qualquer escriptor nosso, de Machado de Assis, de João Ribeiro, de Eunapio Deiró, por exemplo, e sentireis que a nenhum se assemelha Mello Moraes Filho.

Verifica-se n'elle a *lei de separação* de que fala Thoré, em virtude da qual é que existe o estylo, na arte e na litteratura [1].

Eis aqui um trecho de sua prosa, pelo qual é possivel averiguar o que ouzo dizer acima [2]:

1. *L'Esthétique*, — Eugène Véron, p. 156.
2. Mello Moraes Filho, —*Os Ciganos no Brasil*, p. 108 e 109.

Estamos na rua de D. Feliciana. E' a hora mortuaria da Natureza, em que o crepusculo doura mais pallido os tectos dos albergues, em que o cypreste veste-se de luto e chora por não ter flores para a lousa dos finados.

Na continuidade d'aquella rua existe o largo de Santa Maria, a um lado do qual demora uma estalagem orlada de casinhas de porta e janella, conhecida como um aldeiamento de ciganos.

Semelhante a um navio arrojado pelo naufragio sobre as paragens de uma bahia deshabitada e que servisse de asylo aos naufragos de outra viagem, nesses cubiculos representam-se dramas que resumem a agonia dos crucificados e a serenidade dos martyres de uma convicção inabalavel.

Nesse lar miserrimo, nesses quartos occupados por elles, cada personagem que se alterna é uma encarnação illuminada da fraqueza humana e da consolação divina...

A cigana canta e tralbalha, crê e espera.

Os filhinhos, nus ou maltrapilhos, brincam e pedem pão; — aquella sala estreita é um mundo de angustias. — As avesinhas, soba aza materna, nem sequer encontram os grãos amargos do deserto !

— *Duvêl ! Duvêl !* e um olhar morno crava-se na obscuridade do céo como uma prece murmurada baixinho aos pés da Omnipotencia.

Desde o amanhecer o marido pauperrimo interrompe o passante, pedindo « uma palavra em particular », que quer dizer um auxilio de dinheiro para levar á familia.

Attendido, volta mais conciliado com a sorte, entregando á esposa a migalha que lhe não recusara a caridade publica.

A's vezes, porém, os minutos e as horas, a manhã e

a tarde passam-se, sem que uma alma ao menos se condôa de seu infortunio. A mulher o aguarda inquieta; os filhos, pallidos de fome, alinhados ao portal da rua, espreitam para todos os lados, attentam a todos os tropeis...

E vem a noite.

Uma creança, de bruços numa esteira, com a face apoiada nos mãos mirradinhas, cansada de chorar, adormece e sonha...

As outras, despertas, acercam-se da mãe que as beija e reza, á luz do oratorio.

De repente, um vulto assoma cambaleando, afogueado e taciturno.

E' o miseravel que pedira á embriaguez um instante de tregoa á sua tortura de um dia.

Esse estylo imaginoso, correntio, perfumado aqui e alli de um doce aroma poetico, parece-me ser o de todas as paginas devidas á penna do escriptor bahiano.

E' verdade que a *separação* n'elle não é tão violenta como a que se nota, por exemplo, entre os Goncourt e Dumas Filho; ou, para não sahir de meu paiz, entre Julio Ribeiro e José de Alencar.

Mello Moraes chega-se mais ao modelo tradicional de nossos escriptores; não rompe de todo com os habitos da geração romantica que tomou á fulgurante rhetorica de Victor Hugo muitas das qualidades que formam seu estylo.

Não impressiona pela riqueza do vocabulario,

nem por novidades de construcção, nem por certos tiques ou *saillies*, que, a falarmos como Paul Bourget produzem sobresalto no leitor.

E' porêm claro, possue distincção, e adorna sem esforço, sem rebusca, a linguagem em que se exprime habitualmente.

Creio ser o bastante para o fazer destacar.

Não se differençando dos outros por uma nota de profunda originalidade, com nenhum se confunde, como succede ás physionomias vulgares de uma classe de escriptores, que se por alguma coisa se caracterisam é por não terem caracter especial.

De taes individuos pode-se dizer que escrevem assim como tocariam realejo. O instrumento é identico para todos elles.

Tem uma idéa que precisa de fórma? Nada mais simples. Os vocabulos, as phrases, e até os periodos, estão para ali arrumados e promptos a traduzir a mesma idéa, como os tubos pneumaticos do realejo a dar o mesmo som. Basta sómente mover a manivella — isto é, mover a penna.

No fim da obra, nada mais commum nem mais incaracteristico; mas tambem nada mais facil e de processo mais expedito.

E depois vêde-os a castigarem os dyscolos que têm o arrojo intellectual de crear para si um estylo e destoar da sanfonina relaxada em que os plumitivos *dizem* o que pensam e o que não pensam.

Vêde como taxam os outros de amaneirados, artificiosos, duros, complicados, compiladores de vocabulos raros e fazedores de phrases extravagantes!

Na indigencia franciscana de seu vocabulario, não perdoam ao escriptor que o tem abundante, proprio e variado, embora não corriqueiro.

Se, como disse Marivaux, o estylo tem um sexo, o d'essa burguezia da penna é neutro como certos individuos da especie animal das termitas, ou ainda como qualquer misero guarda de harem. E'um estylo incolor e flaccido, que não cheira nem féde, que não é alcali nem é acido.

Eu tenho ouvido a alguns d'esses individuos desconhecerem, com soberano desdem, o merito artistico de quanto escriptor mostre amor ao estylo e busque nos veios mais puros e opulentos da lingua surprehender a palavra que não só desenhe, como pinte, modele, ponha em relevo, illumine e até sonorise o pensamento.

Elles perderão cem vezes os sentidos antes que cheguem a comprehender estes conceitos de Scherer, assim expresso [1]:

Je ne voudrais pas dire que la beauté du mot a remplacé la beauté de la pensée, ou seulement la beauté de la phrase, mais le mot a certainement recouvré son

1. Edmond Scherer, — *op. cit.*, p. 102 e 103.

rang légitime comme élément de l'art. On peut, en effet, lui refuser la première place, on ne saurait lui contester sa part de souveraineté. Tout, en un sens, ne dépend-il pas du mot, la vérité aussi bien que le charme ? N'y a-t-il pas le mot juste aussi bien que le beau mot, le mot heureux aussi bien que le mot rare et curieux ? Le style ne devient-il pas terne avec le mot banal, insipide avec le terme stéréotype, obscur avec l'à peu près ? Et d'une autre part, que de diversité dans ce que j'appellerais le don du vocabulaire ! Il en est qui ont le substantif, et d'autres qui ont l'adjectif. Il y a le mot qui définit et celui qui peint, le mot qui enchante et celui qui fait rêver.

Mas termine ahi essa digressão ; e uma vez que se trata de averiguar a entidade de um escriptor autonomo, nas fórmas de seu pensamento, leiamos mais algumas de suas paginas.

Mello Moraes descreve um *brodio* de ciganos :

Os trovadores descantam, inspiram-se.

As castanholas estalam como beijos no ar.

As violas deixam ondular as fitas estreitas e variadas. Oitavadas pelos menestreis nervosos, os tinidos são doces e ardentes, os preludios imitam choviscos metalicos sobre uma lamina de crystal.

Na sala vastissima conversa-se, contratam-se os pares, trocam-se delicadezas, deveres polidos.

Os velhos e as senhoras mais idosas ali se acham em suas poltronas.

As luzes em profusão resplandecem, os aromas inebriam, as flores fanam-se pelo calor.

Os escravos, como uma columna de trevas, espiam do corredor...

Deu-se o signal para a dansa — E' a *Serra-baia*.

— O' menino, diz um cigano velho ao tocador que ponteia : *bate no pinho! faz* babar as raparigas!...

E, lesto, um rapagão de formas athleticas pula no meio da sala e canta :

Sobre mim raios despeje
O céo que nos ouve agora,
Se sobre a minha vontade
Não tens mando a toda hora. »

Terminando o verso, quebra o corpo, abaixa-se, ergue-se, puxa a fieira diante de uma moça que levanta-se. Rodam duas vezes, param defronte um do outro, afastam-se, approximam-se, recuam sapateando, saltando, dansando, cantando :

Nossa Senhora da Gloria
Tem grande merecimento,
Mas a Senhora Sant'Anna
Trago mais no pensamento.
É lê... lê... lê...
É lô... é lá...

As dansas fervem no rodopio, o sapateado é mais celere e doces cantigas cantam á porfia.

No fervor do bailado a dama fica só, porque o cavalheiro senta-se. A's suas seducções outros não resistem e dansam, ultimando a *Serra-baia* pela vez do tocador, que requebra, ponteia e descanta.

Do seu livro *Festas Populares do Brasil* são os

seguintes trechos, que destaco do escripto denominado *A vespera de S. João :*

Qual a genesis d'esse folguedo nas terras de além-mar, onde ainda perdura com suas formulas auguraes e encantamentos, foi-nos velado descobrir. O mesmo não succede no Brasil, que, acceitando o legado na sua castidade primitiva, creou-lhe uma lenda, accrescentou-a na parte mythica, e o ampliou em relação ao concurso de novas raças e diversos *meios*.

Entre nós a evolução foi rapida e pertence toda ao passado.

O estrangeirismo, que nos esmaga, tudo que é nosso vai levando comsigo!...

E quasi nada nos resta!

E', pois, abrindo uma janella ás tradições, e a porta á gente antiga, que suspenderemos ás ruinas da casa paterna mais este quadro que trouxemos da infancia, emmoldurado dos espectros das rosas da nossa primeira mocidade.

. . . . . .

Nas ante-vesperas, na intimidade do lar, as moças reuniam-se á luz do candieiro, e os meninos, descendo aos pulos do sofá da sala, acercavam-se da avó, que, tremendo com os labios, rolando nos dedos as contas do rosario, narrava, sentada n'uma esteira, a lenda do Baptista e das fogueiras.

E as moças, accommodando as crianças, e as crianças bugalhando os olhos, fitavam-na, que, uma vez disposta, assim começava :

— Vou contar-vos, meus netinhos, uma historia do principio do mundo. Um dia, Nossa Senhora, que trazia a Nosso Senhor Jesus Christo, foi visitar sua

prima Santa Isabel, que tambem trazia em seu bemdito seio a S. João Baptista. Apenas as duas sagradas primas se avistaram, o divino Baptista, que não tardava a nascer, se ajoelhara em adoração a Jesus. Santa Isabel, que isto sentira, não tardou em communicar o milagre á Virgem, que, exultando, perguntou-lhe: — « Que signal me dareis quando nascer vosso filho? — « Mandarei plantar n'esta montanha um mastro com uma boneca e accender em torno uma grande fogueira, » respondeu-lhe.

E de feito; na vespera de S. João, a Mãe de Deus, vendo de sua morada uma fumacinha, labaredas e o mastro, partiu, indo visitar Santa Isabel.

— Desde então, concluio a boa velha, é que se festeja o santo com mastros e fogueiras.

— Oh!... que historia tão bonita!... interrompeu um dos ouvintes.

— Já agora, escutem outra, meus filhinhos: tem o mesmo motivo e é da mesma data; é do tempo em que nem eu nem vocês sonhavamos de nascer, e que a terra estava toda coberta d'agua.

— Conte, vóvó, conte! Tão bonito!!...

E a velhinha, alisando os cachos de cabellos brancos, deixando cahir os braços sobre as pernas cruzadas, sorveu um pequeno ronco, abriu a bocca desdentada, proseguindo:

— E' o resto da historia. Mezes depois, quando Santa Isabel cantava ninando a seu bento filho, este lhe perguntou: — « Minha mãe, quando é o meu dia? — — Dorme, meu filhinho, dorme; logo que elle for, eu te direi ». E S. João dormiu. Acordando, porém, na noite de S. Pedro, e ouvindo foguetes e vendo fogueiras accesas, insistiu: — « Minha mãe, quando é o meu dia?.. — « O teu dia já passou, acudiu-lhe ella » — « Ora, minha

mãe, porque não me disse que eu queria ir brincar na terra?

— Sim, por que não disse? retorquiram pezarosos os meninos.

— Santa Isabel teve razão, meus netinhos; se S. João descesse do céo, o mundo se arrasaria em fogo. »

Essas tradicionaes historias eram correntes em toda a parte, dando-lhes inteiro credito gerações que se foram e gerações que ainda existem.

. . . . . .

Apenas escurecia, as *machinas* boiavam no ether humido e transparente; as *cabeças de alcatrão* fumavam rubras nas ruas; e os busca-pés largavam-se atraz dos transeuntes, rabeando, rolando, serpeando, em fulgidos estouros.

E uma preta, perseguida, corria d'aqui; e um individuo, livrando-se, pulando, encostando-se a um muro, avultava acolá; e os rapazes, no ardor do brinquedo, riam-se a bom rir do expediente das victimas e das descomposturas consecutivas.

A's badaladas do *aragão*, o ar estava todo marchetado das zonas luminosas das fogueiras que ardiam nos quintaes echacaras; e dos sobrados, os combates a pistolas, ao mesmo tempo que formavam das janellas ás calçadas cachoeiras de fogo, adquiriam maravilhoso aspecto, á proporção dos *tiros* de côres, que, pontuando irisados as paredes, cahiam em gemmas derretidas no chão dos lagedos.

Ao longo dos caminhos, com estranho e equivoco ruido, escutavam-se descargas de cartas de bichas, que estouravam em potes de barro e barricas cobertas collocadas de distancia em distancia, pelos habitantes do quarteirão.

Fazendo singular contraste com esta scena de apo-

theose theatral, á rotula de páo da casa terrea, uma mulher embiocada segurava na mão de uma creança, sacudindo, na extremidade da flecha, indefluxada rodinha.

Na totalidade das habitações e nas fazendas, o throno de S. João deslumbrava de luzes e viçosas flores, ornado de sanefas carissimas, e elevando-se de uma toalha da côr das neblinas, pregada aos cantos do altar com laços de fita e prateados alfinetes.

Na roça, as fogueiras tinham no centro, ora o mastro, ora uma arvore, que estalava minada pelas chammas, arriando-se com fragor.

Eis ahi fragmentos de prosa em que se descobre um espirito agudamente observador e um escriptor natural, desaffectado, gracioso, claro e em geral correcto.

Concertando com essas qualidades, uma bella imaginação, que é o que mais resalta nos escriptos de Mello Moraes. N'elles rebentam as imagens luxuriantes, como odorosa florescencia, abrandando ás vezes a severidade das idéas. Lêl-os é como passear um trilho aplanado e relvoso, onde de trecho em trecho poisa um lume suave de poesia e viça a flor docemente symbolica de uma imagem.

Não devo, porém, pôr ponto final neste desalinhavado estudo, sem consignar o valioso contingente do Dr. Mello Moraes Filho para a dilucidação do problema das origens e compleição do povo brasileiro.

Releva igualmente levar em conta os seus serviços á instrucção e á historia litteraria do paiz, com a publicação do *Curso de Litteratura Brasileira*, e do *Parnaso Brasileiro*, este ultimo de 1885.

Consiste sua contribuição ethnographica nos seguintes volumes: *Cancioneiro dos Ciganos*, transumpto fiel do genio sentimental e da philosophia, de ordinario lugubre, de uma raça infeliz; *Os Ciganos no Brasil*, historico e psychologia dos tziganos erradios em nosso paiz; e *Festas populares do Brasil*.

Com as duas primeiras obras Mello Moraes veio nada menos do que remediar uma grave lacuna, que, a persistir, importaria desfavoraveis juizos ácerca de nossa sciencia.

Seu melhor elogio, n'este assumpto, fornece-m'o ainda o Dr. Sylvio Roméro, escrevendo mesmo contra si este periodo adoravel de imparcialidade e de equidade:

> O alvo do auctor n'estes estudos foi provar que no corpo da poesia, contos, lendas e tradições populares do Brasil não devemos contar, como eu proprio havia feito, sómente com portuguezes, africanos, indios e mestiços d'estas tres raças. Devemos contar tambem com um factor geralmente esquecido, o cigano.

Eis ahi, em conclusão, meritos de intelligencia e serviços relevantes, que unidos áquelles sobre

que necessariamente é omissa esta mal alinhavada bio-bibliographia, são por demais sufficientes para impor o nome do Dr. Mello Moraes Filho á consideração e ás homenagens do povo brasileiro.

Bahia, Novembro de 1889.

XAVIER MARQUES.

INTRODUCÇÃO

Ainda uma vez cabe-me a tarefa de escrever algumas palavras introductorias a um livro de Mello Moraes Filho. Acceitei o convite por instancias do poeta, lembrando-lhe a clausula de ser o mais rapido possivel.

Para longe as regras e convenções das escolas, dos systemas, o doutrinar importuno dos mestres. Com um poeta destes é preferivel soltar as rédeas á phantasia, partir com elle em busca da eterna illusão, ainda que seja por instantes.

O mundo da idéa e o mundo do sentimento, na sua expressão mais geral, na sua impessoalidade superior, quando todas as divisas se apagam para só deixar luzir amplamente a formula eterna da verdade e do bem, — o amor por tudo e por todos, — casam-se com o universo inteiro que assume assim as feições de um templo incommensuravel,

indefinivel, na multidão de seus orbes, no brilho de seus astros, no assombro de sua eternidade, na incomprehensão de sua grandeza.

A um canto d'essa immensa cathedral, em cuja abobada acham-se encrustados os sóes do firmamento, n'um desvão humilde, officia a humanidade, psalmodiando seu hymno de esperança e enthusiasmo, de desalento e de dôr.

Ha dez mil annos o cantico dos homens evola-se em todos os tons da face da terra, das quatro bandas do horizonte, em demanda das alturas, no encalço das estrellas, nas azas da fé, ou nos surtos pesados do desespero.

E o universo, na sua indifferença de perpetua mocidade, apagando uns astros para accender outros, desperdiçando a vida no pelago sem bordas do espaço, espalhando a morte no golphão sem limites do tempo, terá ouvidos para nossa dôr, coração para nossas magoas, sorrisos para nossos prantos ?

Tem-n'os, responde o poeta, o eterno pantheista da existencia, o perpetuo crente da vida, o incansavel alviçareiro da sorte.

E a humanidade, afadigada de luctas, desilludida de esperanças, no labutar incessante dos seculos, ao desabar das crenças, que lhe tombam, como nas selvas cahem, ás lufadas, as folhas seccas, terá ainda, tel-os-ha sempre, os alentos da juveni-

lidade, que a desalteram, que lhe suavisem os desenganos na marcha dolorida?

Tem-n'os, retruca o poeta, o filho amado das illusões, o persuasivo creador de affirmativas, no seu mysterioso officio de extrahir auroras de todos os crepusculos, e coar alegrias de todos os desanimos.

E as raças todas dos filhos dos homens, alternadas no tempo, e distanciadas no espaço, ou conjunctas inconscientemente na terra inteira, têm levantado as vozes no eterno psalmo, na monodia encantadora do infinito.

Sacerdotisas de seu proprio culto, pythonissas de seus proprios mysterios, o amor de suas crenças tem sido o alento que as tem mantido nas peripecias da jornada.

As raças, os povos, são as feições diversas que a humanidade reveste para estender, ampliar, diffundir, differenciando, seu genio e suas creações; são como vestes variadas que lhe approuve tomar no drama multiplo da natureza.

E tem ellas hoje, terão ellas sempre os incentivos do enthusiasmo, os aguilhões da gloria, os ardores da crença, os confortos da paixão, para proseguir, recomeçar o incerto combate da historia?

Têm-n'os, atalha o poeta, o perenne ilota do destino, na affoiteza de sua allucinação indefinivel.

Abençoados, pois, os poetas, que habitam um mundo de alvoradas, quando os outros só vêm trevas por toda a parte; elles que têm vida, quando todos já se julgam mortos.

O enthusiasmo não se inventa, o sentimento não se fabrica por convenção. São o que são; o poeta é o que é, na incondicionalidade de sua visão das coisas e do espectaculo da vida.

Mas o culto da eterna arte e da alta poesia conta tres credos diversos, ou tres altares, se o quizerem: a natureza, a humanidade, os povos.

Ha por isso tres grandes categorias de genios. Os que se embevecem deante do mundo, do universo, na infinitude de seus problemas, no innumeravel de seus phenomenos; os officiantes do grande todo, que sentem ao seu contacto a secreta harmonia, que lhes fala na unidade e identidade de tudo, formam a primeira classe.

E' o grupo dos valentes metaphysicos da sciencia e da poesia, os Pythagoras, os Platões, os Keplers, os Lucrecios, os Dantes, os Darwins e os Laplaces.

Esses transfiguram-se ao choque de não sei que reflexos, que lhes batem na fronte, partidos das alturas do ignoto.

Pensando n'elles, foi talvez que o poeta brasileiro disse uma vez:

Todos os genios tem o seu Thabor.

Os que, como que esquecidos do grande scenario, deixam-se pasmar deante dos doces encantos da eterna soffredora, a humanidade, e, em synthese profunda e electivamente mysteriosa, deixam-se enredar nos enigmas de seu destino, nos errores do seu passado, e nas miragens do seu porvir, guardas avançadas, sentinellas alertas da fraternidade geral, constituem a segunda pleiada.

E' a classe dos guias de homens, os creadores d'almas, os obreiros de religiões, os chefes de moral, os Christos, os Buddhas, os Paulos, os poetas de todos os tempos e de todas as patrias, na impersonalidade de seus cantares, os Gœthe, os Miltons, os Shelleys, os Hugos, os Byrons.

Miguel Angelo e Shakespeare fulgem sem rivaes n'esta categoria.

São os que decifram os apocalypses humanos.

Tinha a estes em mente, por certo, o genio francez quando uma vez se lembrou de dizer :

Todos os videntes tem a sua Pathmos.

Na terceira fila estão os guias de povos, os constructores de nações, os embriagados de patriotismo : os Moysés, os Cesares, os Albuquerques, os Cavours.

Cercam-n'os, dando-lhes as mãos, por formarem com elles o mesmo grupo, os homens de eleição, em cujas almas constroem seus ninhos, as lendas

das raças, as tradições dos povos, a poesia das gentes, os Homeros, os Camões, os Walter-Scotts, os Moores, os Longfellow.

São os que exaltam a patria para engrandecer n'ella a humanidade.

A voz dos povos fala naturalmente pela bocca d'essas individualidades representativas; as nações retratam-se n'essas indoles reproductoras, que se destacam no seio das massas como os padrões d'alma das patrias.

Todos os povos illustres concretisam-se n'esses heroes do proprio sentir: são os chefes intellectuaes das nações.

A patria se lhes afigura um templo, em cujas pare des sagradas elles vão, se são bardos, pendurar os seus canticos d'enthusiasmo; se são homens de acção, os emblemas de seu amor.

E' a consciencia dos destinos communs, o idéal das nobres acções que accende-se em todas as almas.

N'este sentido bem se pudéra dizer: Todo o verdadeiro poeta tem uma egreja de sua adoração, especie de Kaaba, onde deposita os seus sonhares.

Como ao templo arabe a musa popular ia levar, em offerenda, as canções das tribus longinquas, e os vates os louvores de sua crença, as lendas de seu enthusiasmo, as visões de seu patriotismo; assim no altar da patria brasileira, n'esta hora de

tantas desillusões, quasi diria de tantas agonias, o poeta nacional lança os *Cantos do Equador*, como preito e como culto.

São bagas de incenso que se queimam como preces, são flores que se atiram como adorações.

Mello Moraes Filho tomou posto entre os sondadores d'alma de nosso povo.

O templo em que toma as roupas talares de seu culto e gosta de officiar, como padre que é da religião da poesia, é o espirito d'esta gente, o coração d'este paiz que elle ainda não se cançou de amar.

Que o genio de nossas selvas o conserve fiel ás suas crenças, sempre digno de sua paixão.

Contam viajantes que nas regiões adustas do Sahara, nos areaes ardentes do deserto, ao cahir das tardes tropicaes, o jogo da luz, ao través das nuvens diaphanas, projectando-se sobre as povoações avistadas ao longe, dá-lhes um tal brilho, tal coloração, tons tão phantasticos, que tudo se avoluma, tudo assume formas estranhas, todas as coisas se engrandecem, multiplicam-se os aspectos; casas, torres, muros, edificios, transformam-se ao toque magico dos raios do sol fulgurante do Oriente.

Não ha duvida, ao viajor se vai deparar uma immensa e esplendida cidade; chega-lhe, porém, ao pé e antolha-se-lhe uma mesquinha e despresivel aldeia!...

E' o que se dá em nosso Brasil, n'esta inditosa patria minha amada.

Visto de longe, na grandeza de seus mares, no colossal de seus rios, no phantasioso de suas mattas, na belleza indizivel de seu céo, é magnifico e brilhante, como as cidades enganadoras do deserto; visto de perto, nas miserias de sua politica, na pequenez de seus partidos, é acanhado e mesquinho, como as aldeias reaes do Sahara...

Fique o poeta embevecido na visão idèal do primeiro quadro; arrede sempre os olhares do segundo, que servirá assim melhor os interesses de sua gloria. Continúe a sonhar e a cantar...

SYLVIO ROMÉRO.

(Maio de 95.)

PRIMEIRA PARTE

SERTÕES E FLORESTAS

I

ANCHIETA

(MYSTERIO)

I

Aldeia de catechumenos nos campos de Piratininga. As serras, encostadas nos horizontes, agigantam-se listradas de luz, como os esquifes agaloados daquella natureza morta. Pouco a pouco a floresta reanima-se ao canto dos passaros, ao abrir das flores, e ao alarido das tribus. Anchieta, descendo de uma montanha, parece o genio desperto das solidões. O dia amanhece.

ANCHIETA

Hosannah, oh Increado,
Que crêa as creaturas!
Na terra paz aos homens,
Hosannah nas alturas!
A vida, que germina,
Tem no teu seio as fontes!
Hosannah, hosannah, hosannah,
Senhor dos horizontes!

MELLO MORAES FILHO.

CÔRO DOS MENINOS

Nós somos pequeninos,
E a ave é nossa irmã,
Do frio, que traspassa,
Aquece-nos, Tupan.

ANCHIETA

Salve, oh floresta barbara!
Oh lenhos abruptos!
Montanhas vastas, ingremes,
Oh pantanaes corruptos!
Salve, oh rumor sacrilego
Dos ermos, que apavora,
Onde a cascata estridula
Espuma, e brama, e chora!...

De tribus mil gentilicas,
Oh cathedral dos mythos,
Conservas insepultos
Os talismans e os ritos!
Tu és a coetanea
Das primitivas éras,
E' tua voz a antiphona
Do côro das espheras!

UM PAGÉ, NA SERRA DOS ORGÃOS.

Na crista deste monte,
Que á taba causa horror,
Eu fiz minha cabana,
Seus ninhos, o Terror.
As tribus me consultam,
E ao canto da cauan,
Percorro os valles e os confins da serra,
E, com o ventre na terra,
Eu adoro a Tupan!...

Eu sou o Carahyba,
O feiticeiro audaz;
Evoco almas errantes,
Conjuro os ANHANGÁS.
De um genio escuto as vozes,
Torno a doença van :
Sem mim, a tribu inteira não peleja,
A planta não viceja,
'Stá zangado Tupan!

A SINETA DA MISSÃO

Cantou na matta a cotovia :
Vinde, fieis, á oração;
O PADRE GRANDE vos espera
Para vos dar sua benção :

Em Reritiba elle, só elle,
Fundiu da treva o espesso véo;
Fechando as portas do peccado,
A porta abriu-vos para o céo.

AS VELHAS DA TRIBU

De espheras superpostas,
Tupan o céo formou,
Tupan — a claridade —
Entre ellas se abrigou.
Deitou-se! e o chão inteiro
Furou com mil bambús:
De noite, eil-o — as estrellas;
De dia, o sol, a luz!

A SINETA DA MISSÃO

De todo, o orvalho da campina
O sol parece que enxugou;
O canto alado dos meninos,
Passando os ares, ao céo chegou.
Descei depressa, oh indios bravos,
Vinde ao Officio e á pregação:
O PADRE GRANDE o catechismo
Vai explicar-vos da Missão.

II

Collegio de S. Paulo na villa de Piratininga. A igreja, completamente illuminada, juncada de flores nativas, enche-se de catechumenos. Anchieta, de joelhos em frente ao altar-mór, levanta-se, tomando de um livro aberto que se acha sobre uma poltrona de couro : volta ao centro do presbyterio, inclina-se, e adeanta-se. Sons de orgão.

PRIMEIRO CATECHUMENO

Ao meu peito bronzeado
Collar de dentes, bem sei
Que não trarei!
Mas relicario sagrado
De Jesus, que quiz, por fim,
Morrer por mim!

SEGUNDO CATECHUMENO

O baptismo, que dá vida,
Deu-me vida p'ra viver,
E p'ra morrer!
Virgem Mãe, de Deus querida,
Sêde sempre em meu favor
Com o vosso amor!.

Anchieta, marcando o Officio de Nossa Senhora, ajoelha-se e os catechumenos o imitam.

ANCHIETA (cantando).

« Agora, labios meus,
Dizei e annunciai
Os grandes louvores
Da virgem, Mãe de Deus. »

AS MONTANHAS

Com a fronte pendida e o dorso curvo,
Sacerdotes insontes,
As COMPLETAS da tarde te rezamos,
Oh Rainha dos montes!

Foram-nos tocha, estrellas que accendemos
Começando as MATINAS;
Nossa roupeta é a sombra, o sol casúla,
E nossa alva, as neblinas!

Aos LAUDES d'alvorada, em teu caminho,
Soltámos, em fulgores,
Para cantar-te — os passaros da selva,
Para pisares — flores!

ANCHIETA

« Sêde em meu favor,
Virgem Soberana,
Livrai-me do inimigo
Com vosso valor. »

A CACHOEIRA

Por ver-te, eu me debruço
Dos lagos fumegantes,
Com a fronte resplendente
De perlas e brilhantes.

ANCHIETA

« Deus vos salve, Virgem,
Senhora do mundo,
Rainha dos céos,
E das virgens, Virgem. »

AS MINAS DE OURO

Nos penetraes do solo, improfanado,
Como o esquife de um santo,
Nós escondemos o ouro que lavrámos
Para bordar teu manto :

E nas batas das pedras, nas areias
Dos grandes ribeirões,
E nas terras cavadas e revoltas
Por cem alluviões...

Virgem! se todo esse ouro fôr escasso
Para augmentar-te o brilho,
Faremos delle um calice, por onde
Possa beber teu Filho.

ANCHIETA

« Estrella da manhã,
Deus vos salve, cheia
De graça e de vida,
Formosa e louçã. »

A SERRA DOS AYMORÉS

Eu vim, para alcançar-te,
Molhando os pés nos mares,
Com as minhas tribus incolas
Rosnando em meus palmares.

ANCHIETA

« Dai pressa, Senhora,
Em favor do mundo,
Que vos reconhece
Como defensora. »

OS RIOS

Galopando em suor, a noite inteira,
Pelos selvagens ermos,
Aos nossos rins atámos povos barbaros
Das solidões sem termos.

E os hombros nos cobre o panno verde
De caduca floresta,
Que a torrente levou das mattas virgens,
Ao bramir da tempesta.

Para adorar-te, Virgem, transpuzemos
Bravios escarcéos...
Oh! é tão longo, sim, como é tão longo
O caminho dos céos!...

ANCHIETA

« Ouvi, Mãe de Deus,
« Minha oração,
« Toquem vossos peitos
« Os clamores meus. »

A SERRA DOS ORGÃOS

Emquanto tu rezares,
Meus orgãos tocarei;
Mas quando te calares,
Senhor! me calarei.

. . . . . .

Findo o officio, o Missionario ergue-se, beija o degrão do altar, senta-se em sua cadeira de catechista, e começa :

ANCHIETA

« Amai-vos uns aos outros, »
Filhos, o Senhor diz;
Amar... é ser humano,
Amar é ser feliz.

A guerras fratricidas
E' demarcar um fim :
Amar é soffrer tanto!
Amar é mesmo assim!

Todo o transporte d'alma
Nos annuvia o ser...
E o riso occulta o pranto,
E a vida é o soffrer.

E a alegria esconde
Tormentos sem cessar;
E a gramma esconde a serpe,
E a treva esconde o ar.

« Amai-vos uns aos outros, »
Filhos, o Senhor diz;
Amar — é ser humano,
Amar — é ser feliz.

III

A escola dos indios. Aos muros, paineis religiosos; em toda a extensão da sala, troncos deitados de arvores, servindo de bancos. Anchieta occupa uma cadeira, e escreve, na areia de um taboleiro, as lettras do alphabeto, que os discipulos repetem em voz alta. Depois da ultima, suspendendo o ramo florido com que as traçara, diz:

ANCHIETA

Agora, vamos, filhos,
Findar vossa lição;
Primeiro é o trabalho,
Depois a refeição.

O A-B-C da carta
Sabeis a me encantar,
Passastes adeante...
Já ides soletrar.

As lettras conhecendo,
Juntal-as bem, é ler;
Começo por um nome
Que vós deveis saber.

Porque tanto arruido?
Silencio, filhos meus!
Escrevo e dicto as lettras :
D — E — U — S...?

OS INDIOS

— Deus!...

IV

UM AVENTUREIRO, *perdido na matta virgem, ao pino do sol, deslumbra-se deante desse espectaculo e apercebe uma tribu de Tamoyos, que se prepara para uma festa.*

AVENTUREIRO

Delira a natureza! A selva asperrima
Arqueja ao sol, que seu raiar actúa;
Dos rochedos sentados corre a lympha,
Suor das pedras, pela espadua núa.

O ar abafa... Os arvoredos velhos
São immoveis, nodosos, catalepticos;
E, em tôrno, as parasitas sobem, trepam,
Levando flores nos seus braços hecticos.

E o rio nem murmura... e a onça fulva
Estira o queixo, lambe a pata e dorme;
E os diques vidrados, verdes, tépidos,
São defuntos abrindo o olhar enorme.

Dos insectos zumbindo, a nuvem lúcida
O ether insalubre, enchendo, corta...
E o enxame dos vermes bole, ondula
No ventre pôdre da giboia morta.

Vozerias ao longe... sons festivos...
Tatuagens bizarras... brancas, pretas...
E a cabocla na rêde empluma o filho,
Que mama em pé nas bronzeadas tètas.

V

Trevas profundas. Anchieta, á janella de sua cabana de palma, casa o seu canto á marcha funebre da noite.

ANCHIETA

Dorme a floresta! — Aos serros,
Abrindo o vôo ousado,
Recobre o collo pallido
O abutre coroado.
Se ao vento a coma enverga-se
Da selva — um oceano —
Reluzem lavas rubras
Assando um corpo humano.

O indolente indigena,
Nas rêdes conchegadas,
Narra nas ócas tenebras
As lendas das caçadas.
E á montaria rapida
Que singra o igarapé,
Reganha o dente, e some-se
No lôdo o jacaré.

Dorme a floresta — o esquife
Fechado sobre o sol :
A noite dá-lhe per'las,
De estrellas um lençol.
Retumbam silvos, roncos
Das cobras nos mangaes,
E as dansas diabolicas
Das hordas canibaes.

Oh selva! em sec'los proximos,
Extinctos teus renovos,
Serás o ninho esplendido,
O berço d'outros povos!
E em ti virão sentar-se,
Estranhas no perfil,
Villas, cidades — tumulos
Das raças do Brasil!

II

PONTE DE LIANAS

A FRANKLIN TAVORA

Eis a floresta, o valle, o ermo agreste,
Em que as aves do céo passam cantando;
O rio que de estrellas se reveste
A' limpidez da noite murmurando;
A balsa plena desse odor celeste,
Qual incenso que a Deus sobe voando;
Em que nas séstas, ao páo-d'arco louro,
Canta a cigarra de esmeralda e ouro.

Além se eleva á fonte debruçada,
A triste piassaba em seu deserto,
Como a viuva á terra abençoada,
A' terra santa de um sepulchro aberto.
Talvez, ó sim! — quem sabe? — a malfadada
Pergunte ao écho pelo ar desperto :
— Que é da tribu que vinha aqui, responde!
E o écho repercute : aonde..? aonde..?

Eterna solidão pende dos braços
Do silencio do ermo e da campina;
Ebria de orvalho e brisas dos espaços,
Dobra a corolla a flor adamantina;
E do vargedo aos humidos regaços,
No capinzal tostado que se inclina,
Junto d'um lago que desfaz-se em risos
Se escuta a cascavel soar seus guisos.

Nos grossos arvoredos seculares
Enroscam-se as lianas rescendentes :
Umas, lá trepam, vão topar com os ares,
Cahindo em chuva dos ramaes pendentes;
Outras, descendo a rocha, a novos lares,
Os tectos verdes forram, quaes serpentes;
Enreda a sicopira, alastra a fresta
O polvo de lianas da floresta.

Tomando de um cipó que desamarra,
Se atira n'agua a india forasteira,
E á outra banda do riacho amarra
A corda ao tronco que lhe fica á beira;
E suspensa á liana em que se agarra,
Levando a ponta á que ficou fronteira,
Enlaça — e tem por premio a seus labores
Caminhar n'uma ponte aberta em flores.

Suave curva aerea e caprichosa
Esta descreve em lyricos festejos ;
Paira-lhe n'agua a sombra perfumosa
Que os vagalumes crivam de lampejos.

E sob um céo azul, ether de rosa,
Da natureza aos barbaros arpejos,
Passa o caboclo tardo e sem conforto
A' taba conduzindo o tapir morto.

III

A TAPÉRA DA LUA

(LENDA DO AMAZONAS)

As auroras do sol e as nuvens do occidente
Encontram-n'a bem só no horizonte vago,
E pia a yerêrê na quéda da vertente
E bebe o cangussú lambendo o morno lago.

A serra enorme é lá. Quaes negros crocodilos,
Que serpeando vão a se lançar nos rios,
Da noite á bruma fria, aos colossaes estylos,
Semelham em tropel os picos seus sombrios.

A serra, contemplando as equatoreas zonas,
Resguarda ao seio a luz d'eterno talisman;
Ao perlustral-a outr'ora as bravas amazonas
Chamou-se *Taperé* — e hoje a d'Acunan.

E dous irmãos, após combate crú, renhido,
Ficaram sobre o monte — irmão e irmã — á tôa.
— Tu ficas na Tapéra, ó meu irmão querido,
Eu desço ao lar amigo, ás margens da lagôa!

Já tua rêde armei aos castanheiros grossos,
Ao lado um arco eu puz e as flechas mais bonitas;
De cada rama antiga, aos perennaes destroços,
Virá sempre afagar-te o odor das parasitas.

Adeus, eu parto, adeus! — Té quando? sim, té quando?
— Té quando a noite fôr-se e despontar o dia!
— Que venha despertar-te o sonoroso bando
Das aves mais gentis, rompendo a manhã fria.

E desce lentamente a india a vasta encosta,
A coma ao dorso nú, a pallidez no rosto...
E quando o braço alonga á rêde e se recosta,
Lhe fica em frente o sol, o sol já quasi posto.

E vinha a noite além, pelos outeiros,
Enxugando o fulgor da luz do espaço;
Na testa chata, ao longo dos madeiros,
Acolhe o reptil um brilho escasso!...
Rumor perdido de animaes matreiros
No estalar da folha, ao leve passo...
E do insecto á timida algazarra
Das rãs no charco a tetrica fanfarra.

Ella sentiu amor! Foi no momento
Em que sósinha, em meio á natureza,
Ouviu a selva segredar ao vento,
A estrella á cascata, á correnteza!

— A' Tapéra eu irei! O meu tormento
Quero afogar-te d'alma na grandeza...
Na treva — te amarei; de dia — irmã!
Avante, coração! Tupan! Tupan!

. . . . . .

Quando á rêde chegou, a branda aragem
Do sassafraz batia pelas frestas;
Escuridão no céo, calida arfagem,
Saltos no matto das cutias lestas...
Estremecia toda; ella, a selvagem,
Quer da mente apagar sombras funestas!
E toca a rêde... a rêde se estremece...
— Quem és?!—Susurra um beijo e a voz fallece.

E toda a noite assim na serra vasta,
— Pomba das selvas, procurava o ninho —
E ás margens puras da lagôa casta
Sempre a noite a topava em seu caminho.
— Mas quem na solidão meu fado arrasta?...
Quem tanto affecto dá-me e tal carinho?
Genio dos serros d'além-mundo, azues,
Como na luz verei a tua luz?!...

Viceja o urucú... A brisa affaga
Da Tapéra a extensão, prados, ruinas;
E o orvalho que chove a terra alaga
E o verde genipapo das campinas.

Delles terei a côr que não se apaga,
Com que lhe tingirei as faces finas!
Só assim saberei quem aos negrores
Vai a aurora acordar com seus fulgores.

Pela terceira vez — ella — o pudor e o crime,
Sentiu o que sentira. A terra era sublime,
Bem como o ideal do bello, a phantasia
Da natureza inteira ao primitivo dia.
O que fazer? o que? Reflecte, e olha e scisma :
A alma vê no corpo a treva em que se abysma.
O lago se arripia. A's aguas branqueadas
Ao através da folha estrellas desmaiadas
Como espelhar-se vão... A india se levanta,
A serrania explora e á rêde se adianta.

Elle a espera então — ella, a irmã d'outr'ora,
Que a noite faz amante — e fal-o irmão a aurora.
— Porque tardaste tanto? Os genios bemfazejos
Ciosos são de ti, de ti, desses teus beijos?...
Eu amo-te, vem cá. — E presa a seus joelhos,
O labio aos labios seus, esplendidos, vermelhos,
Lhe amima e o doce oval que tinge, do semblante,
Com as tintas do urucú...
A india nesse instante,
Turbada, a mão levou ao rosto, e sorprendida
Notou achar-se a face um pouco humedecida.

. . . . . .

Depois que ella desceu, e os longes da manhã
Orlavam d'ouro fusco os cimos d'Acunan,
E as trombetas em flor e os lirios pelos valles
Entornam sobre a terra as per'las de seu calix...
Ella, trepada a um galho, o qual, secco, projecta
A sombra sobre o azul da lagôa quieta,
Pendendo a fronte vê, do alto pendurada,
Por entre a côr do pejo, a face então manchada.

Tomando o arco rijo, o arco affeito á guerra,
Ao céo manda uma flecha : a flecha lá s'enterra;
E outra logo após, e aos lumes sideraes
Flechando vai assim — e n'uma, n'outra — mais.

E rente estando a si a oscillante vara,
Por ella galga o céo, e eil-a — a lua clara!

Nas fontes, desde então, e rios, pelos mares,
Das aguas no crystal, nos lagos dos palmares,
A india vem mirar-se, á noite, em seu desgosto,
A ver s'inda conserva as manchas de seu rosto.

IV

O TROVADOR DO SERTAO

Tu vens, ó minha amante,
Por noites sem neblina,
Ao lume das estrellas
Na branca musselina,

Descendo da montanha
Com a perna e braços nús,
Por entre as verdes cannas
E as plumas dos bambús...

Mais bella do que os cantos
Das aves, na espessura,
Que o ninho d'alva espuma,
Que a fonte que murmura!

O' minha amante, és bella
Qual harmonia eolia!
— Flecha de luz a prumo
Na flor da magnolia!

Ao fundo do horizonte
Destaca-se, divina,
A sua fórma — estatua
Do genio da campina!

Seus labios rubros, rubros,
Gardenias são do pejo;
Seus seios — pombas mansas!
Seu sonho — o meu desejo!

A vida eu déra inteira,
Por vel-a na cabana,
Ao fogo da fogueira,
Ao cheiro da coirana,

Carpindo a trova meiga
Que o peito meu consola,
Aos quêbros do fandango,
Aos sons desta viola.

O' minha amante, és bella
Qual harmonia eolia!
— Flecha de luz a prumo
Na flor da magnolia!

V

A MORTE DO SOL

I

Crasso de fogo — o Sol — n'arcada côr de bronze
Das nuvens do poente, a morredoura chamma
Phantastico tremúla : assim d'um templo gothico
D'eterno candieiro a avermelhada flamma.

O céo, o ermo, a terra, e a floresta; os bosques,
— Lanterna em mãos de sec'lo, em luz infinda alaga;
E quasi a se apagar, lampejos fulgurantes
Despede e se retrahe, qual vaga após a vaga.

Qual beduino grupo, as encelladas rochas
Da cordilheira excelsa, em funebre attitude,
Esperam que o Sol morra... e os seios de granito
Lhe abrem, se afastando, ao peso do ataúde.

Um pallio erguido ao céo de franjas de azinhavre
Avista-se encostado ao horizonte escuro;
Convivas do trespasso, as vagarosas ilhas
Desdobram sobre a fronte o ethereo azul mais puro.

De Siva é um *pagode* a natureza augusta;
Furnas de treva e opála as nuvens do arrebol;
E afulvando a espadua ás gigantescas sombras,
Como o Christo a morrer — vai descambando o Sol...

II

Nas penumbras transparentes
Triste, triste e sem conforto,
Na rêde a cabocla brava
Embala o filhinho morto.

E cai-lhe o pranto na face
Listrada, bronzea, trigueira;
Do mar de angustias profundo
E' elle a per'la primeira.

Os insectos mordedores
Com a verde rama afugenta;
E as flores do valle espiam
A noite que desce lenta.

E canta um canto selvagem,
Canto bem tosco, infeliz,
Na crença das suas crenças,
Na lingua do seu paiz.

O *guanumby*, que vôa e que revôa
Nas flores do anajá,
Não veiu aqui pousar, — e por tres vezes
O sol já veiu, já!

O *guanumby*... que chupa a alma do infante
Que o corpo sem calor
Deixou — e foi dormir entre os perfumes
Na mais vizinha flor.

O' brisas, que passais nessas montanhas,
Na montanha parai;
Emquanto eu vélo, ó échos dessas terras,
Passai longe, passai!

Ao filho do guerreiro um genio alado
Colheu no seu caminho :
Assim do gavião na garra acorda
Da selva o passarinho.

Raios do Sol, luares côr das aguas
Que ás aguas scintillais,
A leve tumba de douradas plumas
Que teceram seus paes,

Vinde encantar — suspensa aos arvoredos,
Onde a ave seduz,
Tornando as pennas do macio berço
Em grinalda de luz.

O *guanumby*, que vôa e que revôa
Nas flores do anajá,
Virá chupar-lhe a alma antes da noite
E leval-a a Tupá!

III

Longo caixão de chumbo, as alvacentas brumas,
Das serras no cabeço, enchendo o espaço informe,
Depõem, ao psalmo funebre do oceano esplendido,
Que escorre, se espojando, a espumea crina enorme.

. . . . . .

Oh magica belleza!... Oh meus maternos climas!
Nautas — os montes nús — alçando o esquife aos ares,
Como o finado a bordo, aos fogaréos do occaso
Dão por sepulchro ao Sol o penetral dos mares!...

VI

TARDE TROPICAL

E'a hora do dia em que das mattas
Desce a sombra da basta gamelleira,
E saltando das lapas as cascatas
Espadanam das aguas a poeira...
Em que a onça lambendo as ruivas patas,
Rente o peito com o chão da cordilheira,
Encurva o dorso, e cerra, ao abandono,
Os olhos d'ouro, de fadiga e somno!...

Em que o indio perdido na savana
Conta a Tupan seus barbaros segredos...
E a tarde — bella moça americana —
Côa a luz do crepusc'lo em bronzeos dedos!
Em que as flores vermelhas da liana,
Da ponte de cipós dos arvoredos,
Cahindo ao sopro da macia aragem
Se estendem sob as rêdes do selvagem!...

Hora de amor, de prece, hora de encanto!
Tu murmuras nos rios transparentes;
E tens por voz da guaraponga o canto
E o ronco das giboias nas vertentes!...

Quando tinges no occaso o claro manto,
E além descambas desses céos ardentes,
Mão de mysterio, por velar-te a urna,
Ergue no espaço a lampada nocturna!

E' já quasi ao sol posto, quando a terra
Trescala de selvatica harmonia...
E á cascavel que dorme pela serra
Espanta o silvo da cauan bravia!...
E se ruge o jaguar que o fogo aterra,
Acceso á porta da cabana esguia,
Retumbam échos nos rochedos fundos,
— Titans rolando do Equador nos mundos!...

Os cactus em flor, pela clareira,
Se illuminam de insectos scintillantes;
E a velha da tribu, a feiticeira,
Evoca os genios da floresta, errantes!
E se os lumes sinistros da fogueira
Aos sortilegios lustram mais fumantes,
As corujas, nos ares ululando,
A' face do Crescente vão voando!...

Hora de amor, de adoração, de crença,
Ave-Maria! — Estrella dos palmares!
Tu mitigas do escravo a dôr intensa,
A' santa uncção dos mysticos cantares!
Quando baixas do céo, a selva immensa
Manda esperar-te os largos nenuphares...
E o oceano, na vaga que fluctua,
Reflecte de teus pés a meia lua!

Nos braços do lethargo, á frouxa luz
Do sol que morre — dorme a natureza!
E as rólas pelas moitas dos bambús
Arrulam doces cantos de tristeza!
E o caboclo, que leva os filhos nús,
Do Amazonas á rija correnteza,
Penetrando a floresta, em mudo assombro,
A um tem pela mão — traz outro ao hombro!...

Tardes de minha terra! ó prado! ó flores!
Bosques cheios de sombra e de harmonias!
Valles e serras, magicos vapores,
Ninho das garças nas lagôas frias!
Vós recordais-me a trilha dos amores,
O colmo das deixadas phantasias,
Por onde essa illusão que a alma nos cansa
Pendura as rêdes d'ouro da esperança!

Adeus, ó tarde, adeus! que os horizontes
Cobrem do dia morto o corpo algente...
Turva neblina rola pelos montes,
— Cinzas das azas d'esse sol poente!...
Ave-Maria! Ao céo quando remontes,
Da natureza eterna ao hymno ardente,
Que a ti subam d'est' harpa os sons finaes
Aos enlevos das tardes tropicaes!

VII

NO POUSO

— Venho da serra! Ao grito da araponga
Deixei alegre o rancho dos tropeiros!
Nem sequer prolongavam doces cantos
As graúnas no tôpo dos coqueiros.

As brisas suspiravam manso e manso,
Franjando brandas o crystal do rio;
As sericorias s'encolhiam tremulas
Das nevoas matinaes a um beijo frio.

Era tudo esplendor! Junto ás cabanas,
Entornavam perfume as granadilhas!
As guabirobas sacudiam flores,
Correndo as viraçõnes nas longas trilhas.

Porém, patricios, meu peito
Era uma veiga sem flor;
Um lyrio sem ter orvalhos,
Aurora sem ter fulgor.

Minha serrana indolente,
Como as auras do sertão,
Chora de mim tão distante,
Filha do meu coração!

Tenho saudades, patricios,
D'esse meu anjo do lar;
Mas a tarde vem tão longe,
Eu venho aqui sestear.
N'esta viola que as maguas
Sabe tristonha carpir,
Quero tocar meu fandango,
Quero a *tyranna* ferir.

Tóca, tóca na viola,
Corram versos á porfia;
Sapateia, minha gente,
Que eu parto ao romper do dia.
Minha trigueira, se dormes,
Como a coirana ao luar,
Não te despertem do somno
As trovas do meu trovar:

— De lá das bandas do valle
Sôa a canção do vaqueiro;
Passa a brisa, leva os sonhos,
Leva os cantos do tropeiro.

— Leva os cantos do tropeiro,
Leva o perfume das flores;
Todos têm sorrisos n'alma,
Todos têm os seus amores.

— Todos têm os seus amores,
Todos têm sua affeição;
Como a tarde que descora,
'Stá triste o meu coração.

— 'Stá triste o meu coração,
Loira flor da sapucaia;
Junto d'haste ella tem vida,
Sôlta ao vento ella desmaia.

— Sôlta ao vento ella desmaia,
Como a bonina da serra;
Vou deixar-vos, meus patricios,
Vou viver na minha terra.

— Vou viver na minha terra,
Que fica n'outro sertão;
Minha serrana me espera,
Não posso cantar mais, não.

A densa nuvem de tucanos bravos
Segue as bandas oppostas á collina;
Pende o calix a flor aos lumes vivos
Que entorna a grande estrella peregrina.

Do taquaral distante, da palmeira,
Ouviu-se ao longe um threno de magia :
Era o canto suave e dolorido
Da *viuvinha* ao desmaiar do dia.

Morria a tarde! O sol já descambava
Quebrando os raios na extensão dos mares,
E Deus co'a dextra omnipotente, augusta,
Erguia a lua na amplidão dos ares!

VIII

A CAIPORA

(LENDA POPULAR)

E' caboclinho feio,
Alta noite na matta a assoviar;
Quando alguem o encontra nas estradas,
Saltando encruzilhadas,
Se põe a esconjurar.

E' alma de um tapuyo
Fazendo diabruras no sertão...
Cavalgando o *queixada* mais bravio,
Transpõe valles e rio
Com um cachimbo na mão.

Assombro das manadas,
Enreda a onça em moitas de cipó;
De montanha em montanha vai pulando,
Vai quasi que voando,
Suspenso n'um pé só!

Ao pobre viandante
Assombra e ataca em meio do caminho;
E pede fumo e fogo, e sem demora
Lhe mostra a Caipora
Seu negro cachimbinho.

Servida no que pede,
A' contas justas safa-se a correr...
Do contrario, se fica descontente,
De cocegas a gente
Faz rir até morrer.

E' caboclinho feio,
Alta noite na matta a assoviar;
No Norte, diz o povo convencido :
— Não indo prevenido,
Não é bom viajar!

IX

O BEMTEVI

A' sombra frondosa d'enorme mangueira,
Coberta de flores, da tarde ao cahir,
A virgem dos campos, morena, garbosa,
Contava ao amante meiguices a rir.

O céo era bello! Na beira da estrada
Cantava o *encontro* nas moitas de ypé!
E os olhos da virgem tornaram-se languidos,
E os labios mais rubros que o rubro café.

E qual uma flecha que envia o selvagem,
Um' ave n'um ramo, n'um galho pousou!...
E o joven dizia palavras mais ternas,
E a virgem mais ternas venturas sonhou.

— Se deres-me um beijo, trigueira, em minh'alma
Terás sempre affectos, delirio, paixão;
No pouso, uma rêde de pennas, bem feita,
Na minha viola, saudosa canção.

Depois d'esse beijo, talvez que o primeiro,
Não sei que mysterio passára-se ali :
Cobrira a trigueira, vexada, o semblante,
E a ave, voando, gritou : — Bem-te-vi!

X

A LENDA DO ALGODÃO

(FORMAÇÃO DA HUMANIDADE)

Não balançava ainda entre os coqueiros
A rêde da indiana,
Não havia a familia, nem cabana,
Nem povos forasteiros :

Do dia os raios nas manhãs da selva
Eram soltos anneis,
Que rolando dos montes nos vergeis
Perdiam-se na relva :

Dos rios e do mar em onda clara
Mergulhava a gaivota,
Mas nem sequer na vastidão remota
Vogava leve igára.

E veiu Sacaibú, elle, o primeiro
Dos homens, quasi um deus,
Acercado dos genios — filhos seus —
E fez casa e terreiro.

Semeou o algodão : em tempo breve
A terra aos lavradores
Deu o rebento, o arbusto e mais as flores
E fructos de ouro e neve.

Ao gigante Prairú repudiava
O coração paterno;
Qual ser inferior, ser subalterno,
Cumpria, o pae mandava.

Uma tarde sahiu... sereno o céo,
E, sob um arvoredo,
Empurrando uma pedra d'um rochedo
Preparou-lhe um mundéo;

E lhe disse : « Prairú, não vês a trilha
E pendente das ramas
Desdobrar-se a giboia — toda escamas —
Na bem feita armadilha?

Vamos buscal-a : tu irás na frente
E pucharás o laço;
Depois... eu já estou velho, e um velho braço
Fatiga facilmente. »

E rastejando a dextra pelo chão,
Por sobre o ventre nú,
Quando tóca o mundéo, cresce Prairú
Saltando fóra então.

Propoz a Sacaibú : « O valle, a serra,
Se arrotear tu queres,
Lá no profundo ha homens e mulheres
P'ra cultivar a terra.

Anda comigo e volverás de novo
Sem demora, instantaneo...
Não circula um fremido subterraneo
Como de estranho povo?

Debruça-te daqui; prende na borda
Do abysmo que furaste
A trança de algodão que tu trançaste
E desce pela corda. »

. . . . . .

Voltando Sacaibú, da terra inçava
Pela corda, do fundo,
Gente capaz de povoar o mundo
Que em borbotões trepava!

E vinham tribus de diversos meios,
De um outro clima e raça :
As mulheres — pequenas e sem graça,
Os homens todos feios;

Deformados alguns, gagos, esquivos,
Nodosos, incorrectos;
Eram esboços rudes, incompletos
De povos primitivos.

Guindava mais e mais... e affluindo
Nos soterrados lares
Outros de fórmas bellas, regulares,
Da terra vêm surgindo.

Os primeiros subiram : grupo válido,
Musculoso, robusto,
De modelado firme o tóro e o busto,
De um tom de bronze pallido.

Mas nisto, a corda estala... se quebrara!
A multidão baqueia!
— Eis porque causa ha tanta gente feia
Quanto a bonita é rara.

XI

TEMPESTADE DOS TROPICOS

A fronte acinzentada
Do largo firmamento
Enruga avermelhado
Fuzil; — e rosna o Vento,
Passando nas abobadas
Das seculares mattas,
Ouvindo irrequieto
O ronco das cascatas!...
Parece o céo um velho!...
As sombras, em novellos,
Fluctuam — longos cachos
Da barba, dos cabellos!
Erguendo a mão sinistra
Na alcova do Arrebol,
Tropeça e cai o Tempo
Por sobre a luz do Sol.

A natureza embuça-se
Nos véos da cerração:
E'qual um mago o Dia,
A suspender, então,

Por cima das florestas
E rochas alcantis,
Um feixe de relampagos,
— As serpes dos fuzis,
Que remordendo as nuvens
Se escapam, cruzam, erram,
E flammejando a cauda
Na treva o dente aferram.
A matta espavorida
Se curva aos pés do Vento :
— Missionario intrepido
Da selva, — que ao momento
Em que brame a tempesta
Assoma, e abre a sacola
Do vacuo, onde recebe
As folhas por esmola
Dos grandes vegetaes,
Do piquiá, do cedro
Dos climas tropicaes!
O monge desce abysmos,
E galga a poeirenta
Montanha, e se ajoelha
Nas aras da Tormenta,
E diz : — « Eu, toda a noite,
Meu breviario inteiro
Rezei, no chão, de bruços,
Aos lumes do Cruzeiro.
Preserve um genio amigo
Da America os destinos;
O' Tempestade impavida,
A ti darei meus hymnos!

A selva antecipando-se
A surdos descalabros,
Dos cactus côr de opála
Aos bronzeos candelabros,
Deixei, de horror transida,
Qual Magdalena outr'ora... »
E disse a Tempestade :
« Tu vens?! — Eu desço agora!... »
E as cataractas rompe.
A enormidade estoura!...
O relampago audaz, soltando a grenha loura,
Lá foi brilhar além, e, deslumbrando a matta,
E' como um pente d'ouro em fontes côr de prata!...
Das chuvas ao tropel, ao vendaval que estruge,
Assombrado o jaguar a fauce abrindo ruge,
E sobre a rocha, em pé, abala a selva, e atrôa...
E busca a aguia o raio... e pia e sobe e vôa!...

Ao lento fuzilar, da serrania ao viso,
Quando esvai-se o clarão, dissereis um granizo
De chammas a cahir... Depois, rumor obscuro,
E uma aranha de fogo ao firmamento escuro...

Retine a solidão, a solidão feroz...
Ribomba o raio, e rola a Tempestade atroz
Pelas serras e mar... A's tontas, na floresta,
Nem cavas naturaes á propria féra resta,
Onde asylar-se vá. Nos troncos gottejantes,
Estendidos no chão, das arvoves gigantes,
A onça negra avulta, e a onça mosqueada
Que espia n'agua a luz da pupilla dourada.

Estala a selva!... Estala ao furacão tremendo
Um lenho colossal, que em arco vem descendo,
Quasi a varrer o céo! O céo então s'inflamma
De ver que fôra a um sec'lo o berço cada rama!...

Como a saraiva são, ou como grãos de areia,
Os grossos pingos que, na transparente cheia,
Qual nitido sendal, dos tectos desiguaes
Pendura-se da selva aos cantos vegetaes!...
E jorra a enchente... e jorra... Enormes aguaceiros,
Ao louco galopar — o pinho dos outeiros
Derrubam, que rolando aos aquilões bravios
Esbarra, aqui e ali, montando os grandes rios.

Depois... corisco ao longe... um vivido lampejo
Accende-se no ar : o derradeiro arquejo
Da Tempestade, emfim! As arvores, pesadas
Da chuva, na lagôa, e mudas, desgrenhadas,
De braço ao peito estão...
Horror! Inda a borrasca
Um raio vibra á selva e um tronco eterno lasca!...

E cresta e queima e abraza o raio que aviventa
Nas mãos da Tempestade a tocha da tormenta!

XII

O PALACIO DA MÃE D'AGUA

(LENDA DO PARÁ)

Existe em uma collina,
Pelas margens do Portel,
Um encanto que surprende
O viajor no batel.
Se ao largo singra uma igára,
Se perto voga a canôa,
O remador se benzendo
Dobra o joelho na prôa.

Fundo mysterio!... Quem póde
Sondar um mysterio... Quem?
Ao alto nem de pensal-o
Chegar inda ousou ninguem!
A cachoeira assombrada,
Que acima rolando medra,
Batendo o corpo no rio
Se agarra de pedra em pedra!

Ha um prestigio! — De noite,
Na correnteza fremente,
Da montanha se desdobra
Crespa esteira refletente...
E' horrendo esse lampejo
Da phosphorica luzerna!
Parece o rio um phantasma
Que errando accende a lanterna!...

Desse topo incendiado
Ao fundo da bruma clara,
Não vê-se a chamma que alenta
O facho que o rio aclara!
As aves piam nos ares,
Sobre a vaga que transluz...
E os patos-bravos sacodem
Das azas gottas de luz!

Diz o povo que a Mãe d'agua
Lá vive nessa cimeira,
N'um palacio d'ouro fino
A' borda da ribanceira...
E quando o rio se veste
Desse clarão que fascina,
E' que o paço em que ella habita
Todo inteiro se illumina.

XIII

A ROMARIA DO BOM-DESPACHO

(BAHIA)

I

A PARTIDA

O sertão é todo em flores,
E' todo o sertão folguedo;
Quem mette o pé nas estradas,
Quem das leguas não tem medo,
Esquece os bois nas pastagens,
O fuso, o crivo, o bicão,
O fogo, a lenda, as historias
Das noitadas do serão.

Com seu rodaque engommado,
Calça branca á domingueira,
E farfalhante, anilada,
Lenço vermelho á algibeira;
Chapéo de palha amarella,
Se retorcendo á viola,
Um tabaréo rompe a marcha
Junto do mestre d'escola.

Felizes ranchos os seguem,
E deserta a freguezia!
Onde vão? que rumo os leva?
— Vão todos em romaria!
As moças, as sertanejas,
Na dansa que a senda encurta,
A perna mostram, bem feita,
Por baixo da saia curta.

No ar arrufa o pandeiro,
Todo enfeitado de fitas,
A morena peneirando
Redondas fórmas bonitas.
E guincha um carro de bois,
Que abana o toldo de lona...
Sobre o ventre, mãos ao queixo,
Goza da festa a matrona.

A mucama, os crioulinhos,
Em volta della, na esteira,
Levam promessas, alfaias,
Levam *milagres* de cêra.
E ferve, referve a dansa,
Na pousada, em corropio...
— Senhora, minha senhora,
Vou cantar meu desafio!

— Ha tanta flor pelo matto,
Tanta fructinha no chão;
Cada flor diz um sorriso,
Cada fructa um coração.

— Cada fructa um coração...
Mas, patricio, escute bem :
A fructa pertence a todos,
O coração é d'alguem!

— O coração é d'alguem...
Espere, que eu já discorro...
Mulata, minha mulata,
Uma umbigada qu'eu morro!

— Uma umbigada que eu morro...
Não me mette figa, não;
Dê-me da *branca* qu'eu mostro
O cabra como é pimpão.

— O cabra como é pimpão...
O cabra fala e não faz;
Eu tomo por testemunha
O nosso juiz de paz.

— O nosso juiz de paz,
Que faz honra á romaria...
Com as cadeiras da mulata
Que tem sua senhoria?!

— Que tem sua senhoria?...
Que não tem nada, eu bem sei;
O cantador que é de fama
Faz dar gosto como eu dei.

— Faz dar gosto como eu dei,
Como eu dou nesta funcção;
Requebra, minha mulata,
Da maior veneração.

« Ai toma, mulata,
Toma, que te dou!
Adeus, minha gente,
Adeus, que me vou! »

II

SEGUINDO SEMPRE

Os romeiros se encaminham
Serra acima, serra abaixo;
Soltam foguetes, aos vivas
A'Virgem do Bom-Despacho!...
E a multidão sertaneja,
Em seus festivos clamores,
No ar suspende, agitando,
Selvagens palmas e flores.

Vão no carro da bagagem
Crianças, velhos, doentes;
As senhoras mais devotas,
Pias almas penitentes.
De quando em quando, na frente
Do povo, embargando o passo,
Sobre as mãos cai um menino
Que vai virando *bagaço*.

« Ai toma, mulata,
Toma, que te dou!
Adeus, minha gente,
Adeus, que me vou! »

III

NA ALTA DO CAMINHO

Na esplanada os romeiros,
Em cêpos, troncos, no chão,
Descansam; outros se encostam
Aos coqueiraes do sertão.
E levando a mão á fronte,
Braço apoiado ao arvoredo,
O suor limpam, que escorre
E salta ao estalar do dedo.

O chapéo de couro, ás costas,
No rodaque de riscado,
Balança, preso á correia
Que o tem ao collo amarrado.
As sandalias, as perneiras,
Cheias do pó da jornada,
Nas ramas prendem, que descem
Quasi rentinhas da estrada.

Da trigueira o olhar tão meigo
Tem luz que incendeia e brilha;
Rescende-lhe á trança crespa
A perfumosa baunilha.

O sertanejo de ouvil-a,
Da jaqueira á verde copa,
Nem mais alegre escutara
As campainhas da tropa!

Emquanto reina a fieira,
Emquanto chora a viola,
Do cinturão descem outros
A lisa faca, a pistola...
Depois — a *branca* que aquece,
Lauta mesa, e vivas, flores!
Depois — a trova sentida,
Sentida trova de amores.

— O'trigueira dos meus olhos,
Trigueira dos olhos meus;
Os olhos d'outras trigueiras,
Não são olhos como os teus.

— Não são olhos como os teus,
Mas teu riso é quem me mata;
Teus cabellos côr da noite,
Teus seios, minha mulata.

— Teus seios, minha mulata,
Teus seios não quero não;
Ha tanta cousa escondida...
Dentro de teu coração.

« Ai toma, mulata,
Toma, que te dou!
Adeus, minha gente,
Adeus, que me vou! »

IV

ESPERANDO A FESTA

A bruma azul do poente
Abate os vôos no monte :
Assim colhereira mansa
Alonga as azas na fonte.
Nas lagôas, nos banhados,
Em torno aos charcos silentes,
As saracuras bravias
Despertam gritos plangentes.

A ermida illuminada,
Com seus copinhos de côres,
Era um castello de fadas
Sobre uma cesta de flores.
No adro o padre, o sacrista,
Mandam foguetes ao ar...
Quantos romeiros na serra!
Quantas canôas no mar!...

Vai chegando o povaréo,
Já se acampam no terreiro ;
Das casas nos gruposinhos
Nenhuma sobra ao romeiro.

Emtanto a festa lhes tarda!
Dos fieis a piedade
Espera a santa que volte,
De se encarnar, da cidade.

Os bailados, as cantigas,
O fandango, o sapateio,
As quadrinhas á viola,
Um namoro de permeio...
Enchem a noite de encantos,
Das fogueiras ao clarão,
Os valles da minha terra,
As terras do meu sertão.

Quem póde fugir ás dansas,
Quem fecha o peito á alegria?
Emquanto não chega a imagem,
Que tem de chegar com o dia,
Toca a banda dos matutos,
Olha o fogo a sertaneja,
Regaça o padre a batina
Sambando á porta da igreja :

— Aqui, minhas gentes,
Eu padre não sou!
Ai! toma, mulata,
Toma, que te dou!

XIV

A BOIA-AÇÚ

(LENDA DO TAPAJOZ)

A ilha é um duende que de noite
Abre as azas de espectro á flor do rio;
O lago — uma criança que tirita
Do susto ao calefrio.

E' que enroscada na silente areia
A Boia-açú achata-se no fundo!
A Boia-açú... que vira o mar sem ondas,
Quasi deserto o mundo!

Cobra enorme e feroz, um ente mythico
Que a crença occupa dessa gente ilhôa;
Se o indio bravo — Boia-açú! — repete,
Aponta p'ra lagôa.

E franze o supercilio... e arrepiado,
Olhar immovel no profundo crava;
Suor viscoso lhe poreja á fronte,
Recúa, e o passo encrava.

Então de antigas tabas, ora extinctas,
Onde o cauim fervia em plenas cuias,
Rolando um écho, lhe alvoroça n'alma
As tradições tapuyas.

Quando as aguas do lago se seccam
E do rio se quebram barrancas,
E' que o *bicho do fundo* escapara
De seu leito de areias tão brancas :
Boia-açú é mãe d'agua que habita
Da nascente as borbulhas tão francas.

Se ella deixa a morada em que mora,
Dão lagôas e rios signaes;
Vem a sêcca com labios de fogo,
Não lhes acha fundidos crystaes;
No emtanto por onde ella passa
Fórma rios, lagôa e canaes.

Jorra a chuva e o relampago vivido
Risca nuvens e a selva golpeia,
O trovão manda o raio que as ócas
E as aldeias tocando incendeia;
Muitos mortos no dia seguinte
Boiam frios á tona da cheia.

Trinta braças no corpo de largo
Incha o monstro nos circ'los mais broncos,
E seu dorso escamoso é tão longo
Quaes seus botes e silvos e roncos;
Ao mecher-se, as florestas desabam
Nas enchentes levando seus troncos.

Ella sai—e encrespam-se tumidas
As torrentes e novas lagôas;
Em estouros as vagas se partem,
Pelos ares tombando em corôas;
Montarias de pesca reviram,
Zune o vento, sossobram canôas.

Boia-açú tem mais filhas que vivem
E geraram as aguas—pois bem!
São giboias horrendas, disformes,
Boia-açús dessas fontes de além;
Porém mãe Boia-açú deste lago
E' mãe d'agua e das outras tambem.

Se ella deixa a morada em que mora,
Dão lagoas e rios signaes;
Vem a sêcca com labios de fogo,
Não lhes acha fundidos crystaes;
No emtanto por onde ella passa
Fórma rios, lagôa e canaes.

XV

A SUCURUIÚBA

Pela floresta antiga, ás margens do Amazonas,
Ao indio altivo encanta o turbilhão do rio;
Meneia o jacaré a negra cauda á tona
Do pantanal lodoso e borbulhante e frio...

Na clareira fendida, em zig-zag, a luz
Entra — as azas dourando aos colibris nas flores!
O reptil se arrasta em solidão sonora,
Nesse oceano immenso e rude de verdores.

Da carnaúba a palma, ao rosiclér d'aurora,
E' aspera e rugosa aos ninhos do deserto...
Se assoma o gavião, as mães os passarinhos
Protegem sob a aza, erguendo o bico aberto.

As capoeiras ao lado, eternas, densas, bravas!
A onça que se estira ás serras mais remotas!
E o écho atroador a penetrar bramindo,
Qual genio da revolta, as solitarias grotas!..

O' fontes de liana, ó resguardado abrigo,
Cestas de lisa prata e flores tropicaes!
Pendente dos cipós o sabiá mergulha
O collo em vosso seio, a desfiar crystaes!

Sois bellas! — E'assim a natureza inteira,
O louco delirar da America febril!
Os lagos, o thurib'lo á liberdade acceso,
Fumando toda a noite — alvas manhãs de abril!

E vai no occaso o sol. Da grenha das florestas
Pendura-se o silencio á terra inda arquejante;
E as montanhas além, quaes indomaveis éguas,
Estendem-se ao latir da viração errante.

Não mais a ave canta, a corça não mais erra,
Busca o tapir a cava em secular nogueira;
E o selvicola só, acocorado e rubro,
E' como rubra estatua em frente da fogueira.

Na vastidão da gleba, os ruminantes touros,
Deitados sobre a grama, apathicos, discretos,
Revezam morno olhar aos pyrilampos lucidos,
A enxotar com a cauda a turma dos insectos.

Mas um alonga a pata, escora o peito e ergue-se...
A narina incendida aspira os quentes ares;
E muge... e tardo, e lento, ao rio immenso as margens
Demanda, e desparece ao longo dos palmares.

Porém, dentre um paúl, qual massahyba enorme,
Que o lenhador possante, a custo, só derruba,
Um vulto de serpente a se enroscar nos ares,
Roncando firma o bote -- audaz sucuruiúba!

Ao boi se lança e colhe-o. E ao estalar dos ossos,
Que quebram-se a ranger na funda selva escura,
Com a lingua que tremúla afaga o pello fulvo,
Ao visco que poreja a maxilla impura.

De trago em trago sorve-o. E hibernal á sombra
Da arvore vetusta, em que, cheia, adormece,
Do boi que resta? No ar, como um alfange, as pontas,
Em semi-circ'lo á boca, ao dia que amanhece.

XVI

O NINHO DO BEIJA-FLOR

(CHROMO TROPICAL)

N'um ramo secco, agreste,
A's margens da lagôa,
Sem flores e sem sombra
A' ave que além vôa,

Um ninho pende... um ninho
Que o musgo ha recamado :
Assim custosa renda
A alfaia de um noivado.

As viraçôes do norte
E as viraçôes do sul,
O acham sempre placido
Por sobre o lago azul!

Ao despontar d'aurora,
A mãe, que nelle habita,
Desata o vôo e some-se
Qual luminosa fita...

E quando a elle torna,
Piando, o seu filhinho
Ao quente abrigo achega-se
E fura com o biquinho

A aza que o protege
Das calmas do deserto ;
E implume o esconde rapido
Se ao longe avulta ou perto

O gavião possante
Que pelos ares corre,
Que mata os pobresinhos
Que Deus, só Deus soccorre!...

Então, nas horas calidas,
O paternal affecto
Ao ninho se embalança :
Do bico cai-lhe o insecto, —

O alimento magico
Que a scintillar fulgura,
A'quella que se incumbe
De tal progenitura.

O sol, já no crepusc'lo,
Qual indio então ferido,
Do seio arranca a flecha
Que atira enrubecido,

E vara o ar, o espaço,
Do passarinho as azas...
Depois — um lago em fogo !...
Depois — um ninho em brazas!...

XVII

O SANGUE DO JAGUAR

A india americana, em solidão bravia,
Estaca ao pôr do sol, curvada de tristeza;
Em cada rama um' ave exhala uma harmonia
A' virgem natureza.

O céo é côr de cobre. A noite em per' las finas
Desfia seu collar nas vastas serranias;
A treva ensombra o ar — mortalha das campinas,
Descendo as penedias.

E a india a caminhar... Nas emplumadas flechas
Reflectem-se os fuzis d'enrubecidos lumes;
E as phalenas em torno adejam-lhe ás madeixas,
Em lucidos cardumes.

A anta agita a folha em resequidas mattas;
Chocalha a cascavel nas silvas dos vargedos;
Enrosca-se a serpente, ao fresco das cascatas,
Em troncos de arvoredos.

O gentio alquebrado o arco á terra inclina;
Na pedra lasca o fogo, e atiça-o na fogueira;
E a rêde, que perfuma o odor da tamarina,
Amarra na palmeira.

E dos flancos senis de secular floresta,
Por onde, a faiscar, noctivagas scentelhas
Bailando vão pousar em scintillante festa
Nas boninas vermelhas;

A india ouve um rugido... e pára... e se arrepia...
Ao chão encosta a face, e em vira-volta audaz
Baqueia sobre o dorso, e os pés no arco enfia,
Que entesa mais e mais.

A flecha que dispara, ultrapassando a aresta,
Rompe, descendo o espaço, a nuvem que esvoaça;
E ao jaguar que se espoja, assalta de uma fresta
A morte que o traspassa!...

O céo, que reverbera as flammas do occidente,
O sangue que a ferida aos borbotões espalha,
Transforma em labareda, ignea lagôa ardente,
— Phantastica fornalha!...

XVIII

A MULATA

(BAHIA)

Eu sou mulata vaidosa,
Linda, faceira, mimosa,
Quaes muitas brancas não são!
Tenho requebros mais bellos;
Se a noite são meus cabellos,
O dia é meu coração.

Sob a camisa bordada,
Fina, tão alva, arrendada,
Treme-me o seio moreno :
E' como o jambo cheiroso,
Que pende ao galho frondoso
Coberto pelo sereno.

Nos bicos da chinellinha,
Quem vôa mais levesinha,
Mais levesinha do que eu?...
Eu sou mulata tafúla;
No samba, rompendo a chula,
Jámais ninguem me venceu!

Ao afinar da viola,
Quando estalo a castanhola,
Ferve a dansa e *o desafio;*
Peneiro n'um molle anceio,
Vou mansa n'um bamboleio
Qual vai a garça no rio.

Aos moços todos esquiva,
Sendo de todos captiva,
Demoro os olhares meus;
Mas, se murmuram : « maldita!
Bravo, mulata bonita! »
Adeus, meu yôyô, adeus...

Minhas yáyás da janella
Me atiram cada olhadella,
Ai dá-se! mortas assim...
E eu sigo mais orgulhosa,
Como se a cara raivosa
Não fosse feita p'ra mim.

Na fronte, ainda que baça,
Me assenta o torço de cassa,
Melhor que c'rôa gentil;
E eu posso dizer ufana,
Que, qual mulata bahiana,
Outra não ha no Brasil.

Nos meus pulsos delicados
Trago coraes engrazados,
Contas d'ouro e coralinas;
Prendo meu panno á cintura,
Que mais realça á brancura
Das saias de rendas finas.

Se arde um desejo agora,
De meus affectos senhora,
Sei encontral-o no amor;
Minh'alma é qual borboleta,
Que vôa e vôa inquieta
Pousando de flor em flor.

Meus brincos de pedraria
Tombam, fazendo harmonia
Com meu cordão reluzente;
Na correntinha de prata,
Tem sempre e sempre a mulata
Figuinhas de boa gente.

Eu gosto bem desta vida,
Que assim se passa esquecida
De tudo que é triste e vão;
Um *dito* bem requebrado,
Um mimo, um riso, um agrado
Captivam meu coração.

Nos presepes da Lapinha
Só a mulata é rainha,
Meiga a mostrar-se de novo;
De minha face ao encanto,
Vai-se o fervor pelo santo,
P'ra o santo não olha o povo!...

Minha existencia é de flores
De sonhos, de luz, de amores,
Alegre como um festim!
Escrava, na terra um dono,
Outro no céo sobre um throno,
Que é meu Senhor do Bomfim!

Na fronte, ainda que baça,
Me assenta o torço de cassa,
Melhor que c'rôa gentil;
E eu posso dizer ufana,
Que, qual mulata bahiana,
Outra não ha no Brasil.

XIX

AS UYÁRAS

(LENDA DO RIO NEGRO)

Travesso menino,
Do fundo das aguas
Que em flócos se ameigam dos juncos ao pé,
A's vezes se escuta na queixa do rio
Um canto macio...
De quem... não se vê!

O canto se estende, mais doce que as moitas
Que dormem silentes ás nuvens do céo;
Se acaso o barqueiro que vai na jangada
Lhe escuta a toada,
Meus Deus, se perdeu!

Travesso menino,
Não sabes ainda?
Ali as Uyáras se occultam reveis!
São ellas as moças que vivem cantando...
Crianças roubando...
São moças crueis!

São alvas, mais alvas que o dente das antas,
Mais loiras que as folhas crestadas... são bellas!
Se alguem as descobre na molle corrente,
Lá some-se a gente,
Lá somem-se ellas!

Em noites de lua resvalam fugaces,
Quaes nevoas doiradas — nas aguas azues...
E ao collo suspenso nas ondas bem mansas,
Enroscam-se as tranças,
Quaes serpes de luz.

E ellas entôam cantigas tão meigas
Que o écho dos valles acorda veloz;
Mas foge, menino, de ouvires das fadas
Gentis, encantadas,
Um hymno, uma voz.

« — Eu tenho aqui mil palacios
Todos feitos de coraes;
Seus tectos são mais formosos,
Que a coma dos palmeiraes.
Infante que vais no monte,
Deixa o teu pouso d'além;
Eu sei historias bonitas...
Vem!

Quando nas conchas de espuma
Sigo á tôa até ao mar,
As princezas que morreram
Dansam na luz do luar.

Jangadeiro que murmuras,
Eu sou princeza tambem;
O rio está na vasante...
Vem!

Minhas escravas são virgens
Loucas, esveltas, morenas;
Têm mais ternura nos olhos
Que orvalhos as açucenas.
Jangadeiro, a noite é fria,
Tem máo assombro o sertão;
Minhas escravas são lindas...
São!

Tenho collares de per'las,
Harpas d'ouro em que descanto;
Governo a luz das estrellas,
Pára o luar ao meu canto.
Infante, a choça é deserta,
Ninguem te espera lá não;
Minhas historias são bellas...
São! »

E assim ellas levam ás grutas sombrias,
A's grutas medonhas dos rios, do mar,
Aquelles que ouviram seus cantos, á noite,
Distantes do fogo querido do lar.

Ouviste, menino? Não corras do rancho,
Que ali as Uyáras se occultam reveis;
São ellas as moças que vivem cantando...
Crianças roubando...
São moças crueis!

XX

BOAS-NOITES

As boas-noites da varzea
São filhas da luz, — de Deus!
Flores silvestres nascidas
A' livre aragem dos céos!
Quando Maria, criança,
Tinha na sorte matizes,
As boas-noites amava...
Eram-lhe as noites felizes!...

Boas noites! lindas noites
Foram-lhe aquellas de então!
No seio infante a innocencia,
Luz, perfumes no sertão.
Porém, Maria cresceu,
E do mundo no festim
Não mais achou boas-noites...
As noites de seu jardim!

Ai! não te lembras, Maria,
Quando no rio da aldeia
Suppunhas vulto de fada
Os raios da lua cheia?
Eras sorriso, esperança,
Eras affecto, — eu, carinhos:
Perdeste as azas, cahiste.
Sangra-te o pé nos espinhos.

E eu, proscripto, estrangeiro
N'este paiz de tristeza,
Te vejo fria de vicios
No luto da natureza!
Choremos, sim, tantos sonhos
Que cedo se esvaeceram;
Com as boas-noites da varzea
As nossas noites morreram!

XXI

FLORESTA SUBMERGIDA

São como sombras medrosas,
Turvas, densas, forasteiras,
Os arbustos verdejantes
E as retorcidas palmeiras,
Que na movel superficie,
Quaes phantasmas penitentes,
Em grupos surgem rezando
De pé nas aguas dormentes.

Que nova scena desdobra-se
Pela extensão infinita!
Suppõe-se que occulta fada
Nessas paragens habita!
Que de um throno de prestigios,
Sobre a enchente que se esvai,
Mira a floresta que desce
D'outra que ás plantas lhe sai!

São as lagôas formadas
A's enchurradas de abril,
Polido espelho das selvas
Das solidões do Brazil!
Musgosos troncos robustos,
Aos temporaes, nos espaços,
São sacerdotes que á pia
Os sec'los levam nos braços!

Nas profundas alamedas
Dessas mattas espaçosas,
Vão-se as aguas enrolando,
Quaes giboias preguiçosas.
E em noites calmas, amenas,
Ao branco archote da lua,
Voga o indio na piroga,
O pescador na falúa.

No ar volteiam, pescando,
O laço feito de corda,
E o jacaré que bordeja
Prendido no laço acorda.
E, arrojados nas ondas,
Os ageis caboclos nús,
Mergulham no váo cavado
Atraz dos pirarucús.

XXII

A SEREIA DO JABURÚ

(LENDA POPULAR)

A' popa de um baixel, da tarde aos lumes tremulos,
André, o pescador, ao longe apparecia;
Fitando o horizonte, ao som d'agua dormente,
Vibrava um terno canto, um canto de magia.

Por cima, o firmamento; em roda, os montes invios,
— Estatuas que ao silencio erguera o Deus eterno;
Além, do Jaburú a praia alvinitente,
Qual nuvem que distende o perpassar do inverno.

E vai a barca, e vai, frisando as ondas tumidas,
Qual cysne que de um lago á flor se deslisou;
E o lindo pescador dá novo impulso ao remo,
Dirige á ponte o leme, e vai... emfim chegou!

Celeste harmonia, partida da prôa,
Se entorna e resôa
Nos bosques, nas serras, nas ondas do mar;
Dissereis, ouvindo taes notas magoadas,
Mil virgens libradas
Em nuvens douradas,
Contando aos anjinhos seu doce scismar.

Das toscas cabanas deixando os amores,
Gentis pescadores
Lá correm, ouvindo tão grato rumor:
E chegam arfando, talvez de cansaço,
Estendem o braço,
Encolhem o laço
Das rêdes, que puxam com ancia e vigor.

Depois... inda esperam; — descansam na areia
Que fulge e branqueia
A' praia fragosa que luta com o mar!
E logo começam o cabo esticando...
A barca encostando...
E nella saltando
Murmuram cantigas de meigo trovar.

— Sejas bemvindo, se trazes
Boa pesca, pescador!
Estende as rêdes na praia
Que não tarda o sol se pôr.
Mas, por S. Pedro, que peso!
Quem é feliz como tu?
Quem sabe se não pescaste
As penhas do Jaburú?!...

Assim : trabalha, trabalha,
Que Deus nos ha de ajudar!
Já temos hoje um thesouro
Nesta pesca de espantar.
Saltemos! vamos á terra,
Que ha muito o sol se escondeu...
Vejamos qual foi o peixe
Que nossa rêde colheu.

Oh Virgem dos Navegantes!
E' bom mero, já se vê;
Pois aqui, nestas alturas,
Outro peixe não se crê.
Desdemos os nós das malhas
Que inda parece bulir,
Vamos miral-o á vontade
Que não nos póde fugir.

Mas nisso que cortam as duras laçadas,
A rêde entreabrindo na limpida areia,
Desperta, sorrindo, mulher encantada,
De cauda golfinea — formosa sereia!

E tinha os cabellos e os olhos tão verdes,
Da côr da campina tranquilla, orvalhada;
Vencendo o espanto dos velhos barqueiros
Modula uma prece de amor inspirada.

Que cantos sublimes! Que threnos divinos
Não levam-lhe as auras beijando as madeixas!...
As harpas eolias nos ermos saudosos
Não têm mais encantos, mais puras endeixas.

Na alvura do peito, tremendo, medrosa,
As graças despidas na coma velou...
E logo começa canções mais suaves,
E geme, soluça, suspira... e calou!

Então, diz um delles : « Levemol-a, amigos!
A barca que a trouxe que a torne a levar!
André, carreguemos a linda sereia,
E vai, onde a viste, depressa deixar.

Senão, é sabido que morre o amante
Que ouviu suas queixas de grave sentir;
A' riba! que o tempo nos foge inclemente...
Coragem! coragem! porque succumbir?!

Que esperas?! Não achas que sopram brandinhas
Aragens furtivas á calma dos céos?
A hora é propicia; sem alvas neblinas,
As velas te enfunem galernos — Adeus! »

Ao deslisar dos prantos,
Das aguas na corrente,
Um véo espesso e algente
Correra aos olhos seus!...
Pendido como as vergas
As' lufas dos pampeiros,
Exclama aos companheiros :
— Adeus! adeus! adeus!

E partiu! — Foi em suspiros,
Soffrendo agonia atroz,

Levar a pesca maldita
Da barca ao singrar veloz!
Se voltou, não o soube alguem;
Dizem só, que mais além
Do Jaburú, n' alto mar,
Ouvem-se á noite harmonias
Casadas ás melodias
D' almo e formoso luar!

XXIII

A LENDA DA ABOBORA

(FORMAÇÃO DO MAR)

De assalto as sombras, quaes piratas negros,
Tomam as mattas asperas, bravias...
E o jaguar, como um arco, empola o dorso,
Se estirando das patas luzidias.

Luzes de estrellas, de macias flammas,
Silenciosas brilham pallecentes...
Gemem ventos vesanos, que aos tapuyos
São orac'los dos posthumos parentes.

Aos fogos canibaes de cem fogueiras
Pendem ramas de trevas cavalgadas;
E os caboclos soturnos, nos espetos
Viram do morto as regiões tostadas.

Um rugido no ar... Jacaré torvo
Da onça o flanco fulvo chicoteia!...
Partiu-lhe a cauda a fera : elle sumiu-se
Deixando um rastro de sangrenta areia.

Aos bailos do terreiro as feiticeiras
Se encolhem tremulas, atiçando as brazas;
E grita a *alma perdida* e as aves tontas
Abrem no espaço rubro as curvas azas.

Em alarido enorme, as tribus pávidas
Enchem de espanto as naturaes paragens!
Mutilações de dó... soluços... prantos...
Nos corpos nús funereas tatuagens!

De Yáia, o chefe poderoso, a rêde
Na cabana lá está — selvagem horto!
As carpideiras lanham-se, e agachado
Contempla o chefe Yáia o filho morto.

Não quer vasos de terra! — as igaçabas
São a seus olhos miseros sarcophagos!...
E rincha o *marabá*... e os ritos cumprem-se
A's dansas funeraes dos anthropophagos.

Guarnecendo a maloca, em altos postes,
As cabeças das victimas fincadas;
Os pregoeiros sopram nas buzinas
P'ra traz vergando as frontes gateadas.

De quando em quando, em contracções athleticas,
Um braço armado gyra subtaneo...
O captivo resiste; e ao resistil-o
A maça tomba e se estilhaça um craneo!...

Em confusa algazarra, os povos incolas
Na cordilheira buscam tredo acoute;
E em torno do defunto os fachos ardem
De genios máos esvasiando a noite.

N'uma abobora desforme
Abriu-lhe o sepulchro Yáia :
Foi juntinho da cabana,
Em frente da sapucaia.

Sentou-o no seu jazigo,
Uniu-lhe ao peito os joelhos,
Com seus collares de dentes,
Seus diademas vermelhos.

Um bando de pombas bravas
Mortas ficaram-lhe aos pés,
A cauan que espanta as cobras,
Que lucta com as cascaveis.

De flecha e clava e membys
Cercou a mumia querida :
Para os combates da morte
Levava as armas da vida.

E ao vel-o triste, triste,
Chorando seu filho ahi,
A rôla... as rôlas gemiam
Nas palmas do licury.

Desce o chefe a montanha : a visital-o
Segue, á luz da manhã, que além domina;
Aqui e ali, mil troncos suarentos,
E o insecto que zumbe da matina!

Do rochedo aos degráos sobem vapores,
— Erma, vasta e fumante escadaria!...
E o abutre pellado a testa esconde
Debaixo d'aza voadora e fria!...

Yáia proseguiu... mas, avistando
A abobora tumular desses caminhos,
Notou que enormes peixes se escapavam
Do fructo cheio de algaçaes marinhos.

No terror que o agita, o caso infausto
Leva á óca dos seus, á taba inteira!...
E as trompas soam nas quebradas longas
Suppondo auguros a nação guerreira.

Quatro meninos gemeos que attentavam
O chefe — partem, sem demora, inquietos,
Famintos, nús, zebrados, offegantes,
A' grande pescaria em seus desertos.

Reunem-se os pagés, velhos, mulheres
De labio roto e faces taciturnas;
E emquanto uns trepam no arvoredo excelso,
Outros se escapam das baixinhas furnas.

Os caboclinhos viram
A abobora, e sem assombro
Ergueram-a contentes
Ao pequenino hombro;

Porém do centro o liquido
Pingando cai, gotteja,
E dos milhões de furos
Mareja, sim, mareja!

E nisso assoma Yáia,
Grave, sombrio, quedo;
Elles disparam rapidos
Com indizivel medo,

No chão se abrindo o fructo
Que inunda extremos lares...
Dessa agua — o mytho barbaro
Do Genesis dos mares!

XXIV

A TABARÔA

Eu gosto bem desta aldeia
Que vai mirar-se na areia
Que o mar estende no chão ;
Da serra os feios negrumes,
Se ás tontas mil vagalumes
Faiscam pelo sertão.

E'doce a queda da fonte,
A'cujos prantos no monte
Revive a malva-maçã :
E'bem suave o canario
Com seu cantar solitario,
Quando desperta a manhã.

Que bello é ver-se nas mattas
Rolando duas cascatas
Té se abraçarem no val !
Bem como duas serpentes,
Argenteas, bravas, frementes,
Fugindo do temporal !

Eu amo as lôas singelas
Das trigueirinhas tão bellas,
Junto á fogueira a carpir;
Essas dansas no terreiro,
Ao arrufar do pandeiro
Nas horas do despedir.

Nas veigas cheias de flores
Póde sonhar-se os amores,
Que aqui sómente é que os ha!
Eu corro a ver, á tardinha,
Se a borboleta se aninha
Na flor do maracujá!

Ai quanta, quanta alegria,
Quando eu parto em romaria,
Co'as flores da tucuman!
Com minhas saias bonitas,
As tranças presas nas fitas
Da côr da maracanan!

Quem sabe, rompendo o fado,
Num requebrado engraçado,
Mais engraçado tremer?
O sertanejo na estrada
Geme canção magoada,
Sempre amor a me dizer.

O rancho que segue á tôa
Só pensa na tabarôa,

Na tabarôa trigueira;
Na minha aldeia, á cabana,
Não conheço soberana
Nessas dansas por fieira.

Eu gosto bem desta aldeia
Por noites de lua cheia,
Da tarde ao quente verão;
Amo da serra os negrumes,
O bando dos vagalumes
A scintillar no sertão.

Meu peito de amores palpita, e ardentes
Meus olhos se quebram de viva paixão;
Na treva dos cilios—dous astros luzentes,
Gentis, transparentes,
Espelhos dos sonhos de meu coração!

A voz de meus labios, qual onda bem mansa
Que rola na praia—desperta um scismar;
Meu fado é mais bello que a côr da esperança,
Que o rir da bonança,
Que os brandos caniços das varzeas, do mar!

A flor que desbrocha nas margens do rio,
Que molha o seu calix nas aguas azues,
Não tem os encantos de um rosto sombrio,
De um collo macio,
De um corpo delgado quaes finos bambús.

Eu sou tabarôa! no rancho, mais leve
Que a brisa que corre, que vai n'amplidão,
Eu gyro nas dansas que fervem, mais breve
Que a gotta de neve,
Que cai da palmeira no vasto sertão.

Meu peito se agita, minh'alma se ufana
De ver minha terra não ter mais senhor!...
Aqui sou rainha que os servos engana....
Se choro a *tyranna*,
Arrasto aos meus cantos mil cantos de amor.

Eu gosto da vida de sonhos ardentes,
Da aldeia, das flores, da serra, do val;
Mas sou tabarôa dos olhos luzentes,
Gentis, indolentes,
Espelhos dest'alma—de meu ideal.

XXV

NO BANHO

As aguas correm rapidas
Em jorros transparentes,
Quaes bandos de serpentes
Em largo vendaval!...
Mas, vem a noite proxima,
O céo faz-se sombrio :
Meus membros sentem frio,
Qual flor dormida ao val.

As minhas pomas túmidas,
Aos beijos das aragens,
Palpitam nas arfagens
Não sei de que... de amor!
Eu dera a vida placida,
Que levo em minha aldeia,
Pelo sentir que anceia
Meu peito em vivo ardor.

Sobre esta alfombra mádida
De relva, entre arvoredos,
Mil beijos, mil segredos
Seriam sonhos meus!
Além, estrellas fulgidas
No manto dos espaços...
Amor preso em meus braços,
Eu presa aos braços seus!

Porém, debalde! — a pallida,
A pobre da serrana,
Só ama na cabana
A flor, que é sua irmã!
O mais é louco, é perfido...
O lyrio que se inclina,
Se tomba na campina
Só dura ũa manhã!

Adeus, ó fonte magica,
De ti eu tenho pejo!
Não mais este desejo
Me dês, que eu torno aqui!
E' tarde! a noite é humida
Pelos sertões maninhos ..
Nem mais pelos caminhos
Se escuta o bemtevi.

A lua vai esplendida
No monte, na espessura;
E' linda, é bella e pura
A estrella do pastor!
Porém, meu Deus, que vivido
Calor me vai no seio!
O'fonte, eu te receio...
Adeus, adeus, amor!

XXVI

A LUZ DOS AFOGADOS

(LENDA POPULAR)

Sobre o rio o céo profundo
Turvo, bem turvo se arquêa...
E as estrellas miudinhas
São como dourada areia.

A saracura espantada
Solta gritos nos mangaes;
Reza o vento nos caniços
Pela calma dos brejaes.

N'um barco tisnado vulto
Vai de pé na correnteza;
Ampara com a mão a vela
Que tem n'outra mão accesa.

Aladas, esguias brumas
Resvalam pelas *catingas*,
E as almas choram no côro
Das vagas d'ermas restingas.

Canoeiro, canoeiro,
Mede o abysmo a teus pés!...
São esquifes verdejantes
A boca dos jacarés!

Da canôa a leve quilha
O limo rasgando, vôa...
E as ingaranas murmuram
Vendo passar a canôa.

— N'um leito pleno de horrores,
Sem uma prece, uma cruz,
Dormes, Maria! — mais longe
Irei largar esta luz...

Que os mortos no fundo
Do rio e correntes,
Ensinam ás gentes
Seu corpo onde está :
A flamma parando
Que fica boiando,
E fatua scintilla...
Tranquilla...
P'ra cá e p'ra lá!

Ella afogou-se no rio,
Quem sabe se enlouqueceu!?...
Ai pobre escrava! Que sina!
Que sina que Deus lhe deu!

Eu busco-a, entretanto ;
Assim hei de têl-a,
Embora por vêl-a
Me custe o morrer !
A' lua, que é nova.
Abri-lhe uma cova
Da vargem no seio,
No meio
Do pranto e soffrer.

Desçamos a vela n'agua,
Mostra-me, ó luz, seu encerro !
Escravidão, tu nos roubas
Os sete palmos do enterro ! !...

Sigamos o rastro
Do fogo da trilha,
A taboa que brilha
Com a luz a tremer !...
Ao brando arrepio,
No dorso do rio,
Resvala e se avança...
Balança...
Mas sempre a correr !

A canôa ia de manso,
— O pedestal da figura,
Que sobre o peito curvava
A fronte rugosa, escura.

E ao tetrico marulho
Das aguas no remoinho,
A luz esbarra nos juncos
Que topa lá no caminho.

Ao baque d'um corpo—funebre
A superficie resôa,
Como o som d'um bando d'aguias
Que rente, bem rente vôa.

E boceja á tona o abysmo,
O sorvedouro que o traga;
Mas a luz dos afogados
Desce, remonta... e se apaga!

XXVII

A LENDA DAS PEDRAS VERDES

— MUIRAKITANS —
(TRIBU DAS AMAZONAS)

A' vontade dormia entre as montanhas
Yacyuaruá — lago dos mythos;
Ahi vinham cumprir as Amazonas
Da Lua os sacros ritos.

Do rio Yamundá nas fontes turgidas
Elle se prende em troncos de palmeiras;
Nas margens — areaes onde dansavam
As mulheres guerreiras.

As aves no balanço da folhagem,
Fugindo ao sol em braza do deserto,
Iam beiral-o n'essas horas calmas
Molhando o bico aberto.

As tribus bravas, ao cahir das noites,
Animavam interminas paragens;
Ardia o breu nas lascas da *candeia*,
Nas malocas selvagens.

No pantanal silente as saracuras,
Num pé suspensas, arrufadas, frias,
Aos fogos fatuos desatavam gritos,
Ariscas, arredias.

O lago era um fetiche, as Amazonas
O cercavam — fulgindo ao luar claro,
Quando a deusa lasciva se espelhava
Nas aguas, sem reparo.

De bailados de guerra e cantos lubricos
Saturava-se o ar que ensurdecia...
Um seio a outro seio se roçava
E tumido tremia!

Era a festa do anno! — A' Lua plena
Mergulhavam no lago aos talismans,
E á tona vinham da bacia d'ouro
Com seus muirakitans

De côres verdes, lucidas, sublimes,
Que a Mãe dos mythos sensual guardava:
Pedras de aspecto vário, mas ás vezes
De aspecto que excitava.

Depois, pela floresta iam perdidas
Juntar-se aos homens na volupia intensa,
E a cada amante um idolo cediam
Como que em recompensa.

E de manhã os incolas exhaustos,
No dôrso em ondas os cabellos pretos,
Tinham pendentes do sombrio collo
Os verdes amuletos.

XXVIII

NOITES DO EQUADOR

Nos climas do Equador é tão tranquilla
A noite pelos céos!
Os pés no mar, a fronte nas alturas,
E sobre os seios seus
O tremulo filó de estrellas puras!

Ao descer da montanha que se eleva,
Scismadora, idéal,
Dissereis, escondendo o collo mago,
A morena do val
Que esfria o corpo e vai banhar-se ao lago.

Das aras da savana odôres quentes
A tarde á Noite envia,
E dos morrões do sol tomando as côres
A palmeira allumia
A Noite americana em céos de amores.

E ella — nos lençóes de brancas nuvens,
Na solidão do espaço,
Se espreguiça em volupia, e mollemente
Ao estirar do braço
Mostra na coma o arco do Crescente.

A floresta topando-a em seu caminho,
E'mais amena e doce;
O rio, para ouvir-lhe o sonho brando,
Pendura-se na fouce
Do leve barco, ao remo se apartando...

Das plagas suavissimas
A'rêde da floresta,
A Noite toda em festa
Descendo o ar fluctua!
E somnolenta e limpida,
Lasciva, ardente e meiga,
Rescende á flor da veiga
E bella e toda nua!

Sonhando, assim levada
Das nuvens nos arminhos,
Alaga ermos caminhos
De transparencia e luz!
Nos céos milhões de estrellas,
Quaes borboletas d' ouro,
Palhetam seu thesouro
Nos limbos sempre azues!

Oh! quando ella apparece
Tão fúlgida e brilhante,
A projectar distante
Seus traços indecisos,
A selva dá-lhe aromas,
As viraçõe bafejos,
A terra é toda em beijos,
O céo é todo em risos!

Trepando limosas pedras,
Da restinga na corôa,
O pescador amarrando
Vai as cordas da canôa.

E corre o fio e na vaga
Atira a isca e o anzol;
A' flor d'agua sobe a espuma
Que se apaga em caracol.

Nas paragens mais remotas,
Dos indios bravos na aldeia,
Conta lendas a tapuya
Rola a criança na areia.

Chega da caça o caboclo,
Arma a rêde em que descansa;
Os outros, dos arvoredos,
Assistem, silvando, á dansa.

O vaqueiro enamorado
Canta as noites do sertão,
O rapaz da guia os riscos
Do tanger do boiadão.

Na porta, a gentil matuta,
No batente da cabana,
Galhofa das serenatas,
Palmeja ouvindo a *tyranna*.

Findou o *terço*, Os escravos
« Louvado seja o Senhor »,
Dizem, volvendo á senzala,
Depois que os conta o feitor.

Outros, na afanosa lida,
A'candeia do paiol,
São os espias da noite
Que vão sorprender o sol.

Das rochas altivas
Despenham-se vivas
As aguas... lá vêm!
Espanam-se as garças e as emas esquivas
Não vendo ninguem!

Doudeja nas balsas
Phantasticas valsas
Aos raios da luz,
O bando dos fogos que errando se exalça
Do chão dos paues.

Nos tanques, apathicas,
As plantas aquaticas
Desbrocham... Que côres!
Parecem, pousando nas moitas selvaticas,
Subtis beija-flores!

E reza nas palmas
O côro das almas
Das tribus de então,
Que foram traídas nas guerras mais calmas,
Vencidas... oh não!

Nos ares a lua,
Na plaga que estúa,
Afunda-se e brilha:
Assim na ardentia suspende a falua
O bojo da quilha.

Doudeja nas balsas
Phantasticas valsas
Aos raios da luz,
O bando de fogos que errando se exalça
Do chão dos paues.

As claras Noites do Equador são moças
Que os céos buscam contentes;
As noites negras, tetricas, escuras,
Escravas que as correntes
Mostram do pulso a Deus nas desventuras.

E ellas germinando o horror dos crimes
— Da escravidão imagem,
Passam quietas, quando o crime passa,
Ao gargalhar selvagem
Do mocho que nos craneos esvoaça.

E nas trevas lá vão... lá vão fugindo
Na aridez do pranto :
Os mortos têm pavor — de seus caixões,
Lhes tecem roto manto
De fatua luz e vis exhalações.

As Noites do Equador são as ciganas
Lendo da selva as sinas ;
Se lhes empresta o sol a côr morena,
O céo as faz divinas !

XXIX

TUMULO SELVAGEM

Dorme a serrana o derradeiro somno
Entre os coqueiros do silente val,
Por onde ao pôr da tarde as aves cantam
A' fresca sombra do paiz natal.

Quando o vento soluça na campina
Qual phantasma dos ultimos amores,
Agitando as palmeiras susurrantes
Lhe atira no sepulchro algumas flores.

Ella passou veloz! — phosphorea espuma
Ao coaxar dos remos da canôa...
— Garça atirada aos temporaes da morte
Sobre a algidez da livida lagôa.

Uma cruz... o silencio... á cabeceira,
O alecrim cheiroso do sertão;
Depõe-lhe um ramo, se descobre e reza,
Contricto caminheiro, uma oração!

E' bom assim dormir! — por templo — a selva
Que o genio do Senhor abriga, encerra...
Tem por cirio — o luar, incenso — as nuvens,
Nenias lhe canta o sabiá da serra!

E debruçada á urna das montanhas,
Guarda a noite o selvagem mausoléo...
Por panno mortuario — um véo de estrellas,
Camara ardente — a profundez do céo!

SEGUNDA PARTE

NOCTURNOS E PHANTASIAS

I

A BARCA DO DANTE

A MACHADO DE ASSIS

Segando se ne va l'antica prora
Dell' acqua più che non suol con altrui

(*Inferno*, c. VIII).

Rasgando a vaga somnolenta, immunda,
As negras vagas da infernal lagôa,
Do Dante a barca no passar afunda
Rapido sulco de silente prôa!
E quasi extincta, em solidão profunda,
A luz da torre se afastando vôa...
E ao som pesado das pesadas aguas,
Gritos e prantos — dolorosas maguas!...

Que extranho povo! Que funesta bruma
Levanta o rio do fervente leito!
— Almas cobertas de um sendal de espuma
Com mãos e dentes lacerando o peito!...
Bem como á noite, quando a terra fuma,
Cruzam-se flammas num abraço estreito,
O condemnado que do abysmo sai
Se atira ao outro que rolando vai!

E o odôr infecto que a lagôa exhala
O circ'lo todo sem cessar percorre...
No espaço — a voz que o blasphemar não cala,
A' tona — o écho do chorar que morre!
Se a barca joga e resvalando estala,
E' sobre um corpo que boiando corre...
Virgilio e Dante, contemplando a noite,
Scismam dos remos ao sinistro açoite!

Em torno o olhar do florentino bardo,
Que desce á plaga dos fataes lamentos,
Se entorna, — e as ondas no marulho tardo
Se agitam — corvos do soffrer sedentos!
E qual ao tronco vai trepando o cardo,
Qual na floresta o sibilar dos ventos,
Cresce um phantasma, que com a dextra aporta
A' negra barca da lagôa morta.

Nú, lamacento, descarnado, esqualido,
Diz ao poeta : — Tanto arrojo! tanto!
Antes que o dia já te fosse pallido
Desces ás trevas do sombrio espanto?!
Quem és? — « Apenas neste golpho calido
Passo! Devora tua ira em pranto!
Vai-te, maldito! » E' quando o mestre amigo
Dá-lhe entre os braços paternal abrigo!

Qual oceano em tempestade intensa,
Sustendo ao hombro o turbilhão das vagas,
Almas occultas sob a Styge immensa
Erguem no dorso as dolorosas plagas ;

Emquanto aquellas que na cima extensa,
Na raiva insana, ao estorcer-se em pragas,
Chusmam, rebanho de uma raça impura,
Nas podres aguas da lagôa escura!

— « Porém, ao longe, que cidade em brasa
Rubra muralha meu olhar avista!?...
Mestre, o peccado que a existencia abrasa
E' quem ainda mais horror conquista!...
Assim o raio que a floresta arrasa
Traça nos ares coruscante lista... »
— « Filho, o incendio que ali vês informe
E' de Plutão a capital enorme! »

E segue a barca. De candente muro,
Barra formando crepitante chamma,
Fulvo caminho, tremulante, impuro,
Abre o clarão que funeral derrama.
Então Caronte, num rochedo escuro,
Fincando o remo que a escorrer se inflamma,
Brada aos poetas, lhes mostrando a porta :
— Entrai, ó nautas da lagôa morta!...

II

SAUDAÇÃO DOS MORTOS

(AO CENTENARIO DE CAMÕES)

'Stava a equipagem prompta, o capitão a bordo :
Ao cáes um povo em pranto, oh sim! bem me recordo.
O seu destino, ó céos, não tem côres brilhantes,
Vós o sabeis; — acaso um bando de emigrantes
Póde, deixando a patria, os risos, a familia,
Dizer : que bella estrada a que noss'alma trilha?!

'Stava a equipagem prompta; ao fundo acorrentada
A ancora a ranger, — e do navio á escada
Atracam botes já, pelos arpões grosseiros
Do bateleiro rude.
Os pobres passageiros
Ao corrimão de corda os passos vacillantes
Vão apoiando, vão : mulher, velhos, infantes,
Todos sem pão, sem lar, e prestes a partida
Acenam do convez o adeus da despedida.

E seguem mar em fóra... o mar tem seus arcanos!
Dos tres sec'los á lyra ouviu-se aos oceanos :

— Viajantes que passais
Em busca de novos lares,
Marinheiros que voltais,
Nautas d'este e d'outros mares;
Nós os mortos sem suffragios,
Sepultos pelos naufragios
Longe da terra e dos céos,
Deixamos nosso abandono,
Quebramos o eterno somno
Com que nos prendera Deus.

D'aqui, debaixo das aguas
De bonança e procellosas,
As nossas queixas são maguas
Sempre aos vivos descuidosas.
De tanta corrente ao erro
Tivemos o chão do enterro,
A onda que vai nos leva...
E por funerario cantico
As tempestades do Atlantico
Á nossa cova de treva!

Sobre a lousa movediça
Temos por incenso as brumas,
E a vaga que a coma eriça
Traz-nos grinaldas d'espumas!
O santelmo é nosso cirio...
Mastros a cruz do martyrio
Ás nossas campas de pé...
Na vaga que o tempo cança

Sossobra a ancora da Esp'rança,
Ergue seu calix a Fé!

Nós — os tristes esquecidos,
Nós — destroços naufragados,
De nossos leitos batidos,
D'esses caixões agitados,
Surgimos lá do profundo
Esquife em que cabe um mundo,
Onde um hymno, um som chegou
D'esse vulto solitario
Que deu-nos gloria ao sudario,
Que nosso tum'lo cantou.

A' negra crypta oceanica
Sem luzes, sem resplendores,
De Camões á voz titanica
Desceram luzes, fulgores...
— São elles as ventanias
Que soltas ás ardentias
Faiscam, fogem p'r'além...
Nautas que volveis aos lares,
Contai que os mortos nos mares
Saúdam Camões tambem!

III

ALMA PENADA

(LENDA POPULAR)

Dizem, vóvó, que á noitinha,
Além, suspenso no ar,
Vê-se um medonho phantasma
Que faz a gente espantar...?
E, quando algum viandante
Pernoita nesse caminho,
Elle pede um Padre-Nosso
Ao seu ouvido, baixinho?...

— Crédo em cruz! Ave-Maria!
Ai, meu Deus, que tentação!
Não fales, minha netinha,
Não fales tão alto, não.
Aquella sombra terrivel,
Nesses sertões a chorar,
E' uma alma penada
Longe dos céos a vagar.

Não fales, que tenho medo,
Do que sei, te referir;
Já tenho passado noites
Sem mesmo poder dormir.
Porém, se queres que conte
A sua historia, netinha,
Rezemos, rezemos ambas
A nossa Salve-Rainha!...

« Ha dez annos que morreu,
(Foi o cura quem contou!)
Um homem tão renegado,
Que nunca se confessou.
Era o maldito opulento
Tão cheio de presumpção,
Que recusou uns bentinhos
Da Virgem da Conceição.

« Só queria nos domingos
Aos cercados conversar,
E quando o cura passava
Não ia-lhe as mãos beijar.
Porém afinal morrendo,
Como morre uma preguiça,
Não deixou quatro patacas
Para dizer-se uma missa.

« Quando aquelle excommungado
A' sepultura baixou,
Chovia tanto, que a chuva
Toda a cidade inundou.

Só parecia que o demo,
Nas azas dos furacões,
Era quem vibrava os raios,
Quem açulava os trovões. »

— « Diga, vóvó, que fazermos
Para apagar-lhe o delicto?
— Netinha, quatro rosarios
Rezar depois de um Bemdito.
Mas não só isso; o bom cura
Com pena do tal demonio,
Pede esmolas de dez missas
Aos servos de Santo Antonio.

— Vóvó, depois o phantasma
Não volta perdido, não?
— Menina, o padre assegura
Que póde inda ter perdão.
— Então, vóvó, meus pintinhos
Eu vou á praça vender.
— Vai, que os rosarios não bastam
P'ra tanto ao céo merecer.

Adeus! adeus! vai na guarda
Da cruz de Nosso Senhor,
Que eu vou p'ra meu oratorio
Cantar com todo o fervor.
Gallo preto! se a capella
Não fosse perto d'aqui,
Eu não deixára que um passo
Se désse agora por ti.

Juro que amanhã tres missas,
Hei de ouvir com devoção,
E dar o dinheiro ao cura,
Tudo por tua intenção.
Mas emquanto vai á feira
E volta minha netinha,
Pelo signal... Crédo em cruz...
Bemdito... Salve-Rainha!

IV

A ENDEMONINHADA

(BAHIA)

I

A filha da visinha,
A mana de Totonio,
Ha mais de nove mezes
Tem *parte* com o demonio.

A noite e os dias passa
Que causa compaixão :
Saltando — é como um bode,
Latindo — é como um cão!

Passeia, faz perguntas,
Simula, dá respostas,
Depois cai de joelhos
Contricta, de mãos postas...

Irrita-se, pragueja,
Suspende olhar vidrado,
Que deixa lá no tecto
Ficar como pregado.

Tem bolo na garganta
E tosse, sequidão,
Os braços abre, ás vezes,
E resta em estação

Immovel, sem sentidos,
Com gestos desvairados;
Sorri-se... que sorriso!
Que olhos espantados!!

Se alguem lhe fala em santos,
A *peste* fica muda :
Um galho de alecrim,
Um raminho de arruda,

Na furia mais horrenda
Transforma a pobresinha,
Que rompe num delirio
Ouvindo a ladainha.

O que será? O que?
Quebranto?! Não, não é :
Está o que ella foi
Buscar no candomblé.

A mãe ficou cansada,
Dizendo o que é verdade,
De toda a sexta-feira
Mandal-a á Piedade

Benzer, surrar com varas;
E os padres, nem por isso,
Do corpo lhe tiraram
O demo ou o feitiço.

O povo tem razão
Da casa ter cercada:
Se quer levar á igreja
A endemoninhada?!

II

— Espie desta porta,
Espie lá p'ra dentro:
A cama está no fundo,
A mesa quasi ao centro
Da sala, sem cadeira,
Sem caco de mobilia:
A vela do oratorio
Crepita, estala, brilha,
Fumando esbrazeada,
Lambendo luctulenta
O ramo de alecrim
Do copo d'agua benta.

A moça, socegada,
Não vê? Dormita agora;
O padre está ao lado,
A mãe resmunga e chora.
Não ha doutor de fama,
De fóra ou da Bahia,
Que não tratasse della:
Tomou homœopathia,
Mezinhas, lambedores,
E purgas, infusões,
Rezaram máos olhados,
Benzeu-se nos Perdões...
Porém não ha tirar-lhe,
(*Assunte* o que asseguro)!
O demo que metteu-se
Lá nella, eu te esconjuro!

Enxerga? se espreguiça...
Ergueu-se... cai de chofre;
As ventas regaçando
Fareja odôr de enxofre.
Tactêa, apalpa, agarra
Em sonhos mil serpentes,
Corujas que esvoaçam
Em caldeirões ferventes.
Acorda, despertou-se
No desvairar sem fim...
Já viram como fala
Em grego e em latim?!

Jesus! Quanta fiducia!
Que tentação sahida!

Que cara ella apresenta
De pitomba lambida!
A mãe boceja perto
Da filha que suspira;
O padre está de pé,
Contendo-a, nem respira.
Botou-lhe no pescoço
O relicario d'ouro...

Ouviu, *sinhó* Cazuza?

— O que, yáyá?

— O estouro?!...

III

Encurva como abutre
Os pollegares hecticos;
Estira-se, contorce-se
Nos roncos apopleticos!
Levanta a perna e subito
A lingua morde esqualida :
Uma defunta é quasi,
Fria, tranquilla e pallida!

Horrendo accesso lubrico
Se lança a ella indomito!
Agita os gluteos flaccidos,
Banha-lhe o labio um vomito!..

Enverga-se invencivel,
Bate pancadas tres...
E'como um arco o rachis,
Tocam-lhe á nuca os pés!

Gargalha a demoniaca,
Vê esqueletos, aves
Nocturnas, negras, funebres,
Sombras sinistras, graves!
Os monstros mais satanicos
Acercam-n'a carnifices;
Blasphema, grita, ri-se
Dos infernaes pontifices!

Soletra, lê nos páramos
Phrases, legendas, disticos!
Aponta cifras frivolas
Com termos cabalisticos!
Porém a furia hysterica
Vai a deixando tragica;
Ella prantêa, queixa-se,
Quanta fadiga magica!...

IV

— Foi bom que visse o caso,
Foi bom que o caso visse :
Assim não póde um dia
Dizer : — « Fulana disse,
« Fulana foi quem viu,

« Fulana é quem contou. »
Eu cá não sei de nada;
Só sei do meu rosario
Que rezo por meu homem,
Um velho boticario
E pardo... mas, senhor!
Acções, como elle, sim!
Chegou a ser irmão
Do Carmo e do Bomfim!
Ao nosso imperador
Viu elle pequenino...
Fez toda a Independencia,
A guerra do Sabino...
Permitta que esta historia
Por hoje não lhe conte
Agora, com licença,
Espie lá defronte..

V

AI! MORENA!

Quando em meus braços, na insomnia pallida,
Tremes, filha do céo, tremes, suspiras,
Eu sinto que o anceio de teu peito
Tange-me as notas de esquecidas lyras.

Dentre a vigilia e o somno, em noite amena,
Não te desprendas, não; nunca, morena!

Vi-te adormida no teu leito brando
Apartando a cortina que fluctúa,
A brisa era mansinha e lá do espaço
Beijos de luz te despedia a lua.

Vela-te o somno um anjo que te acena :
Porque repousas ao luar, morena?

Aos meus joelhos reclinada a fronte,
Se cantas, o teu canto magoado
Me acorda n'alma as illusões queridas
Dos bellos dias do viver passado.

Ai! não cantes assim! p'ra que mais pena?
Meu futuro é só teu.... teu só, morena!

Quando sorris, na rosa de teus labios
Passam perfumes de tua alma pura!
Como a per'la na concha — o riso encerra
A traição, o prazer ou a candura.

O teu riso, yáyá, é luz serena :
Inda mais um sorriso... um só, morena!

VI

HYMNO A' GUANABARA

Salve, cabocla gigante
Que além te avultas do mar!
E em rêdes de mil florestas
Dormes á luz do luar!..
De pé, por sobre as collinas,
O' Guanabara, dominas
Nesses teus thronos de azul...
E das vagas nos regaços,
O'india, estendes os braços
Para o Cruzeiro do Sul!

Salve! ó princeza selvagem
Na immensidão que desmaia...
Que apanhas conchas de ouro
Na branca areia da praia!
A' cinta, quaes meigas filhas,
Vejo abraçarem-te as ilhas

Nas despedidas do sol...
Cestas de musgo, — são bellas!
São verde — aureas capellas
Soltas aos pés do arrebol.

Pelas montanhas enormes,
Quaes Prometheus de granito,
Sobes á noite mansinha
Para sondar o infinito...
Na bronzea espadua, revolta
Cai-te a negra coma solta
Ao brilho dos astros puro...
E dizes á immensidade :
— Deus Tupan da tempestade,
Té onde irá meu futuro?!

E o oceano se estende
Com rebanhos de escarcéos...
Os horizontes se alongam,
Topam rochedos com os céos.
E'um prenuncio sublime!
Na natureza se imprime
De teu destino o vigor :
E' crescer, subir ousada,
Subir qual serra escarpada
Onde se libra o condor!...

Da culta Europa a sciencia,
Mil palacios, cathedraes,
Não valem tuas grandezas,
Não valem teus palmeiraes.

Aqui, a nuvem que passa
Chora do povo a desgraça,
— A dor que soluça tanto!
Quando da flor de teus valles
E' grande o pequeno calix
Para conter nosso pranto!

Salve! indiana formosa
Que tens o mar á teus pés...
E como um cão que te afaga
As serras dos Aymorés!
Tu és do bardo a magia,
De uma harpa santa a harmonia
Vibrada ao esplendor dos céos :
Ver-te no espaço perdida,
E' crer-se numa outra vida,
E' ver-se a sombra de Deus!...

VII

SAUDADES

A MEU PAE

Saudade!
Tenho saudades
Das noites de minha terra,
Onde o luar se destouca
Nas cabeceiras da serra!
Tenho saudades dos montes,
Dos ares, dos horizontes,
De um bem que não volta mais...
Da hora triste e sombria,
Do sino da Ave-Maria
Nas suas notas finaes.

Saudade!
Tenho saudades
De uns olhos negros que vi,
De uns olhos que me mataram,
De uns olhos por quem morri.
Do gaturamo que vôa,
Que vai rente com a lagôa

Buscando um ramo sombrio;
Dessa cantiga plangente
Do pescador indolente,
Sentado ás margens do rio.

De minha patria distante,
Do meu berço longe assim,
Eu sinto a morte no exilio,
Sinto-a bem junto de mim!
Aqui, por noites divinas,
Negras, funereas cortinas
Rolam dos céos atravez...
Do sonho esvai-se o encanto,
Dos olhos rebenta o pranto,
Vai-se do estro a altivez!

Saudade!
Como minha alma
Se estorce em funda agonia!...
Tu és um cirio de mortos
Doirando uma campa fria!
Pallida luz de uma aurora
Brilhante, orvalhada embora
Como as manhãs do sertão,
Que ás flores mortas da vida
Mandas um raio, querida,
Para aquecel-as no chão.

Saudade!
Ai quem me dera
Vêr de novo o meu Brasil!

Indio que vai na piroga
Cortando rios aos mil!...
Selvagem, que á luz da lua,
Braços nus, a perna nua,
Se estende por serranias...
E ao ronco das cataratas
Erra no seio das mattas,
Luta com as onças bravias!

Das lianas que se enlaçam
Nos coqueiros da floresta,
Onde as aves se embalançam
Ao molle calor da sésta,
Em que a araponga, na calma,
Soluça de palma em palma
Tristes magoas a carpir,
De amor entornam-se os lumes...
A brisa nos traz perfumes,
O peito tem mais sentir.

Eu quero viver de novo
Nas terras de meu paiz,
Mais affectos vale um filho
Quanto mais é infeliz.
Quero ouvir pelas estradas
Do boiadeiro as toadas,
Quando a coirana desmaia...
Bem longe das cachoeiras
A suspender as perneiras
Nas ramas da sapucaia.

Minha mãe soluça ainda?
Falla em mim nos seus serões?
Junto á candeia da insomnia,
Santa, murmura orações?
Oh! vai, saudade de neve!
Leva esse pranto de leve,
Filtro que d'alma é que sai...
Transpõe, transpõe esses mares!
Vai na terra dos palmares
Depol-o aos pés de meu pae!...

Dize á patria, irmãs, amigos,
Que eu sou um' ave sem ninho,
Flor batida das lufadas
No tremedal do caminho!
E depois da dextra idosa
De minha mãe piedosa
Beijares nas soledades,
Chora do exilio as endeixas,
Dá-lhes meus threnos e queixas,
Dá-lhes minha alma em saudades!

Saudade!
Tenho saudades
Das noites de minha terra!
Onde o luar se destouca
Nas cabeceiras da serra!
Tenho saudades dos montes,
Dos ares, dos horizontes,

De um bem que não volta mais...
Da hora triste e sombria,
Do sino da Ave-Maria
Nas suas notas finaes.

Londres, 1871.

VIII

A VESPERA DE REIS

(BAHIA)

I

E'vesp'ra de Reis! — o povo,
Que estima festas tão suas,
Guarnece a Praça, o Terreiro,
Esquinas, adros e ruas.
Aos batuques, as crioulas
Batendo palmas lá vão....
E chora e chora a modinha
Nas cordas do violão.

As mulatas requebradas,
As sultanas da Bahia,
Essas musas predilectas
Da popular poesia,
A chula animam, as dansas,
Riso ao labio e alma franca,
De panno da Costa ao hombro
E torço de cassa branca.

Nos batentes das janellas,
Nas sacadas dos sobrados,
Vê-se moças e meninos
A's grades dependurados.
E na moldura de um chale,
Que já não se usa agora,
De vez em quando uma velha
Bota a cabeça de fóra.

Pela muralha formada
De longinqua escuridão,
Rebenta um rio de luzes
Por onde adeja a canção.
E aos archotes que circundam
O panacum da *Burrinha*,
Seguem ranchos de pastores
Aos presepes da Lapinha.

« O' de casa, nobre gente,
Escutai e ouvireis,
Que das bandas do Oriente
São chegados os tres Reis. »

Os ranchos ornados
De fitas e flores,
Trajando costumes
De todas as côres,
Arrufam pandeiros
Não tardam... lá vêm!
P'ra ver o Menino
Nascido em Belém.

E pucha o farrancho
Moleque traquino,
Moleque bregeiro,
Mané Pequenino.

II

« Sapo cururú
Da beira do rio,
Quando sapo canta,
Ai maninha!
Cururú tem frio. »

Na confusão, na alegria,
Os ranchos passam. Bailando,
As castanholas prendiam
Rompentes mãos, que ondulando
Mostravam, tombando em laços,
Coraes em formosos braços
Da côr do jambo ou da treva...
Rasgando a camisa fina
Redondo seio illumina
O fogaréo que se eleva...
Como é linda a pastorinha!...
No seu chapéo de palhinha
Quantos jasmins, quantas flores!
Que mimos! Que lentejoulas!
Que peneirar de crioulas,
Que descantar de pastores!

« Se eu soubesse
Que havia funcção,
Trazia mulatas
De meu coração. »

III

E dos estribilhos e cantos e córos
Os ares sonoros
Saturam-se, aos fachos de vivo clarão;
Depois, aos tinidos dos langues violas,
Febris castanholas
Uns dedos morenos estalam então.

De mãos á cintura, subtil, despachada,
Mulata engraçada
Balança na chula, travessa, ligeira...
As luzes lhe beijam de leve a pontinha
Da azul chinellinha,
Quando ella levanta do chão a fieira.

Nas golas abertas de talhe furtivo,
Nas rendas de crivo,
Os seios lhe tremem no seu palpitar!
E dansam pastores as dansas incautas...
Modulam as flautas,
E os ranchos pararam, mas sempre a cantar.

« Senhora dona da casa,
Mande entrar, faça favor,
Que dos céos nos 'stão cahindo
Pinguinhos d'agua de flor. »

« Inda bem,
Ha de vir!
Que somos de longe,
Queremos nos ir. »

IV

« Êh !... Bumba!
Ora, bumba-meu-boi!
Êh! bumba!
Ora, chega p'ra frente!
Êh! bumba!
Ora, espalha esta gente! »

Assim bradava o vaqueiro
Guiando o seu boi malhado;
Tem rodaque ao peito aberto,
Largo chapéo desabado.

Pelos chifres tral-o preso,
Verga-lhe o cachaço a canga,
Pelas flores, pelo peso
Das ramagens de pitanga.

Sua vara de aguilhão
Sobe, desce e relampêa;
Marra o boi — o povo corre,
Volve o povo — elle campêa.

Em torno, o tio Matheus,
Engrolando uma cantiga,
Varre o chão com a carapuça,
Faz tabaque da barriga.

Segue a tia Catharina
Com seu cesto na cabeça,
Que é para levar o fato
No caso que o boi falleça.

O doutor da cirurgia,
O chamado *Surgião*,
Exhibindo vai na frente
Sua lanceta na mão.

E o vaqueiro escuta as lôas
Como um rei nos seus solares,
Vús, pandeiros, bombos, pratos,
Trovas, cantos populares.

« Êh! bumba!
Ora, bumba-meu-boi! »

V

O rancho do *Mundo*,
Bizarro apparelho,
Dirige-se ás bandas
Do Rio Vermelho;
Navega a *Fragata*,
De accesos boeiros,
Com seus almirantes,
Com seus marinheiros.

A Caiporinha
Pula n'um pé só,
Cabocla bravia,
Tapuya sem dó.

Quem ha que de vê-la
Do matto não tema,
Com o rosto coberto
Dos véos da urupema?

Gyrando...
Silvando...
Saltando...
Nem fala!

Na onda que cresce,
Do povo — apparece,
Depois desparece
Tão leve,
Tão breve,
Com medo da gente,
Qual genio indolente
Que á noite resvala.

Ao rancho da *Garça*,
Aos ranchos gentis,
Succede o *Phantasma*;
Após, *Cucumbys*,
Ou negros Malês
Tocando canzá,
Vestidos das plumas
Do deus de Dongá.

Agitam chocalhos
O ar atroando,
Em lubrica ardencia,
Do flanco á cadencia,
Em barb'ra estridencia
De rude roncar:
O tronco estorcendo,
Os musc'los tremendo,
Com os pés vão batendo,
O corpo mexendo...
Gemendo...
A dansar!

— « A minha Caiporinha
Dansando lá vem,
Parece chamar-se
Marocas, meu bem. »

— Marocas, tu chegas,
Marocas, me vou!
Marocas, me negas,
Marocas, te dou!

VI

« Êh! bumba!
Ora, bumba-meu-boi! »

Eis quando assoma o vaqueiro
Transpondo altivo o Terreiro:
— Faça roda o povo todo,
Faça roda o povo inteiro!

Chega, meu boisinho,
Chega para frente,
Corteja este povo,
Corteja esta gente.

Viram vosmincês
Como faz mesura,
Venha já de cima
Boa molhadura.

Adoeceu meu boi,
O meu boi morreu;
Tome d'este lenço,
Dê-me o que não deu.

Aqui tens, malhado,
Meu amor primeiro;
Chega p'ra viagem.
Guarda o teu dinheiro.

Da Lapinha dista
Pouco mais o dia,
Diz adeus ás moças,
Rasga a cortezia.

« — O meu boi é bonito?
— « E' bonito, sinhá!
« — O meu boi tem dinheiro?
— « Tem dinheiro, yáyá! »

— Ora dansa, malhado!
És o boi mais damnado
Que tem meu Piauhy!
Ora toca p'ra o lado!
Olha para o sobrado
Oh! meu boi Surubim!
Su!... boi! boisinho...
Baixinho...
Rentinho...
Mansinho...
Assim!

Depois arremette
Abrindo fileira,
Soando-lhe os guisos
Na rota testeira;
E o povo, sambando,
Acerca, aos magotes,
O boi que no centro
Vai dando pinotes.

E o vaqueiro escuta as lôas
Como um rei nos seus solares,
Vús, pandeiros, bombos, pratos,
Trovas, cantos populares.

« Êh ! bumba !
Ora, bumba-meu-boi ! »

Colêam archotes
Nos longes escuros,
Além destacando
Mil casas e muros;
E os ranchos dispersos,
Unidos, por vez,
Encantam a noite
Da vesp'ra de Reis !

XI

AS HORAS

Erguendo na amplidão os tectos solitarios,
As torres de alva igreja, os altos campanarios,
Herdades são, solar de irmãs mysteriosas :
P'ra uma que é feliz, ha muitas desditosas...
Moças, — a bella, a feia, — em riso, em agonia,
A' vida despertando á luz do mesmo dia,
Ante os umbraes do tempo em fila se postavam,
Medindo o gyro á terra e aos sec'los que passavam.
Princezas do mysterio, a sua voz vibrante
E' rija martellada ás grades do quadrante,
Prisão que se rebenta, — e atiram-se dos ares,
Como a vaga a bramir pelos desertos mares!
Em mystica harmonia, as Horas, em lamentos,
Das velhas torres cáem, batidas pelos ventos,
E o rumo vão seguir que a sorte após lhes traça :
— As Horas do prazer e as Horas da desgraça!

Quem és, que ao pôr da tarde
Suspiras pelo monte,
E tens por diadema
A Vesper sobre a fronte?

E n'um sentir ignoto
Accendes os ardores
No seio da donzella,
Na estação das flores?

Sou a virgem que prende o céo á terra,
A Hora dos Amores!

E tu, que do relampago
A luz tens peregrina,
Na aza refulgente,
Na palpebra divina,
Que vens pelo silencio,
Dos páramos profundos,
Mostrar aos sonhadores
Desconhecidos mundos?!

Que clamas ao poeta :
« Não vês o mar? E' a sorte!
Mergulhadores somos,
Sobrenadar á morte?!... »
Quem és, princeza magica
Dos paços da amplidão,
Que habitas no poema,
Que vives na canção?

— Sou a noiva do sol, — a Hora augusta
Da santa Inspiração!

Além vejo nos ermos
Louca mulher, sombria,
Vai desmaiada e pallida,
Sem riso á boca fria.
Somnambula errante e lucida,
Por sobre escuro fado,
Nos crepes do presente
Envolve o seu passado.

Quem és, ó melancolica
Visão d'alma bemdita?
A companheira placida
De uma existencia afflicta,
Que lacrimosa encontras
Na densa escuridade
O corpo sem sepulchro
Da ardente mocidade?...

— Eu sou o écho da ventura extincta,
A Hora da Saudade!

E foram-se Horas taes! De tenebras paragens,
Bem como n'um abysmo os passaros selvagens
Abatem-se a librar nos vôos somnolentos,
Outras das torres vem, — as Horas dos lamentos!
Pesadas como a lousa, e lentas, infernaes,
São sempre as do infortunio, irmãs sempre fataes!
Passai! passai, que a noite é fria, horrenda, escura...
Passai! bem vos conheço, oh Horas de amargura!...

Contorna braço livido,
Contrahe livida mão
De um vulto, os ferros lugubres
De tétrica prisão;
E scisma... a alma lhe foge...
Lá vai... lá vai perdida!
Ai! pomba da esperança,
Onde pousar na vida?!

Quem és, que te apavoras
Das maldições dementes?
Lançou-te a patria escrava
Ao pulso essas correntes?
Da Liberdade morta,
Daqui, do teu encerro,
Assistes, já sem prantos,
Passar o longo enterro?!

— Eu sou a esposa de Gonzaga e Dante,
A Hora do Desterro!

Na cella um catre, e rigido
Um corpo sobre um leito!
Um Christo de metal
Descança-lhe no peito!
As monjas se ajoelham
Em piedoso afan,
E rezam : « Deste mundo
Tu sahes, alma christan... »

Depois... faz-se o silencio
A's vozes compassivas,

E doze moças descem
Das torres ás ogivas.
A moribunda acercam :
O cirio extremo ardia...
Quem sois?! As alvoradas
De um dia sem ter dia?

— Échos do Josaphat; pastoras funebres;
As Horas da Agonia!

De vestes puras, candidas,
Alvas, da côr dos lirios,
Ao céo sobe uma virgem
Isenta de martyrios.
E qual criança meiga,
Que fita a luz do sol,
Ella através das lagrimas
Saúda outro arrebol.

E terna, ao seio acolhe
Um anjo — os seus amores!
Despe da coma estrellas,
O chão veste de flores!
E vôa, e vôam juntos
Em férvido transporte!...
Hosanna! — E'o seu hymno
E santo, eterno, e forte!

Gloria a Deus! Que esta virgem casta e fulgida
E' a Hora da Morte!...

X

OS IMMORTAES

(AO CENTENARIO DE CAMÕES)

I

BATEL PHANTASTICO

De louca phantasia a nebulosas plagas
O meu batel se arroja; e, desflorando as vagas,
Da branca vela atira ás alvacentas brumas
O phosphorente pó das nitidas espumas.

E as estrellas do céo, na profundez da noite,
Os raios flammejando em pavoroso acoute,
Eram punhaes de prata á dextra negra e fria
Da guarda que volteia o tumulo do dia!

Veleiro é meu batel; a trilha é quasi ignota...
Nem mais veloz no ar arreia-se a gaivota,
Buscando a ilha á tona do oceano azul,
Aos fogos do poente, ao fresco vento sul.

Aonde, ó sonhos meus, me conduzis errante?!...
Quem sois?... phantasma acaso?... Eu creio em ti, ó Dante!...
Pois bem : o mar é largo... os horizontes fundos;
Voemos, meu batel, ás plagas d'outros mundos!

II

O MAR DA MORTE

Que golfo estranho e livido!...
As aves agoureiras
Piam por sobre as ondas,
— Esqualidas caveiras!...
Campeia a lua funebre
Por trás dos montes tredos,
Pharol á morte erguido
Nos cimos dos rochedos!...

De meu batel á quilha
A luz amarellenta
Qu'ella derrama — acende-se
E piedosa... e lenta...
Scentelha é a gotta d'agua
Que aos flancos seus rutila...
Cahindo, — é fogo fatuo
Que a se apagar scintilla!

Cavo marulho, cavo
Revôa á viração...
As atalaias rompem-se
Ao pallido clarão
Da lua que, açulando
As ondas lamentosas,
Estrada esses caminhos
De sombras luminosas.

E' meu batel veleiro...
Aos horizontes largos!...
Silencio! Os mortos dormem
Nos tumulos amargos!
Mysterio d'outra vida,
Porque meu ser esmagas?...
Rezai na vela, ó ventos!
Gemei ao remo, ó vagas!...

III

CÔRO DAS TAGIDES

De paços verdes, esplendidos,
De um leito de per'las finas,
Um talisman nos desperta;
E o fado, que tece as sinas,
Trocou por azas de estrophes
As nossas azas de Ondinas.

Ao nada volve, ao abysmo,
O' golfo que a urna enramas,
Onde o esquecimento aquece
As cinzas d'extinctas chammas!
A morte morre no Tejo,
Nessa mortalha dos Gamas!

De cada estrella ao lampejo,
Em claras noites de maio,
Qual vasta cóta de malhas
Se espelha o Tejo em desmaio...
E a gloria passa a revista
Aos mil espectros de raio.

Ha um prestigio nos astros
Que nos encanta os destinos;
Que ao nosso condão de fadas
Os limbos surjam divinos,
Com seus campos de esperanças,
Com seus muros peregrinos.

IV

OS CAMPOS ELYSIOS

Detem-te, sim, detem-te, imaginar ousado!...
Eis uma flecha d'ouro, — aqui fique amarrado
O meu batel, emquanto minh'alma alonga a vista
A' praia que se encurva, ao prado que se avista.

O' musa! A minha sombra
A faiscante areia d'espesso véo ensombra...
E tanto mais se estende, e tanto mais se arrasta,
Quanto a muralha cresce e meu batel se afasta!...

Tão só! Já do crepusc'lo aos toques cambiantes
A murada golfeja a luz dos diamantes,
Que vai bater ao longe e na maré eterna,
Qual da Vestal na lage a lucida lanterna.
Entremos. Quanta calma! As nuvens azuladas
A deslisar no espaço aereas, abraçadas...
Saltando, a ave canta em florescente falda,
E vôa da palmeira á cesta de esmeralda,
Ou cedro que balança a coma caprichosa
No ether crystallino, e brando e côr de rosa.

Das longas avenidas,
Quem sabe o rumo seu? — lá vão, lá vão perdidas,
A espreitar de manso, — e a sussurrar de leve
Ao banho da sereia, — o braço e mãos de neve.
O alvo cysne encolhe, a se arrufar de frio,
O recurvado collo ao murmurar do rio;
E rasga a espuma e junta os pés que ergue á tôa,
E boia, e canta, e dorme ao fluxo da lagôa.

Porém... que vejo? — Sombras solemnes, magestosas,
Aos versos do poema as cordas sonorosas
Da lyra magoando e os limbos triumphaes,
E a gloria a lhes sagrar os myrtos immortaes.

Eu vi passar tranquilla a multidão immensa :
A' frente o cégo Homero, Virgilio, e de Florença

O bardo que de Magra na floresta obscura
Pedira a frei Hilario a paz — doce amargura!
Seguiam, palhetando um radioso traço,
E Milton, Klopstock e Ariosto e Tasso,
Ossian e Sadi; a tragica harmonia,
O Shakspeare; e Voltaire, satanica ironia,
O epico da França; Basilio e Santa Rita,
O cantor de Lindoya e o de Moema afflicta.
E qual visão que narra o livro dos prophetas,
Eu vi na confusão mais sombras de poetas,
De sabios, cujo nome é symb'lo das conquistas :
Os reis do pensamento e gerações de artistas.

Mas, como o sol nascente a se avultar nos ares,
Emquanto a meio o encobre o turbilhão dos mares,
Eu vi — n'um lago infindo — em morna atmosphera,
A cup'la colossal de bipartida esphera.

Era um zimborio ingente, um vasto monumento
De doze portas, tendo frontões e ornamento
Aos pontos cardeaes : e perto e mais distantes
Os epistylos d'ouro aos hombros dos Atlantes.

A reflectir-se n'agua o monumento excelso,
Era o zimborio um globo, — o globo do universo!

Acima, d'arte antiga em molde o mais severo,
Um templo se mostrava, e circular, austero...
De cada columnata á abobada singela
Cahia, até o lago, estrella após estrella,
— Degráus d'eterna escada ao fulgurante solio,
Por onde o genio ascende ao templo-capitolio.

V

CÔRO DOS ATLANTES

Meus membros são tetanicos!
E cresce a força, e medra!...
O mundo sobre o dorso!
Gasto um coxim de pedra!...
O peso do universo
Aos bronzeos musc'los meus!
O' pena dos Atlantes!...
O' dor dos Prometheus!!...

VI

TRITÕES E NEREIDAS

NO LAGO DA IMMORTALIDADE

Nós somos as Nereidas,
Tritões, filhos do mar;
Por trompas, — temos buzios;
E do profundo lar
As conchas nos guarnecem
As algas do collar.

No mar Egéu nascidas,
Nereidas somos ternas;
Um dia... foi na India,
Que as grutas mais internas
Deixámos, vindo em tropa
Das liquidas cavernas.

Tritões somos, Nereidas,
Gerados n'outro lar;
A prôa lusitana
Aqui nos fez chegar,
Ao lago onde se afoga
O céo, a terra, o mar...

O templo é templo aberto: metópa e columnatas
Das côres são do sol nas aguas das cascatas...
Suspensa era uma lyra, — harmonico thesouro,
A' frisa de saphira e com triglyphos d'ouro.

De toda parte eu vi a phalange divina,
A's luzes imponente, o chão de cornalina
Roçar com a veste branca a desatar-se em flores,
Na cythara vibrando um hymno aos vencedores,
E dos heróes á gloria, acções, aos feitos grandes,
Sublimes como a Grecia, eternos como os Andes!...

As sombras no recinto
Penetram, — rescendendo ao nardo e ao jacintho;
E da caçoula acesa a myrrha e o aloés,
De cada estatua ou nicho a fumegar aos pés.

De estrella, uma c'rôa ao tecto se engastava,
E a immortal corôa o templo illuminava.
Eu vi, alas formando, e d'um e d'outro lado,
Aquella multidão de olhar sempre inspirado;
— Pomposa romaria aos tres Seculos da gloria,
Que ao genio ia levar a palma da victoria.
Aqui, ali, além, os lusos navegantes
O queixo descançando ás ancoras brilhantes...
Vespucio e Magalhães, Colombo, o illustre Gama,
Cabral, que tem chegado aos capiteis da fama.
Depois... sobre um altar, e niveo e grave e puro,
Havia uma c'rôa de lhama e bronze escuro;
E tres Velhos do templo, — os magos d'essas aras,
Tomaram-n'a mais alto que frontes tão preclaras.

A' tripode erigida em face ao santuario,
Resguardava a Vestal o fogo do sacrario.

Então, nem mais siquer ouviu-se uma harmonia.
Calou-se a bayadéra, — e a c'rôa reflectia
D'estrellas, no lagedo um sulco resplendente,
E um vulto assoma e entra, — *um novo engenho ardente.*

Elle caminha ovante : é mais que um ser humano;
Fechou n'um livro um povo e a alma do Oceano!

E' bello! E' Portugal seu berço idolatrado;
Poeta e cavalleiro, a espada do soldado
Cinge — e a cota d'aço a desdobrar-se em malhas,
— A lyra acostumada aos échos das batalhas!

E lá, lá n'esse altar, altar nobre, infinito,
Dos tres Sec'los a c'rôa, em centenario rito,
Eu vi descer-lhe á frente, e aos mysticos clarões :
— « A' gloria do seu tempo, ao Immortal Camões! »

VII

CÔRO DOS BARDOS

Subi, subi dá lyra, ó fervorosos cantos,
Aos gryphos de porphyro, ao marmor dos acanthos!...

VIII

CÔRO DAS BAYADÉRAS INDIAS

Bem como o lotus limpido,
Turbando o azul do Ganges,
Oh! harpa, que a meus dedos
E aos meus accordes tanges,
Deixa correr ardente
A sacrosanta flamma,
Que consagraste a Siva
Nos templos do deus Brahma!

I

AMA DE LEITE

Vinham bater á porta e vinham para vêl-a :
Era preta e retinta; a estatura d'ella
Não era alta, não; os modos seus, ufanos,
Mostrava apenas ter dezoito a vinte annos.
— « Não foi aqui, pergunta alguem que a pretendia,
Que annunciou-se um' ama em um jornal do dia?
« — E' certo, sim senhor; » de dentro brada antiga
Matrona e se levanta. — « Olá! ó rapariga!
Vem cá na sala, vem. Póde sentar-se. E' viva
No serviço da casa, e saiba que é captiva!
Exprimental-a é bom; depois, della não mude :
E que atteste o doutor, se goza ou não saude.
Engomma, lava, e cose; em tudo ella é geitosa;
Sabe agradar criança, affirmo, é carinhosa
Como bem poucas ha. Em quanto aos alugueis,
Por ser para quem é, são sessenta mil reis. »
— « Seu filho?! »

A pobre escrava, a intristecer-se toda,
Murmura :
« Meu senhor, meu filho foi p'ra róda. »

II

PARTIDA DE ESCRAVOS

A cancella da fazenda
Bateu, e tres cavalleiros
Entraram. Após, na senda,
Ponta de escravos. Certeiros,
Sem que o remorso os opprima,
Vão vendel-os serra-acima
Negociantes crueis.
Na fazenda a dor não cança :
Lá deixam ficar a esp'rança
Os condemnados fieis...
Ao tronco o soffrer não fala :
Na escada, ao azorrague,
Que tem que a vida se apague
Do escravo que a custo a exhala?
Do commercio o lucro é certo :
Os tres de ha muito o deserto
Espantam com alheios ais.
São homens? Sim, são coveiros
A cavallo, cavalleiros,
Arautos dos funeraes

De um povo rude, innocente,
Que nos sublimes amores
Vale mais que esses senhores
Irmãos de José, o crente!
Os escravos são do Norte,
Que a sêcca, a miseria, a morte,
Trouxe ao Rio pela mão.
Que sangrento itinerario!
Serve de téla um sudario
Ao pintor da escravidão!...

Sabeis o que elles passaram?
O que passam nos caminhos
Esses pobres perseguidos,
Esses filhos sem carinhos?
Sabeis que fundas torturas
Esses traidores bandidos
Fazem calar aos açoutes?
Quantas tristes creaturas
No mysterio das florestas
Deixam o corpo insepulto
Ás aves que á noite erram
E grasnam como um insulto?
É medonho! O céo se tolda;
As viraçôes já não falam;
Porém, nas sombras, as sombras
D'esses comboios resvalam...
Dos tres cavalleiros vemos,
(Prodigio do pensamento!)
A comitiva : — a Loucura,
A Fome, a Dor, o Lamento.

Seguem elles passo a passo,
E o feitor que os acompanha;
Ao bolso cordas e laço,
Pistola, faca. Tamanha
É a pena imposta ao algoz,
Que têm elles no receio
Expiação mais atroz.
Os negros, sempre adiante,
Quasi nús, marcham; se cançam,
Estala o chicote. Aos gritos,
São como animaes, — avançam!
Conduz a escrava os filhinhos;
E, contra o seio as mãos postas,
Caminha tendo o mais moço
Atado a um panno nas costas.
Leguas e leguas perdidas,
Quasi sem pão e sem tenda,
Percorrem; é-lhes abrigo
A senzala da fazenda
Que o capataz indicou.
É uma estrada maldicta!
Ás vezes, dos arvoredos,
A' amplidão infinita,
A nuvem dos urubús
Desata os vôos pesados:
São escravos suicidas,
São escravos enforcados!
Detona um'arma? É o crime
Que salvaguarda a escolta;
Foi o despertar tremendo
Do que sonhou co'a revolta!

Os castigos, a inclemencia,
A sêde, a fadiga e horrores
Formam degráus execrandos
D'esses torpes mercadores.

Nós que vimos entrar n'essa fazenda
O lote dos captivos,
A scena contemplemos — a vendagem
De corpos semi-vivos.

Chegou o fazendeiro; olhou os negros,
E no ajuste entrou!
P'ra sempre acorrentada — a liberdade
Inda uma vez chorou!

Um colloquio se deu; e, lacrimosa,
Á porta, uma mulher
Implora de joelhos : — « Meu senhor,
Venda a mim, se quizer! »

— « São as crianças lindas...
Vêdes? a escrava é boa;
Vendo-as por qualquer preço,
Vendo-as por cousa a tôa.
Traze teus filhos, negra! »
« Só dois? pergunta um d'elles.
E os outros? E' negocio;
Aquelles? sim... aquelles?

Se convier na troca,
Por mim, 'stá tudo feito;
Eu fico com os moleques

Que não servem p'r'o eito. »
— « Quer a senhora apenas
Que me desfaça d'estes;
Podeis contar, aposto,
Perdi... Vós não perdestes! »

O vendedor de escravos
Em pagal-os se occupa;
Os toma e do cavallo
Suspende-os á garupa.
O' céos! a minha penna
Vacilla e se contrista:
Materno olhar seguio-os...
Que desvairada vista!...

N'um circulo de fogo
Acaso o escorpião
Já viste s'estorcendo
E s'enroscando em vão?
E n'essa luta infrene,
Suprema, enfurecida,
A si mesmo voltando
O dardo suicida?

Assim a mãe captiva
Se debatia afflicta;
Depois, hirta, perplexa,
De pé, muda, contricta,
Retoma, um gesto horrendo...
Enfia as mãos á boca...
Coitada! A pobre escrava
Tinha ficado louca!...

III

A NOVENA

Rubro no occaso o sol, casa e terreiro
Da fazenda descobre,
Na fumaça das nuvens suspendido
Qual bacia de cobre.

Os *puxados* de palha então scintillam,
— Ninhos dos altos lenhos;
O rio move a pá inchada d'agua
Da roda dos engenhos.

A ave canta ao longe e tange o gado
O vaqueiro na frente,
O cão dispara a perseguir na matta
A novilha doente.

Forte escada se encosta a branco muro
Entre montões de areia;
Um balde ao lado, perto, e a luz da tarde
Se retira e escassêa.

Da montanha descendo — um povo esqualido
Ganha a estrada lisa;
O busto sai-lhe, descarnado e negro,
Da grosseira camisa.

Ao ulcerado hombro pende a enxada,
No pescoço a colleira;
As campainhas tinem balançando
Na ferrea gargalheira.

Os escravos seguiam... uma escrava
Quasi que vem de rastos!
E aquece o filho que sorrindo brinca
Junto aos seus seios castos.

Vira a escada, o sol dourando o tôpo,
E sonhou com a partida;
Não queria morrer! oh não se morre
Quando se deixa a vida!

Oito dias de surra não bastavam
Aos odios canibaes!
A fazenda tem leis; são nove dias;
Era um dia de mais!

A criança tomaram de seus braços,
Que foi morder o pó;
Se erguendo cambaléa, quer seguil-a...
Tão pequenina e só!

Jungida ao poste a pobre da captiva,
Regaçam dois feitores
A manga — e estiram do chicote as pontas,
Oh! que quadro de horrores!...

Gemidos abafados... pranto... sangue...
Que revoltante scena!
Rebentam chagas... Bravo! — diz um d'elles,
— São *rosas da novena!*

. . . . . .

Eis uma scena dos meus patrios climas,
Que infamia, meu Deus!
E é livre um paiz que reconhece
A escravidão dos seus!...

IV

A RÊDE

O céo é côr de chumbo,
Deserto é o paúl!
Nas nuvens grossas d'agua
Nem uma nesga azul!

Toucados 'stão os montes,
Altivos picos, serra...
O ar é insalubre,
Fareja o gado a terra!

A tempestade é proxima :
Passa o fuzil distante;
Ha lividez no espaço
Sob o negror possante.

O firmamento lugubre,
A' claridade baça,
E' qual d'um globo acceso
A luz entre a fumaça.

Mas n'um casebre, ao tronco,
Alguem então morria...
O regougar dos ventos
E' prece de agonia.

Trabalha, sim, trabalha,
Escravo, o pouso é certo;
Cai-te a enxada ao eito?
Já tens teu fosso aberto!

A surra!... A surra aos ferros
Quanto captivo leva!
E resta um mar de sangue,
Que cobre humana treva.

A treva... E ella, a escrava,
No eito está de pé :
Grilhão que mais prendera
Ao mundo o vil galé.

Desce eminencia humida
A funeraria rêde :
Do panno escapa o sangue
Qual agua a um labio em sêde.

Balança a rêde e geme
Rangendo ao caibro forte...
Ao hombro de dois homens
A escravidão e a morte!!...

Mas onde, aonde levam
Esse caixão aereo?...
Silencio! Um morto passa
Sem pranto ao cemiterio.

. . . . . .

« — E' meu marido!!... » O açoite
Dardeja — um corpo cai!
E róla o trovão no espaço...
E vai a rêde... e vai!...

V

OS FILHOS

Elle vendera a escrava e mais as duas crias;
Uma, depois da lei, só tinha quinze dias :
Estatua do infortunio, a dor mais cruciante
Que a misera levara ao seio agonisante,
Foi um supplicio atroz; o derradeiro adeus,
Um grito de blasphemia, um desafio aos céos!...

Tres longos annos, sim! de pranto e de martyrios
Ella os curtiu sem tregoas : — ella com seus delirios!
— « Fui mãe, eis o meu crime; a condição o quer :
Não é serviço á escrava o ser tambem mulher?!... »

Assim pensava a triste. O duro captiveiro
Lhe consumira o corpo. Esforço derradeiro
A subscripção lhe fôra : a graça soberana
Da barbara mulher, que n'isso fez-se humana!

« Aqui tens teu papel, o preço está marcado
P'r'as crianças... Que a ti eu tenho destinado
Que ficas fôrra. Espera, espera o teu momento,
De meus netos por morte. Eu fiz meu testamento. »

E quando *ella* sahira, horrenda de máu trato,
Uma criança ao collo, outra sustendo um prato,
Aonde a compaixão errante da cidade
Redime o captiveiro aos pés da caridade...
Ella o encontrára e *elle* empalleceu de assombro;
Abaixa-se ao mais velho, os dois erguendo ao hombro,
Com voz já quasi extincta e os olhos já sem brilhos :

— « Esmola, meu senhor! p'ra libertar seus filhos!... »

VI

O LEGADO DA MORTA

O quarto é sem adorno; em dous caixões
Descançava uma taboa — era o seu leito;
Crispados labios... ancias... orações...
Mortiça lamparina, um Christo ao peito.

Um corpo negro, ao cobertor da esteira,
Em sobresaltos lentos se estendia;
Alva caixinha ao pé da cabeceira,
O tactear de um tacto que fugia.

Na varanda por certo alguem chorava...
Um vozear baixinho e leves passos
Faziam reviver da pobre escrava
A luz, já quasi extincta, aos olhos baços.

A senhora assomou. A vela benta
Accesa prende aos moribundos dedos.
O instante da morte é o da tormenta;
Ha do sepulchro ás margens seus segredos.

— Adeus, minha senhora! — Adeus, Thereza...
— Eu morro! eu morro!... — Não, tem fé ainda!
— Dizem que lá no céo não ha tristeza,
Que Deus acolhe o escravo á gloria infinda...

Minha senhora moça? Ella não vinha?
O ar me falta... E se atirando a um lado :
— Lhe deixo uma lembrança... Era o qu'eu tinha...
Um lenço que bordei p'ra o seu noivado.

VII

IMMIGRAÇAO

— Eis a America esplendida! A liberdade
Deve pujante aqui surgir mais bella!
Dil-o a ave dos céos nos vôos largos,
O rio á viração, o sol á estrella!

Aqui parece dilatar-se o peito
Aos seus effluvios santos e divinos!...
A flor do valle sobra p'ra seus prantos,
Oh!... seus filhos não choram seus destinos!...

Foi assim que Colombo, o navegante,
Inculta a descobrira em sonhos grandes!
E librou-se o condor nos ares livres,
A America subiu, por vêl-o, aos Andes!

Mas as correntes das lianas prendem
Os gigantes da selva entre os fulgores...
É que a selva é convento, os lenhos monges,
A liana é rosario, as contas flores.

Deixei a patria minha; o alvião
É todo o meu thesouro; ao mar profundo
Lancei-me e vim pedir o pão á terra,
Á terra de Cabral, no Novo-Mundo.

Salve, America, salve! O despotismo
Morrera á teu alento mais subtil!
Immigrante, ao trabalho! o trem de ferro
Parte — eu com elle ás mattas do Brasil...

Tocára ao seu destino — a uma fazenda;
O alvião, a enxada o não desdoura;
A canna cresce, os cafezaes enormes,
Na terra promettida da lavoura!...

Nem um arado ao campo! As sementeiras
Vingam sem termo ás geiras confundidas;
E tanta gente sem um lar na Europa!
E no Brasil as terras tão despidas!...

— Trabalho e patria! Um morador que o ouvira,
Lhe mostra ao longe um homem na senzala...
— Senhor, sou immigrante, a minha patria
Da tyrannia é pallida vassalla...

— Já sei, espere um pouco. Ao tronco mettam
Este negro que ao eito retardou!
Outros havia no supplicio, em ferros;
O immigrante, por Deus! se horrorisou.

— Um instante, senhor... São parricidas?
— São meus captivos; povo d'ignavos!
— Oh! perfidia cruel! Quebre-se o arado,
Se o arado é tronco de prender escravos!...

Elle exclamou. Ao gesto arrebatado,
Cahiu-lhe a enxada e treme, ergue-a do chão,
E convulso a largou : era um espelho
A reflectir no aço a escravidão!

VIII

O REMORSO DE LUCAS

Lucas vagando a sós no meio dos sertões,
O escravo que arrosta a furia dos baldões,
Fugir quizera á luz, que nem sequer descia
A refulgir-lhe ao dorso. Oh! elle parecia
Um transfuga infernal, um condemnado eterno!
Seu corpo era a prisão, era seu craneo o inferno,
Onde su'alma — o crime — a se esconder audaz,
Tinha por Deus o roubo, a morte e Satanaz.

O' Lucas!... Lucas, foste ao mais infame aggravo
D'aquelle que no berço ao homem chama escravo,
O écho vingador, a encarnação maldicta
Da revolta que cresce e cresce, quando fita
N'um templo sem altar — a liberdade amada,
Sem cirios e sem reza ao chão amortalhada!

Um dia, elle da Feira o tetrico assassino,
Á sua côr dissera : « O meu cruel destino
Assim tão negro é; se me gotteja o pranto,
E' como d'uma eça a recamar o manto
As lagrimas de prata. A morte em baixo mora;
A escravidão é morte... e soffre e pena e chora!

Eis a estrada, a senda : ali o viandante
Deve passar. Um vulto, um vulto lá distante
O arvoredo apartou... Vejamos! Uma bala
Virá trazer-me a bolsa; o mais o morto cala. »

Elle volvera após ; a estrella da manhã
Ia surgindo bella : assim surge louçã
Ao calix do Senhor a hostia consagrada,
Que o sacerdote eleva á multidão prostrada.

Elle volvera após ; por entre as covas rasas,
De uma cova que havia, erguendo as leves azas,
Os passaros aos mil a gorgear nos ares
Lá se foram p'r' além. Um mundo de pezares

Dobrára-lhe a cerviz. N'aquella sepultura
O somno glacial trahira a virgem pura.

Quando á forca subiu, perdendo a fé e a calma :

« Os passaros... a cova... a penitencia d'alma!... »

IX

MÃE DE CRIAÇAO

Era já velha a misera pretinha;
Tão extremosa como as mães que o são :
Era escrava, porém que amor que tinha
Áquelle a quem foi mãe de criação!

Cuidava tanto delle... Quando o via
Dos estudos chegar, chegar-se á ella,
Parece que a ventura se embebia,
Como um raio de luz, nos seios della.

Seu filho lhe morrera em tenra infancia...
A sorte do captivo é a dos revezes!
Ella o criara, e d'alma n'abundancia
O consagrara filho duas vezes.

Quizeram libertal-a; a liberdade
Tomou como uma offensa e não cedeu;
Depois... « Minha senhora, é caridade
Não me apartar do filho que me deu. »

Scismava alegre tanta scisma vaga,
Pedia a Deus por elle tanto, tanto,
Que só de crêl-o ausente era aziaga
A hora que o furtava ao seu encanto.

Mas os tempos passaram; tudo acaba;
Nem no sonho feliz o foi sequer!
Ha filhos-reptis que cospem baba,
Lethal veneno a um seio de mulher.

Elle o fizera. Áquella que os vagidos
De seu berço acudiu, ó mães bondosas,
Que velára, acalmando os seus gemidos
De criança, nas noites dolorosas,

Levou-lhe ao rosto a mão de matricida!...
A pobre velha lá mordeu o chão:
— « Com meu sangue de escrava dei-lhe a vida..
Á seus pés, meu senhor... perdão! perdão! »

X

VERBA TESTAMENTARIA

— Senhor. Um meu amigo, amigo que eu lamento,
Morreu; porém deixou por verba em testamento,
Para escravos remir, um capital, um fundo.
Eu venho aqui cumprir o que elle, moribundo,
Pediu-me, instou... Eu sei que vossa senhoria
Tem um escravo idoso. Em termos, eu queria
Resgatal-o. Já vê que nessas condições...
E' velho... o ajudou... São duplas as razões!
Não póde o preço seu subir, ser desmarcado:
Além de que, escravo assim tão dedicado,
É força confessal-o, é mesmo lealdade,
Não sendo sacrificio, — á sua liberdade
Prestar auxilio em tudo...

— Entendo. Então quereis...

— A carta de alforria.

— E quanto me trazeis?

— Um conto.

Na friez de seus cégos enganos:
« Um conto?! É pouco, é! me serve ha quarenta annos!»

XI

A FEITICEIRA

É noite! E' meia noite! A selva brava
Resona ao vento solto na folhagem!...
Tudo é paz e descanço! só a escrava
Sente a attracção do abysmo e da voragem!

Um passo, um passo mais, ao prado aberto
Ella pede o veneno, a morte ás flores.
Horror! ser mãe e ver-se n'um deserto!
Viva! — orphão seu filho aos seus amores!...

Oh! que longo penar! Grilhões pesados
Do captiveiro arrasta a vida inteira!
Em torno — a prole vil dos desgraçados;
Pr'a tornal-a feliz — foi feiticeira.

Sim! Na calada das vigilias calmas,
Quando a onça boceja, ao abandono,
Fazia ella partir libertas almas
Aos succos acres que produzem somno.

O pastio lá 'stá, valles, barrancos...
Scintilla o orvalho aos hervaçaes maninhos;
Arrèa á terra o gado o corpo, os flancos,
Muge e rumina á beira dos caminhos.

Ao candieiro aceso da senzala,
Ergue-se e espreita a solidão infinda;
A feroz crueldade o céo abala,
E o odio no seu peito augmenta ainda!

A porta abriu : ninguem seu plano entrava!
Ella sahe : a planicie é vasta e núa!
Escolhe plantas a Medéa escrava,
Banhando o rosto negro á luz da lua.

Raizes e cipós ella os conhece,
As solaneas fataes, a strychnina;
Pé ante pé deslisa, — a grama cresce;
E as sementes espalha na campina.

Nos corregos d'além, nas fontes bellas,
Quem não bebera a morte, o somno eterno?...
Lealdade no ar, lumes d'estrellas,
Ranger de dentes em su'alma-inferno.

Porque tanta vingança?... A feiticeira,
Rindo na barca da escravidão perdida,
Levar quizera á natureza inteira
D'esse vinho que estanca a sede á vida.

Porém, silencio! Eil-a, eil-a que torna...
Uma velha... a infancia... ai! pobresinhas!
Do seio um philtro arranca, ao labio entorna
D'alvorada da dor — das criancinhas.

Depois, sumiu-se; entrou n'esse aposento
Dos captivos do eito, ó sina horrenda!
Da justiça de Deus o algoz cruento,
— A negra feiticeira da fazenda!

XII

INGENUOS

— Senhor, sua fazenda
E' bella realmente!
Sua lavoura é prospera :
Açude, agua corrente,
Moendas e paióes,
Terrenos sem ter conta...
E' mesmo admiravel
A canna que desponta!

— Por esses arredores
Não cuido haver melhor;
A safra deste anno
P'ra outros foi peior.
Das minhas seis fazendas,
(Que o Norte chama engenho),
Dou preferencia a esta,
Tenho razão... se tenho!

— Porém, quanto trabalho,
Calculo, eu ajuizo!
Depois... e quantos braços,
A gente que é preciso!
— No eito, cem captivos,
Se antecipando ao dia,
Trabalham té seis horas,
Serões sempre á porfia.

Ali 'stão as senzalas
De um lado e d'outro, duas;
São vastas, arejadas,
Occupam duas ruas.
Aquella é a das escravas,
A outra dos homens, creio
Assim não ter incommodo
Com o que me fôr alheio.

— E onde a moradia
Que reserva aos demais?
Quero dizer, os quartos,
As casas dos casaes?
— Com a lei do ventre livre,
Que não nos traz proventos,
Achei desnecessario
Haver mais casamentos.

XIII

A FAMILIA

— Partes, Josepha? — Não parto.
— Não partes, Josepha? ! — Não.
— Que sorte terás, tu sabes?
— A sorte da escravidão.

— Tu vais deixar-me? tu deixas-me?
— Não sou casada comtigo?!...
— O' triste escrava! Meus filhos!
Aves do céo sem abrigo!

Hontem á tarde, abraçava-te;
Sonhava um sonho fingido;
Hoje, Josepha — a desgraça!
Hoje, Josepha — vendido!

— Nossa Senhora! Vendido!!...
Tu zombas, dize, não é?
— Ai! pobre escrava! Aos escravos
Negou Jesus Christo a fé!

Amo-te muito. Os rigores,
Se os supportei, foi por ti;
Não vêr-te, é 'star morto n'alma,
Perdoa, esquece, eu menti.

— Mentiste, sim! Amanhã
O que serei, malfadada,
Quando teus filhos disserem,
Não vendo mais tua enxada :

« Onde meu pae? Foi-se embora? »
O que lhes responderei?...
Chorava a escrava, choravam...
— Responde : « Filhos, não sei! »

Era uma praia... Nas pedras,
Da dôr na ancia mais crúa,
Aponta um grupo um cadaver
Boiando aos fogos da lua!

XIV

O ESCRAVO FUGIDO

Elle fugira!... Aonde achar abrigo?!...
A serpente, o jaguar a matta infesta;
Oh! quem não sente aos pés ter um jazigo
A cada ronco ouvido na floresta?!...

Aonde pernoitar?!... A noite escura
Envolve a terra, o ar, a estrella, o céo...
Elle caminha em meio da espessura,
Como o genio do mal, afouto e réo!...

Noivo da escuridão, de um crime ignoto
A garra sangra no seu peito afflicto:
O' Cham, tu buscas que paiz remoto?...
Escravo, escravo, quem te fez, maldicto?!...

Elle tactêa as ramas penduradas
Da brenha, e agita com seus membros lassos!...
Piando, as aves fogem-lhe espantadas,
Causa-lhe medo o écho de seus passos.

Eil-a... uma furna, um antro, uma caverna...
— Penetra a escuridão a escuridade!
Affronta ao céo! injuria, injuria eterna
Sentir-se escravo, em plena liberdade!...

E que direito a grandes recompensas
Tem quem prendel-o? respondei, senhores!
Procuram-n'o, portanto, homens sem crenças,
Folga a traição a bem dos oppressores.

Povo sem coração, algozes frios,
Almas d'esquife e tum'los branqueados,
Porque abrir os mausoléos sombrios
Que não podem conter mais desgraçados?!...

Qual sua vida? — A sós, a sós no erro,
Disputar com a féra o pasto incerto!
O céo lhe fôra seu lençol d'enterro,
Se a tumba ao menos fosse-lhe o deserto.

A selva que balança a grenha enorme,
O rio, a solidão, o vento, as flores,
Augmentam na su'alma que não dorme
A silente extensão de seus terrores!

A meiga profundez das noites claras
Estreita o circ'lo estreito ao foragido!...
Elle não sahe : s'esconde. As balsas raras
Servem de asylo ao pobre perseguido.

Ás vezes, se esgueirando ao antro escuro,
O ferreo braço mergulhado em sombra,
Espia o céo, e vendo o luar puro
Recúa espavorido — a luz o assombra!...

Entanto, alguem o viu. Era ao sol posto.
Os capitães do matto, na emboscada,
Tiram da faca, e a carabina ao rosto :
— Rende-te ou morres, teu esforço é nada!...

Lutar, lutar, porque? Perto ao naufragio,
Que vai sorvel-o, o nauta, em desalento,
Não lança ao mar, em troca do presagio,
Riquezas, por viver mais um momento? !

Assim foi elle! Á corda torturante
Entrega o pulso, e seguem na avenida...
Era um phantasma do sepulchro errante
Mordendo o leme do batel da vida!...

Á fazenda chegou, e meia noite
Batia no terreiro;
O feitor o recebe, o dono, os servos,
No dia derradeiro.

— Que toque o sino, e os negros formem todos,
O fazendeiro fala.
E os negros vêm sahindo, uns após outros,
De dentro da senzala.

— Que se acenda a fogueira, e que o castigo
Comece já, comece!
E a turma cabisbaixa dos captivos
Se confrange e entristece.

E fazem alas, escondendo o pranto,
Os olhos para o chão :
Era o horror da treva pela treva,
Da luz pelo clarão!...

O chicote dardeja; o sangue jorra;
Imprecações... lamentos...
Não era mais um corpo — era uma chaga
E rotos ligamentos!...

Ao desvario extremo o olhar do escravo
Nas orbitas fulgura,
Bem como d'agua clara a onda mansa
N'uma cysterna escura!

No estertor d'agonia, a morte, ao menos,
Occulta os seus punhaes;
Estala o açoute, estala; mas as dôres
Já não lhe dóem mais.

Deixára de soffrer! — Quando su'alma
Despiu humanos véos,
Foi abraçar a aurora que descia
Lá dos degráos dos céos!...

XV

CANTIGA DO EITO

O' sol, que lá tão longe
Levas os raios teus;
O' sol, não enxugaste
Todos os prantos meus!

Cede-me o corpo á força
Do trabalhado dia;
Depois, vem o serão,
Começa outra agonia.

Eu rego com meu pranto
O pé dos cafezaes;
Seus fructos são de sangue,
Trazem da dôr signaes.

O' terra, ó mãe querida,
Teu filho eu sou tambem;
Abre-me o seio, ó terra!
O' morte, ó morte, vem!

Demanda a ave o ninho,
O matto é todo em flores;
P'ra mim não fez-se o somno,
Só traz a noite horrores.

A safra ri-se á enxada
Com que chorando eu cavo;
Ao cégo fez-se o aroma,
Não fez-se o fructo ao escravo.

O' terra, ó mãe querida,
Teu filho eu sou tambem;
Abre-me o seio, ó terra!
O' morte, ó morte, vem!

XVI

O CANDOMBLÉ

(CASA DE DAR FORTUNA)

E' meia noite ! A lua entorna frouxa luz !
N'uma casa de palha, á beira dos paúes,
Estranho grupo negro, em dansas e alaridos,
Com échos seus confunde as vozes e os gemidos :
Assim a tempestade, em torbilhões sombrios,
Se atira galopando aos gigantescos rios !...

Entremos. Na palhoça off'recem-nos abrigo...
O lar é hospitaleiro, é quasi um lar amigo.
Que vemos ? — Ao redor serpentes penduradas,
Gallinhas pelo chão, corujas enforcadas,
Cabritos sem cabeça e grelhas sobre brazas,
E um *feitiço* enorme, abrindo enormes azas !...
De um quarto um rancho esqualido alegre vem sahindo
Ao som de um chocalhar o corpo sacudindo :
De uma torcida á luz, em oleo côr de barro,
Os negros vão rezar ao idolo bizarro...

Mulheres d'outra côr, dansando confundidas,
A' excepção da tanga, achavam-se despidas.

Sobem do pango ao tecto uns fumos irritantes...
E todos dando a mão, em lubricos descantes,
Ao santo da fortuna, ao santo de Daggô
Saúdam com o rei que o vinho abençoou...
E então a mulher branca, em quebra de virtude,
Entrega-se ao prazer do africano rude!

. . . . . .

Era um dia de festa, oh! magico portento!
Nas aras de Dongá se déra um casamento.
Moça de trança loira e face côr dos lyrios,
Em braços côr da treva, aos lubricos delirios,
Promette se enlaçar, da vida á sepultura,
A'quelle que lhe deu extremos de ventura!...

E o feiticeiro-rei estende a negra mão;
E apresentando ao idolo os noivos da funcção,
Faz sortilegios vis, rolando uma serpente,
Off'rendas a colher de tão estulta gente.
Medonho no tregeito, o olhar horrorisado,
Passava como sendo um ser quasi inspirado!

Pennas de côres mil ornavam-lhe a cintura,
Do tronco a lhe escorrer narcotica gordura:
Distribuindo altivo o filtro milagroso,
Que a todos ia dar ventura, immenso gozo,
Para o banquete immundo, e máo e nauseante,
Um gallo sacrifica ao deus que tem distante.

E recomeça a festa, irrompe a gritaria...
Os noivos d'essa noite, ao fogo d'essa orgia,
Co'a turba ao santo vão, em dansas sem cessar,
Pedir dons ao *feitiço*, ao deus que faz amar.
Depois — o candomblé onde a luxuria mora,
Onde a escrava se encontra, ás vezes, com a senhora!
. . . . . .
Quando a manhã surgira, e meiga aos esplendores,
Trocando por sorriso o halito das flores,
Vestigio do *serviço* ali não mais fitou,
Que o somno, qual a morte, a festa terminou!

Senhor! na minha terra existe noite igual?!...
Silencio, oh! minha musa! — E'a patria saturnal!...

Bahia, 1868.

XVII

NOS LIMBOS

ELEGIA

> De quelque côté que vous tourniez vos regards, vous ne trouverez ici ni consolation ni soulagement.
>
> WILBERFORCE.

O' Christo, meu Senhor! nos limbos dois mil annos
Eu tenho te evocado, ó luz, ó claridade,
O' Christo, meu Jesus, assombro dos tyrannos!

E quando, quando, ó Deus! a voz da liberdade
Á mim, que sou captivo, ó Redemptor, remindo,
Irá soar no templo augusto, o da verdade?

Vivia em meu deserto inhospito, más lindo;
Arêas e chacaes, as guerras e o sirôco,
Tudo soffri, venci, resignado e rindo.

E qual meu crime? Eu gemo e tenho o peito rouco;
Passou Tyro e Carthago, o tempo abate imperios,
E resta a escravidão, — tal sobrevive o louco

Á morte da razão, a excogitar mysterios!
Não descobres, Jesus, do throno teu d'estrellas,
Que assenta luminoso em páramos ethereos,

Um corpo negro, horrendo, aos gritos das procellas,
Em nave que balança os camarins de ferro,
— Galé preso á corrente aos furacões nas velas?!...

O chicote estalar no fluctuante encerro
Á dansa no convez immundo do negreiro,
Depois, a nostalgia o mar ter por enterro?!...

Era eu, meu Senhor! Existo — o Captiveiro;
É minha próle immensa, ó Christo sempiterno,
Que nunca e nunca exhala o alento derradeiro.

Purificado estou! De teu carnal inferno
Redime os filhos meus, applaca os teus rigores,
Ou nos teus braços dá-me o meu sepulchro eterno.

Foi-te incompleta a obra; erguido aos esplendores,
Deixaste á irrisão mais corpos de captivos
Que trevas tem a noite e meigos céos fulgores.

Nos livros do Evangelho, aos sete sellos vivos,
Escuto o écho em vão dizer que é livre o escravo,
Esse phantasma humilde aos olhos teus altivos.

Nas mãos recolho o pranto e teu caminho lavo...
D'aqui, do limbo, espreito a nuvem que se avança,
Que tem no centro o raio e que despede o aggravo.

Vejo occultar-te a Fé seu calix; á Esperança
A ancora perder-se; a Caridade os filhos
Chorando abandonar. Senhor, basta! não cança

De teu Pae o furor?

De loiros supercilios,
Outra visão de luz adeja e transparece,
Ensanguentada e langue aos mais serenos brilhos:

— A Oração da tarde; o Eito orando; a Prece
Que lá chegara a Deus, aos vôos mais velozes
Que o passaro que sobe, e sobe, e desparece!

XVIII

AVE, CESAR!

Senhor!

Quando a Colombo, o nauta genovez,
Mandára um palmejar de vagas ao convez
O eterno oceano, o ralhador profundo,
O coveiro que espera os funeraes do mundo,
Que sublime sonhar... o despertar um cantico!
Sobre uma lyra — o tempo — o menestrel Atlantico
Vibrára um hymno : a senha á mais remota idade;
E retiniu-lhe a voz té onde a tempestade
Sacode a rebramir seus caldeirões de espumas,
Qual ave que a voar cahir deixasse as plumas!...
Sonhára elle, Senhor, Adamastor asperrimo,
Não de escravos um lar, mas um paiz liberrimo!
Senão, fôra-lhe a nave, aos ventos derradeiros,
A eça d'um finado, estrellas os tocheiros,
E elle, face ao céo, em meio a immensidade,
Um morto em seu esquife... a noite... eternidade...
Porém não foi assim; não foi, Senhor, é certo :
Elle aportára a plagas d'esplendido deserto.
A Providencia, Deus, que as leis nunca revoga,

A America mandou, selvagem na piroga,
Dizer : « Colombo, vem! não vês minhas florestas?
A liberdade aqui celebra as grandes festas!... »
Da matta secular, escura e soberana,
Um rio rasga o seio, e jorra, e s'espadana...
O condor colossal, leviathan dos ares,
Recorta, e pass'ros mil afogueados lares,
Ao lampejar do sol, que no occidente em brazas
Transforma em porcellana aéreas, niveas azas!
A serpente hibernal ás mais ardentes zonas,
No estupor do somno, enrosca-se; o Amazonas,
O caudal S. Francisco, o Paraná gigante,
Do incola conduz o passo vacillante;
Eleva-se a montanha ao horizonte puro,
É qual dedo de Deus no livro do futuro!...

Sorriram-se Colombo e America á victoria,
— Á força d'esplendor, dois sóes toldando a gloria!

Mas veiu a tyrannia, a ambição; seu solio
Conquista o Europeu, conquista um povo-espolio!
Era o altar balcão, o Christo era um mysterio,
O frade traz captivo o indio ao presbyterio...
Era o evangelho o anzol á catechese aos bravos;
O pescador da fé, um pescador d'escravos!...

Um facho se ateiára — assombra o sul e o norte;
No livido corcel devasta a selva a morte.

Da hecatombe enorme as tribus espantadas,
A fronte entre o joelho, as pernas abraçadas,

Nos penetraes da matta, em lugubre retreta,
Fugiam da missão á perfida sineta.

Do frade e do colono aos campos sem renovos,
O negro appareceu; o sangue d'esses povos
Correu então. Além, nos mares do Cruzeiro,
As velas d'um navio, o brigue do negreiro;
Um corpo que mergulha, o grito, o horror, a magua...
Á pôpa o tubarão suspenso ao lume d'agua.

E veiu a febre, a peste, e veiu a insurreição:
O quilombo é muralha, e poste, e redempção!
A Africa soluça; escrava, louca, errante,
Procura no martyrio as treguas do levante.

Do levante, Senhor! revolta inconsciente,
Que quebra ao captiveiro o peso da corrente;
Sabeis, vós o sabeis que rude estrada trilha
O homem sem ter patria, o homem sem familia;
A pobre mãe que sonha a um meigo desvario
O embalar d'um berço — e o berço achar vasio!

Ao banquete da vida estranho o escravo passa,
Conviva do infortunio, aos urrahs da desgraça!
Aos livres, tanto amor, e flores, risos, cantos,
A elle a cruz, o horto, o calix de seus prantos!
A escrava é mulher, de seu senhor á luta:
A esposa é amante; — a virgem, dissoluta.
A vingança resurge, e traiçoeira, esquiva,
Colloca-se a senhora em frente da captiva.
A moral se corrompe, e sobre o altar do vicio
É sempre o coração quem sangra ao sacrificio!...

O escravo o que é, Senhor? — O ultrage do direito:
É da lei conspurcada o horizonte estreito;
É carcer da razão : que tormentoso inferno!
É Christo e Prometheu no seu supplicio eterno!..,

Porém, basta! Que vejo? — Alcova mortuaria...
Se apressa a multidão revolta, tumultuaria,
O sino dobra, é dobre a preces de agonia...
Entanto, quanto hosanna e flores e harmonia
Dos céos de minha terra á vastidão sonora!...
D'um leito ao cortinado a luz frouxa d'aurora
Lá começa a bater... Uns cantos festivaes,
E um povo a preparar seus arcos triumphaes!

Uma nuvem se abriu! resplandecente e lindo
Vejo um anjo baixar do céo, do espaço infindo,
E junto ao respaldar do leito — a escuridade
Fundir já quasi inteira : « Eu sou a Liberdade;
No passado gemi, penei nas amarguras,
Mas hoje o verbo sou ás gerações futuras! »

E presto a descambar na noite mais profunda,
Saúda a escravidão a Cesar moribunda!

NOTAS

A MORTE DO SOL

A scena passada no céu, isto é, a morte do sol, e a outra na terra — o embalar na rêde o cadaver do innocente filho das selvas — serviu-nos de motivo para narrar a lenda do Guanumby (beija-flôr), a ave do céu, da tradição persa, á qual nossos selvagens attribuem a missão de transportar para além das *montanhas azues* as almas das crianças, ao terceiro dia da morte.

A LENDA DO ALGODÃO

Esta lenda, da qual conhecemos outra versão, pertence á mythologia dos Munderucús, tribu populosa e guerreira, que so estendia por todo o territorio entre o rio Madeira e Tapajoz, na provincia do Pará e Matto-Grosso.

Actualmente disimada, tem conservado, não obstante

perseguições seculares, as suas tradições religiosas, seus processos mumificatorios, suas tatuagens riquissimas e suas festas nacionaes.

A versão de que nos servimos é a de Agassis. (Vid. *Journerey in Brasil.*)

A LENDA DAS PEDRAS VERDES

No *Rio Yamundá* do nosso amigo o celebre botanico e indianista Barbosa Rodrigues, lê-se:

« Dizem que nas fontes do rio Yamundá ha um formoso lago denominado Yacyuaruá, consagrado á lua pelas Amazonas. Em certa phase d'esta, em uma época marcada do anno, reuniam-se as Amazonas em torno do lago e faziam uma festa á lua e á mãi dos muirákitans, que no fundo do mesmo habitava. Dias depois de continua festa de expiação, quando o lago apresentava sua face lisa e sem ondas, e a lua n'elle reflectia-se, atiravam-se n'agua as Amazonas, e no fundo, da mão da mãi dos muirákitans, recebiam as pedras com as configurações que desejavam, então molles, porém endurecendo logo que sahiam d'agua. Essas pedras eram depois mimoseadas aos homens com quem as Amazonas se relacionavam. »

Os Uabôys referem a mesma fabula com outros detalhes. (Vid. Barbosa Rodrigues, *Exploração e estudos do Valle do Amazonas.*)

A LENDA DA ABOBORA

Pietro Martiri, no seu *Sommario dell' Indie Occidentali*, é quem dá noticia d'esse mytho americano — sem determinar entretanto o povo de que deriva.

Em todo o caso é uma cosmogonia aquatica que nos parece original, pois não conhecemos outra de semelhanças evidentes.

E grita a alma perdida... (pag. 88).

A *alma perdida* é um passaro que faz parte da mythologia dos indios do Alto Amazonas.

De genios máos esvasiando a noite.

Acredita a pluralidade das tribus indianas que as resinas e archotes accesos em torno do cadaver afugentam os espiritos maleficos.

E rincha o marabá, e os ritos cumprem-se (fig. 88).
A's dansas funeraes dos anthropophagos.

O *marabá* era o filho do prisioneiro de guerra que tinha fatalmente de seguir o destino de seu pai, isto é, de ser devorado em dia de festa ou de pompas lustraes.

Baseando a ceremonia funebre que precede á lenda no dizer dos mais antigos missionarios e chronistas, era indispensavel a presença d'esse personagem que

atravessava o ultimo dia da vida, não — como phantasia Gonçalves Dias — a transbordar de declamações cavalleirescas e orgulhoso de sua genealogia — porém *rinchando de alegria*, por isso que ia ter por sepultura estomagos humanos.

E nem outra cousa se encontra em Balthazar Telles, Simão de Vasconcellos, Léry, Fernão Cardim, Anchieta, Gabriel Soares, João Daniel e André de Barros, o que nos leva a suppor que o chefe da escola indianista, no *Y-Juca-Pyrama* e nas suas poesias selvagens, sacrificou ao effeito de suas delicadissimas concepções a verdade, embora ligeiramente observada por aquelles que conviveram com as nossas tribus primitivas.

O Sr. Dr. Eunapio Deiró, cuja competencia e vastissima erudição não é permittido a ninguem pôr em duvida, em um luminoso trabalho que prefaciaria dignamente a historia da litteratura brazileira, excluido que fosse o nosso nome, com relação a Gonçalves Dias, como poeta nacional, assim se pronuncia:

« Gonçalves Dias é o poeta menos nacional que temos; sua inspiração desabrocha da philosophia do seculo; sua musa é ora germanica ora aquecida ao calor do genio de Espronceda ou de Alf. de Musset.

« Não é este espirito — devorado das dores da civilisação — que póde exprimir as impetuosas tempestades, que rebramiam no seio das raças selvagens e ferozes, primitivas habitadoras do solo brazileiro. Nesse ponto faltou á sua missão.

« O indio, que canta nos versos de G. Dias, modula a mesma nota e toada, que a donzella de olhos negros, travessa nos bailes e nos salões; que o trovador das

cruzadas, e o frei Antão em suas primorosas e cinzeladas sextilhas.

« É sempre a corda da dôr, sempre o abatimento das forças da vida, sempre a Alcione lamentosa na solidão melancolica dos mares.

« O tupy e os tymbiras de G. Dias são selvagens, que sentem, pensam e fallam com as emoções, idéas e phrases do homem civilisado. Elles nem siquer nos illudem!... » (*Revista Brazileira* — 1881.)

Citando o pensamento do illustre critico que, como Sylvio Roméro e Clovis Bevilacqua, dirige a moderna orientação litteraria do Brazil, sustentamos que o « ideal caboclo não é o ideal da nação » confirmando entretanto que as *Flores Sylvestres* do nosso pranteado mestre Bittencourt Sampaio, o *Calabar* de Agrario de Menezes, os *Quadros* de J. Serra, *A filha do Mestre-regio* de Sylvio Roméro, *A Insulana* e as lendas de Franklin Doria e os *Cantos Populares* de Juvenal Galeno são mais brazileiros, representam melhor o sentir nacional, que a finada *Confederação dos Tamoyos* e as phantasmagorias tupicas do auctor dos *Tymbiras*.

A BOIA-AÇÚ

A ilha da Boia-açú, onde se encontra o lago da Boia-açú, é no rio Tapajoz, a trezentas e vinte braças da terra firme.

Boia-açú vem de « mioba, » cobra, e « açú », — grande.

A ROMARIA DO BOM-DESPACHO

Toma, que te dou!

Nas dansas populares do Norte — infallivel estribilho, que é acompanhado de lascivos requebros e termina em umbigada.

A ENDEMONINHADA

Na Bahia os casos de demonomania são frequentes; o sentimento superstícioso e a imitação constituem o elemento de contagio, de que resultam endemias.

Não temos noticia de que nas outras provincias a hysteria, a choréa-hysterica e a hystero-epilepsia se manifestem com tal intensidade e caracteristica.

O Dr. João Severiano da Fonseca na sua *Viagem ao redor do Brazil*, obra grandiosa e de rara estimativa, fallando de nosologias locaes, nada nos conta á respeito; Barbosa Rodrigues menciona apenas a hysteria esporadica no Amazonas, curiosamente symptomatisada nas tapuyas pelo grito da cauan, que as doentes imitam por longo tempo e á perfeição.

O nosso primeiro romancista Franklin Tavora, que se tem occupado em passar para as fórmas da arte a vida das populações do Norte, calando-se em referencia ao assumpto, nos faz crer que nas demais provincias esta nevrose não apresenta physionomia especial, o que não succede na Bahia, onde, até no quadro patho-

logico, a influencia dos padres e do africanismo patenteam-se incontestaveis.

A quem nos accusar pela estranheza do motivo poetico, responderemos que *A dansa de S. Guido* de Rubens forneceu materia para uma lição de Charcot, lição em que o sabio alienista da Salpetrière demonstrou epidemias da mesma natureza, produzidas pelo fanatismo da idade-média.

A *Endemoninhada* é uma scena de costumes e uma descripção de typos authenticos.

POEMAS DA ESCRAVIDÃO

Sobre essas poesias, que reimprimimos com o titulo acima, transcreve a *Gazeta de Noticias* em suas editoriaes o seguinte, que, além de ser admiravel pelos lavores de estylo, é uma interpretação fiel do pensamento propagandista que as dictou :

« O distincto critico da *Revista Brazileira*, cuja competencia em questões litterarias é conhecida, escreveu o seguinte sobre os *Cantos da Escravidão*, do illustrado Sr. Dr. Mello Moraes Filho :

« Sahem á luz, em 2.ª edição, no *Boletim* n.º 4 da *Associação central emancipadora*, colligidas sob aquelle titulo, treze producções do referido doutor, sobre o indicado assumpto, as quaes, publicadas pela primeira vez na *Gazeta de Noticias*, têm sido reproduzidas em varias folhas, quer do Norte, quer do Sul do Imperio.

« Nunca um êstro ardeu em mais pura chamma em

homenagem a um grande pensamento. O fim do Dr. Mello Moraes Filho, compondo esses versos naturaes, que muitos já sabem de cór e a outros têm servido de modelo para cantos da mesma natureza, não é incitar o escravo á insurreição, tornal-o algoz do senhor, fazel-o conspirador, criminoso, assassino. As harmonias da lyra do Dr. Mello Moraes Filho não são échos de uma tuba de guerra. Elle não prégа a desordem nas fazendas, a emboscada nos caminhos, o conciliabulo no eito, o veneno e o incendio no lar, o assassinio no lar e nas ruas. O poeta só tem um fim — tornar odiosa a escravidão, despertando a compaixão pelo escravo; e elle desperta aquella, descrevendo a triste condição d'este em versos de variado metro, que parece medirem-se pela variedade dos padecimentos do captivo. Elle fere a corda do affecto dos pais, das mãis, dos filhos, dos irmãos livres e senhores.

« Ha n'estes versos a inspiração da caridade, as saudaveis advertencias de sentimentos nascidos de espectaculos patheticos. Podem elles ser estimados nas pousadas escravas, ser cantados pelos negros na toada dos seus desconsolados serões; mas foram escriptos para ser lidos e meditados no lar livre, afim de gerarem ahi ao principio a repugnancia, depois a compaixão, por ultimo o horror pela escravidão.

« São umas vezes singelos, outros alevantados. A verdade dos traços, a viveza das côres, a realidade dos matizes não afogam os tons ideaes que são, para assim dizermos, a feição dominante nas producções da inspirada musa bahiana.

« Quem lê a *Partida de escravos*, a *Ama de leite*, a

Feiticeira, os *Filhos*, a *Familia*, *Verba testamentaria*, o *Escravo fugido*, não só reconhece ahi a vida do escravo no Brasil, cuidadosamente observada e habilmente descripta, mas tambem encontra os productos de uma imaginação instruida na escola idealista, cujos segredos conhece como mestre, e põe por obra como cultor fervoroso.

« Força é dizer que nenhum dos nossos poetas ainda dedicou em tão alto gráu o prestigio da sua inspiração á causa do captivo. O Sr. Dr. Mello Moraes Filho inicia uma escola, abre um caminho, mostra um rumo que póde ser seguido pelos novos poetas. Acompanha o escravo desde a taboa núa em que nasceu, até a cóva sem letreiro, na qual desapparece. Deixa nas nossas lettras o estudo psychologico e descriptivo de uma instituição que está condemnada, e que ha de cessar de todo algum dia entre nós, mas que tem forçosamente um logar importante em nossa historia.

« O trabalho do Dr. Mello Moraes Filho, ainda por este lado, deve reputar-se altamente meritorio. »

O REMORSO DE LUCAS

Foi Lucas o salteador mais temido de que tem noticia o Brasil. Na Bahia, e especialmente na Feira de Sant'-Anna, o seu nome é ainda pronunciado com pavor. O facto que originou esta poesia contou-nos quem o conheceu e á pobre victima de sua crueldade.

O escravo assassino, entretanto, tinha um sentimento bom — o da caridade. Com o producto do roubo sus-

tentava familias pobres, e soccorria, sem que se soubesse, a um sem numero de necessitados.

Era de uma valentia incrivel, e tornou-se cobarde.

Porque ?

A sombra d'aquella infeliz o perseguia por toda a parte, e aquelle espirito envergou o cilicio do remorso, segundo sua revelação, que apressou a expiação, na forca, de seus formidaveis crimes.

O ESCRAVO FUGIDO

No Diario de S. Paulo, de 19 de dezembro de 1884, foi publicado o seguinte annuncio :

« Escravo fugido. — Acha-se acoutado n'esta cidade o escravo pardo de nome Adão, de 29 annos de idade, pertencente ao fazendeiro abaixo assignado.

« E' alto, magro, tem bons dentes e alguns signaes de castigos nas costas, com a marca S P nas nadegas. E' muito fallador e tem por costume gabar muito a provincia da Bahia, d'onde é filho. Quem o prender e levar á casa de correcção será gratificado com a quantia de 200 $ 000. S. Paulo, 17 de dezembro de 1884. *Saturnino Pedroso.* »

POÈMES DE L'ESCLAVAGE

A respeito desta obra, cuja traducção da *Revue commerciale, financière et maritime* acha-se vertida para

o hespanhol, e publicada por D. Benigno T. Martinez, notavel historiador e americanista argentino, lê-se no *Paiz* de hontem :

« O nosso compatriota e distincto escriptor Dr. Mello Moraes Filho tem recebido das notabilidades litterarias da Europa as maiores provas de apreço pelo seu ultimo livro, *Poèmes de l'Esclavage*, cuja edição em francez é actualmente manuseada pelos litteratos europêos.

D'entre outras manifestações citaremos dous trechos, um de E. Reclus, outro de Emilio Zola.

Reclus escreve :

« Agradeço-lhe cordialmente a offerta dos *Poèmes de l'Esclavage*.

« Em troca desse livro chegado do Brasil, quantas obras recebidas, ahi, da Europa, poderiam ser intituladas pelos brasileiros *Cantos da servidão !*

« Que de esforços a tentar antes de se realizar o sonho que o senhor empresta a Colombo, e que infelizmente tão pouco o inspirou no seu modo de proceder ! »

De Zola são as seguintes linhas :

« Agradeço-lhe a amavel remessa dos seus *Poèmes de l'Esclavage*. Li-os com interesse, mas acho talvez mais sabor ainda ás suas *Legendes des Indiens*, que têm um caracter singular e *exquis*. »

(*Jornal do Commercio*, 7 de Novembro de 1884.)

Lib. S. Paulo 11-10-918

INDICE

Pag

Mello Moraes Filho (estudo) 1

Introducção XLV

SERTÕES ET FLORESTAS

Primeira parte

Anchieta 3

Ponte de lianas 17

A Tapéra da lua 20

O Trovador do sertão 25

A morte do Sol 27

Tarde tropical 31

No pouso 34

A Caipora 38

O bemtevi 40

A lenda do Algodão 42

Tempestade dos Tropicos 46

O palacio da Mãe d'agua 50

A romaria do Bom-Despacho 52

A Boia-Açú 60

A sucuruiúba 63

O ninho do beija-flor 66

Pag.
O sangue do jaguar 69
A mulata 71
As Uyáras 75
Boas-noites 78
Floresta submergida 80
A sereia do Jaburú 82
A lenda da Abobora 87
A tabaróa 92
No banho 96
A luz dos afogados 99
A lenda das pedras verdes 103
Noites do Equador 106
Tumulo selvagem 112

NOCTURNOS E PHANTASIAS

Segunda parte

A barca do Dante 117
Saudação dos mortos 120
Alma penada 123
A Endemoninhada 127
Ai! morena! 134
Hymno á Guanabara 136
Saudades 139
A vespera de Reis 144
As Horas 155
Os Immortaes 160

POEMAS DA ESCRAVIDÃO

Terceira parte

Ama de leite 173
Partida de escravos 174
A novena 179

Pag.
A rêde 182
Os filhos 185
O legado da morta. 187
Immigração. 189
O remorso de Lucas 192
Mãe de criação 194
Verba testamentaria. 196
A feiticeira 197
Ingenuos 200
A familia 202
O escravo fugido 204
Cantiga do eito 208
O Candomblé 210
Nos limbos 213
Ave, Cesar 216

NOTAS. 221

Paris. — Garnier Hermanos, 6, rue des Saints Pères.

DR. MELLO MORAES FILHO

O Sr. Dr Alexandre José de Mello Moraes Filho, fallecido no Rio, foi um escriptor e um tradicionalista de feição muito especial. Vindo ainda da geração romantica, elle começou a escrever e a fazer versos quando o romantismo era, na nossa litteratura, a expressão da revolta contra o regimen archaico que permittia a escravidão e suffocava outras fórmas de pensamento. Seu pai, o Sr. Dr. Alexandre José de Mello Moraes, o historiador, era um tradicionalista, e assim, por varios titulos, o morto de hontem continuou a obra de seu progenitor. Mas nelle predominava outro aspecto da vida do Brasil.

Os romanticos procuraram, no que havia de mais caracteristico na vida nacional, para consagrar na litteratura como uma expressão peculiar no Brasil; o Sr. Dr. Mello Moraes Filho foi dos primeiros que comprehendeu que não era o autochtone primitivo o melhor symbolo da nacionalidade. O que elle foi procurar e estudar foi o que havia de mais particularmente brasileiro, nos nossos costumes, nas festas do sertão, no "folk-lore", na maneira com que o caboclo expande a sua alegria e cumpre o seu rito religioso.

Foi, assim, um amavel e dedicado estudador das nossas tradições e de todas as suas manifestações.

O Sr. Dr. Mello Moraes Filho, nasceu na Bahia, aos 27 de Fevereiro de 1844. Morre, assim, aos 75 annos de idade.

Estudou humanidades na Bahia e se destinava ao estado ecclesiastico, mas, em pouco tempo, comprehendeu que a sua vocação não era essa e, assim, seguio para a Belgica, onde se formou em medicina, em Bruxellas.

De volta da Europa, fixou-se no Rio, onde exerceu por largo tempo a clinica. Para confirmação de seu titulo de Doutor em medicina, apresentou, em 1874, á Faculdade de Medicina, uma these sobre "vaginite".

No mesmo anno, publicou o seu primeiro trabalho de critica litteraria, o "Curso de litteratura brasileira", do qual tirou segunda edição em 1881.

Critico de arte, poeta, "folkrista", critico litterario, historiador da pequena historia, elle de então em diante desenvolveu grande actividade intellectual, escrevendo

em jornaes e revistas e publicando livros sobre livros. Em 1879 deu á estampa o volume "Bellas Artes", critica da Exposição de 1879; em 1880, os "Contos do Equador", poemas de feição romantica, do genero de Magalhães e Porto Alegre; em 1882, publicou a "Revista da Exposição Anthropologica do Brasil", onde revelou conhecimentos do nosso homem primitivo; em 1884 nova série de poesias "Mythos e Poemas"; em 1885, uma collectanea e critica de poetas brasileiros, "O Parnaso Brasileiro"; em 1886, um estudo que ficou classico na nossa erudição historica sobre os "Ciganos no Brasil"; no mesmo anno, o Sr. Dr. Mello Moraes, publicou um estudo critico sobre o seu pai; em 1895, a "Historia do Natal"; em 1897, a "Patria Selvagem", obra tambem classica, ethnographica do nosso aborigene; em 1900, os "Cantores Brasileiros", interessante collecção de "folk-lore"; em 1901, as "Festas e tradições populares do Brasil", seu livro mais popular, onde condensou, pela primeira vez, costumes que a litteratura e a erudição ainda não tinham citado; em 1903, "João Caetano"; em 1904, "Artistas do meu tempo"; no mesmo anno; "Historia e costume". "Factos e memorias; em 1906 "Um estadista da Republica"; no mesmo anno, nova collecção de folk-lore"; "Serenatas e Saráos", (3 volumes); em 1910, "Altar encerrado", "Saudação aos mortos", "Cancioneiro de ciganas", "Quadras e chronicas" "Poetas contemporaneos", e "Archivo do Districto Federal".

O Sr. Dr. Mello Moraes Filho foi, como poeta, dos ultimos romanticos. Era, talvez, o ultimo sobrevivente dos que foram a segunda geração do romantismo. Seus versos têm os defeitos e as qualidades da escola.

Mas não foi como poeta que elle se popularizou. Não foi como historiador, nem como pesquizador incansavel, que deixou curiosos subsidios para a historia. Foi, principalmente, como historiador de costumes, tradicionalista e "folk-lorista". Os seus trabalhos a este respeito ficaram classicos e reunem o que ha de melhor sobre o assumpto.

Como Director do Archivo Municipal, cargo que exerceu largos annos, e no qual se aposentou, fez pesquizas curiosas e publicou documentos interessantes e estudos sobre a cidade.

De espirito sempre alegre, enthusiasta e expansivo, o Dr. Mello Moraes Filho se

apaixonou pelo que constitúia a sua especialidade como tradicionalista e, assim, escreveu musicas e poesias para modinhas e lundu's, á moda antiga.

Não se limitava, porém, a fazer a musica e os versos; elle os executava e cantava, e na sua vivenda, á rua S. Januario, reunio durante largo tempo, um grupo afinado de amadores, rapazes e senhorinhas de sociedade, que, sob a direcção de tão competente ensaiador, reproduziam, em épocas apropriadas, os festejos e os cantares tradicionaes do antigo Brasil e do sertão.

Os seus *reisados* fizeram mesmo época. Sahiram na vespera de Reis e as reuniões em sua casa alcançaram um successo legitimo, porque tinham um alto relevo nacionalista e um cunho artistico verdadeiramente notavel.

O Dr. Mello Moraes, já sexagenario, era a alma de todos esses saráos e canções. Tocava, dansava, cantava.

Espirito alegre e aberto á affeições, attrahia os jovens intellectuaes e assim se tornou, durante largo tempo, o centro de reuniões e de amizades litterarias.

Tocava violão com muito sentimento e, contam mesmo, que na sua mocidade, longe do Brasil, antes de seguir o curso medico, teve de tocar pela Europa, para ganhar a vida.

O espirito romantico em que firmara a sua educação litteraria, sempre o avivou e, companheiro da segunda geração do romantismo, amigo que fôra de Castro Alves, Fagundes Varella, Laurindo Rabello e Manoel de Macedo, nunca abandonara a feição e os themas da escola. Foi sob este ponto de vista o ultimo romantico, mas, como já dissemos, não foi nesse caracter que a sua personalidade se fixou e popularizou.

Os seus grandes poemas poucos leitores terão; mas as suas modinhas, os seus lundu's, as suas adaptações e vulgarizações do "folk-lore" e das tradições populares do Brasil, são largamente conhecidos e ainda são repetidos pelo paiz á fóra...

Foi, assim, um nacionalista que, sob um determinado ponto de vista, soube reviver, reanimar, restaurar tradições e fazer amado pelo Brasil culto o sentimento profundo da raça, que se traduz nos cantares e festejos da gente humilde e boa, que é o fundamento da propria nacionalidade.

O Sr. Mello Moraes Filho casou-se, em

primeiras nupcias com D. Joaquina Durão de Mello Moraes, e, em segundas, com D. Eulalia Durão de Mello Moraes.

O illustre tradicionalista conservou até ha poucos mezes a sua vivacidade antiga. Typo do tempo em que formou o seu espirito e do qual não mais se afastara, era expansivo, brincalhão, alegre, contador de anecdotas, palestrador que prendia e enthusiasmava...

A sua figura já era tradicional na cidade que elle tão bem estudou...